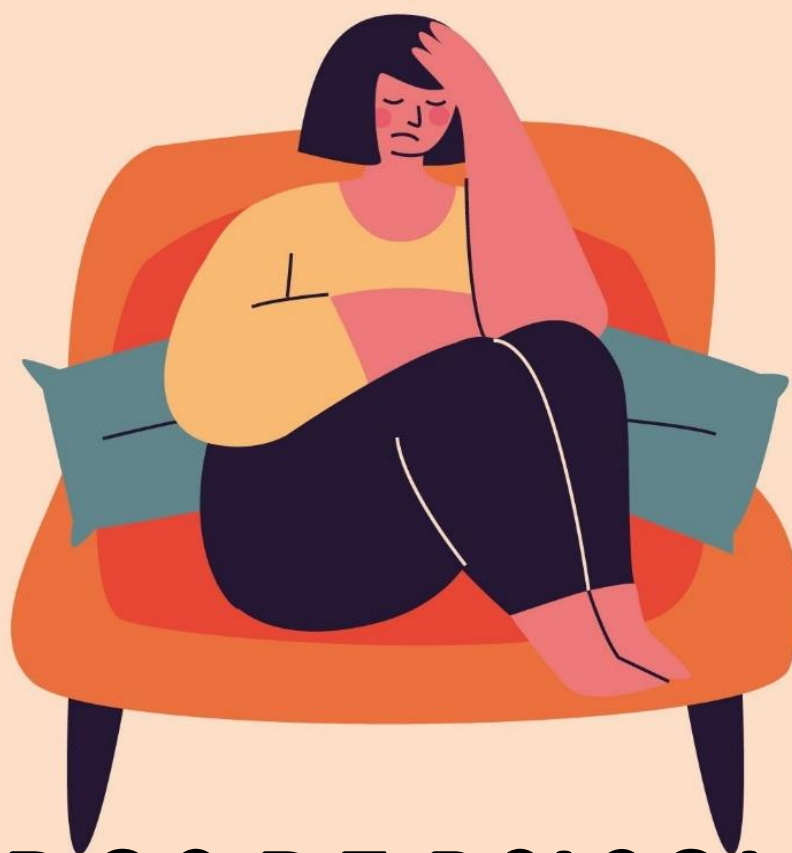




Organizador
Jader Luís da Silveira



ESTUDOS DE PSICOLOGIA E SAÚDE MENTAL *Realidades*

EDITORA
UNION



Organizador
Jader Luís da Silveira



ESTUDOS DE PSICOLOGIA E SAÚDE MENTAL

Realidades

EDITORA
UNION

© 2022 – Editora Union

www.editoraunion.com.br

editoraunion@gmail.com

Editor Chefe e Organizador: Jader Luís da Silveira

Editores e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Union

Revisão: Respective autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Rícael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Esp. Alessandro Moura Costa, Ministério da Defesa - Exército Brasileiro

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S587p Silveira, Jader Luís da
Estudos de Psicologia e Saúde Mental: Realidades / Jader Luís da Silveira (organizador). – Formiga (MG): Editora Union, 2022. 149 p. : il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-997125-2-4
DOI: 10.5281/zenodo.5940075

1. Psicologia. 2. Saúde Mental. 3. Realidades. 4. Estudos. I. Silveira, Jader Luís da. II. Título.

CDD: 150
CDU: 159.9

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Union
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.editoraunion.com.br
editoraunion@gmail.com
Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.editoraunion.com.br/2022/02/estudos-de-psicologia-e-saude-mental.html>



AUTORES

Alessandro Vieira dos Reis

Alfredo Menotti Colucci

Charles Henrique Andrade de Oliveira

Deise Bastos de Araújo

Ederaldo José Lopes

Ellen Maria Oliveira de Sá

Ingrid da Silva Rodrigues

João Ricard Pereira da Silva

Ludimila Eduarda Hreczynski da Silva

Marseilly Carvalho Oliveira Rocha

Nilton S. Formiga

Poliana Hreczynski Ribeiro

Sacha Epskamp

Sandriely Tenório Feitosa de Assis

APRESENTAÇÃO

A Psicologia busca a compreensão acerca de como o ser humano cria a sua história, e o papel do psicólogo é utilizar essa ciência para conduzir uma pessoa à autodescoberta, à compreensão sobre as suas dificuldades e a forma com que se relaciona com o seu “mundo interior” e exterior.

A obra pretende ser uma fonte de inspiração para outros professores, além de ser uma ferramenta capaz de motivar novas práticas e a inserção de elementos inovadores na sala de aula.

Desta forma, esta publicação tem como um dos objetivos, garantir a reunião e visibilidade destes conteúdos científicos por meio de um canal de comunicação preferível de muitos leitores.

Este e-book conta com trabalhos científicos de diferentes áreas da Psicologia, contabilizando contribuições de diversos autores. É possível verificar a utilização de muitas metodologias de pesquisa aplicadas, assim como uma variedade de objetos de estudo.

SUMÁRIO

Capítulo 1 CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA RECUPERAÇÃO FUNCIONAL ATRAVÉS DA REALIDADE VIRTUAL <i>Charles Henrique Andrade de Oliveira; João Ricard Pereira da Silva</i>	8
Capítulo 2 O ENSINO DA DANÇA PARA ADOLESCENTES E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR <i>Ingrid da Silva Rodrigues; Deise Bastos de Araújo</i>	27
Capítulo 3 O DESENHO INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIAÇÃO E DA IMAGINAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL <i>Poliana Hreczynski Ribeiro; Ludimila Eduarda Hreczynski da Silva</i>	47
Capítulo 4 PERSONALIDADE E CRIME: UM ESTUDO SOBRE OS ESQUEMAS DE PERSONALIDADE EM INDIVÍDUOS PRIVADOS DE LIBERDADE <i>Marseilly Carvalho Oliveira Rocha; Nilton S. Formiga; Ederaldo José Lopes</i>	59
Capítulo 5 DEPRESSÃO NO PUERPÉRIO <i>Ellen Maria Oliveira de Sá</i>	91
Capítulo 6 A COMUNICAÇÃO CORPO E MENTE. É POSSÍVEL? <i>Alfredo Menotti Colucci</i>	103
Capítulo 7 PSICÓLOGO NA REABILITAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PSICOLÓGICA <i>Sandriely Tenório Feitosa de Assis; Charles Henrique Andrade de Oliveira</i>	114
Capítulo 8 PSYCHONETRICS: MODELAGEM DE EQUAÇÕES ESTRUTURAIS COMPLEMENTADA POR ANÁLISE DE REDES <i>Alessandro Vieira dos Reis; Sacha Epskamp</i>	130
Currículos dos Autores	147

Capítulo 1

CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA RECUPERAÇÃO FUNCIONAL ATRAVÉS DA REALIDADE VIRTUAL

Charles Henrique Andrade de Oliveira

João Ricard Pereira da Silva

CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA RECUPERAÇÃO FUNCIONAL ATRAVÉS DA REALIDADE VIRTUAL

Charles Henrique Andrade de Oliveira

Mestre em Saúde Mental pela UPE campus Garanhuns; Especialização em Psicologia Clínica nas Instituições pela FAFIRE; Psicólogo clínico atuante em Centro Especializado em Reabilitação – CER- IV e Clínica InterArco – Terapias Integradas. E-mail: charles.andrade@fundacaoterra.org.br

João Ricard Pereira da Silva

Doutor em Antropologia pela UFPE; Mestre em Psicologia Clínica pela UNICAP; Professor adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE) campus Garanhuns. E-mail: joaoricard@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo apresenta diferentes formas de constituição de subjetividades através da realidade virtual na recuperação funcional e recorte de pesquisa realizada para obtenção de título de mestrado em Saúde Mental. Reafirmando o lugar relevante da Psicologia em uma equipe multiprofissional cujo objetivo é a melhora na qualidade de vida, considerando as formas de subjetividades em cenário onde, hegemonicamente, o sujeito é considerado como um corpo marcado. A interação em ambiente virtual permite a observação e análise de aspectos motores e cognitivos relacionados a patologia e implicações desta no cotidiano. Diante de procedimentos não tradicionais, propomos um deslocamento do sujeito “passivo”, para um lugar mais ativo no seu processo de (re)habilitação. A base metodológica utilizada foi a etnografia, processo participativo, reflexivo, com/serviço dos profissionais/usuários, estabelecendo espaços para a troca de conhecimentos sobre o cuidado integral, com base em seus próprios significados. Os resultados apresentados foram positivos para os aspectos físicos como: propriocepção, coordenação motora (ampla e fina), fortalecimento da musculatura, equilíbrio, incluindo a observação de respostas positivas também quanto a estimulação cognitiva, concentração e atenção, como também a labilidade de humor, reforço no auto cuidado e responsabilidade com o seu acompanhamento, comportamentos essenciais na realização da atividade, considerando suas singularidades e subjetivações. No ambiente visual podem refletir características como: traços de personalidade, interesse ou inteligência, proporcionando dados para diferentes construtos, potencial de indicadores, para novas articulações teóricas na área de psicologia, incluindo o comportamento como saúde, autocuidado e de responsabilidade dos usuários de maneira ativa em seu tratamento, considerando novas constituições.

Palavras-chave: Realidade Virtual. Construção de Subjetividades. Recuperação Funcional.

Abstract: This article presents different ways of constituting subjectivities through virtual reality in functional recovery and a part of research carried out to obtain a master's degree in Mental Health. Reaffirming the relevant place of Psychology in a multidisciplinary team whose objective is to improve the quality of life, considering the forms of subjectivities in a scenario where, hegemonically, the subject is considered as a marked body. The interaction in a virtual environment allows the observation and analysis of motor and cognitive aspects related to the pathology and its implications in daily life. Faced with non-traditional procedures, we propose a shift from the “passive” subject to a more active place in their (re)habilitation process. The methodological basis used was ethnography, a participatory, reflective process, with/service of professionals/users, establishing spaces for the exchange of knowledge about comprehensive care, based on their own meanings. The results presented were positive for physical aspects such as: proprioception, motor coordination (wide and fine), muscle strengthening, balance, including the observation of positive responses also regarding cognitive stimulation, concentration and attention, as well as mood lability, reinforcement of self-care and responsibility with monitoring, essential behaviors in carrying out the activity, considering its singularities and subjectivity. In the visual environment they may reflect characteristics such as: personality traits, interest or intelligence, providing data for different constructs, potential indicators, for new theoretical articulations in the field of psychology, including behavior such as health, self-care and responsibility of users in an active way in its treatment, considering new constitutions.

Keywords: Virtual Reality. Construction of Subjectives. Functional Recovery.

INTRODUÇÃO

O indivíduo que é inserido em um processo de recuperação funcional, passa por planos de experiências e do viver, diante de uma nova situação, como: a perda funcional temporária, transitória ou permanente em um dos seus membros, o que tende a adotar uma nova maneira de *estar* no mundo, proporcionando novas maneiras para a produção de subjetividades, de maneira a ser pautada de forma coletivamente e por linhas singulares, heterogêneas. Esse processo ocorre quando o sujeito se vê em um estranhamento ao que já fora constituído de sua subjetividade, o que PIGOZI (2018, p. 03) nomeia agenciamento, que estará sempre ligado ao meio exterior “tais dinâmicas e jogos de forças de diferenciação e repetição formam uma rede, um rizoma no qual tudo é conectável, não há começo nem fim, nem certo ou errado. Tudo é possível e isso constitui a subjetividade humana”.

Este artigo parte da perspectiva de que os processos de subjetivação são relevantes no processo de recuperação funcional, devido a seus dinamismos, não engessadas em uma

estrutura de ordem dicotômica entre saúde e doença, não apenas física ou apenas psíquica. Trata-se do efeito nas relações que cada sujeito desenvolve integralmente, sendo assim mutáveis ao se considerar seus processos constitutivos, verificando que o indivíduo não é inacabado, estando em processos construtos, em processos de subjetivação, articulando diversos elementos distintos, de forma singular, que podem variar com o tempo, podendo ser modificada, sob influência do ambiente e das interações sociais (BRAZÃO, 2014).

A Realidade Virtual¹ é uma ferramenta que envolve o lúdico no processo de recuperação funcional em Centros Especializados em Reabilitação (CER), podendo integrar atividades realizadas no cotidiano do indivíduo em um ambiente virtual, na área da fisioterapia e terapia ocupacional. Estes trabalham com diferentes tipos de usuários, envolvendo aspectos como: força, equilíbrio e controle motor, incluindo os com comprometimentos neurológicos (SANTOS *et al.*, 2018).

Esse tipo de intervenção com RV é considerada por alguns profissionais de saúde como treino, ou atividade física. MACIEL *et al.* (2018) apontam para uma perspectiva de qualidade dessa vivência como componente cultural, humanizando-a, dentro de uma perspectiva que envolve a autossatisfação, o reconhecimento das subjetividades e a valoração positiva, vivenciando individualmente seus sentidos pela atividade, levando a uma reconstrução para o desenvolver humano, incluindo usuários em recuperação funcional.

A RV tem sido utilizada comumente como um complemento das terapias tradicionais na recuperação física em centros de reabilitação física entre os setores de Terapia Ocupacional e/ou Fisioterapia. Neste artigo aponta para os equipamentos utilizados: o Nitendo Wii, uma televisão, um joystick sem fio (*wiimote*), que captam os movimentos do usuário, e/ou a plataforma *Wii Balance Board*, que capta os movimentos através de sensores de movimento e/ou dos quatro de pressão; o X-Box, que se difere do primeiro, pois capta os movimentos apenas através de sensores, sem qualquer outro recurso (CARVALHO *et al.*, 2014).

Ao interagir com um sistema computacional, o usuário pode experienciar a sensação de realidade através de um ambiente virtual, uma interface artificial, para quem o usa, permitindo que os profissionais atuantes analisem aspectos motores, assim como

¹ Termo criado no final dos anos 80 por *Jaron Lanier*, cientista da computação e artista (RODRIGUES E PORTO, 2013).

aspectos cognitivos relacionados a patologia e/ou situações de agravo à saúde, que possam afetar sua qualidade de vida (SANTANA *et al.*, 2015).

LIMA e YAUSI (2014) apontam para uma perspectiva *deleuziana* que entende que os lugares de cuidados são territórios, compreendendo-os “como um agenciamento entre seres, fluxos e matérias” (p. 599). Na recuperação funcional, o cuidado integral do sujeito, trata-se do cuidado biopsicossocial, investindo em intervenções que operam na criação de novas estratégias, novos territórios, que promovam traçar novas linhas de vida. É necessário que os equipamentos de saúde, assim como os centros de reabilitação, possam compreender que são, em seu potencial, lugares de construção de territórios existenciais, mesmo que transitórios e que podem ampliar nas suas relações, as vidas que ali circulam e com os outros “territórios” com os quais os usuários transitam. A ideia é que o território não é apenas o serviço, mas, pensando no cuidado integral, é pensar em constituir diferentes vetores que transpassam pela singularidade de cada sujeito cuidado, e os diferentes lugares que este transita.

Desta maneira entende-se que o cuidado em saúde deve colocar o sujeito do cuidado como ativo em todas as questões envolvidas nas intervenções envolvendo saúde-doença-cuidado, considerando todas as suas influências culturais e de como essas interações resultam e influenciam nos resultados dos tratamentos de saúde, sejam entre os membros da família e/ou cuidadores ou entre a equipe profissional e o sujeito (CONTATORE *et al.*, 2018).

A qualidade dessas relações interferiu no resultado e na produção de autonomia nos cuidados. Percebeu-se que a qualidade do cuidado não estava diretamente relacionada à expertise técnica de um profissional de saúde, mas, sim, ao suporte que o apoio social oferecia à pessoa que adoece [...] Cuidado, nesse sentido, precisou ser visto não apenas como uma atividade unidirecional realizada pelo cuidador, mas sim como o resultado da relação entre as diferentes partes, em que o respeito mútuo e o fomento das capacidades e da autonomia do destinatário vinham acima de tudo (CONTATORE *et al.*, 2018, p. 05).

A recuperação funcional é uma atuação realizada por equipes multiprofissionais, devendo levar em consideração a identificação das diversas concepções do entendimento dos conceitos de saúde-doença que influenciam a atuação não apenas individual, mas em equipe. O diálogo interprofissional, entre saberes diferentes, deve promover estratégias de compartilhamento não apenas entre os profissionais atuantes, mas envolver em todos os seus processos e procedimentos, o sujeito atendido (CAMPOS *et al.*, 2014).

Em um trabalho verdadeiramente interprofissional, cada profissional deve atentar-se a uma atuação não centrada apenas em procedimentos, o que pode levar a uma falta de interesse do usuário e, conseqüentemente ao empobrecimento dessa relação. A primazia da eficácia e potencialidade das intervenções é pautada ao considerar a singularidade de cada sujeito e seus processos de subjetivações. A relação quando vertical, unidirecional, subtraindo o usuário da intervenção, sendo uma atuação diretamente e soberana do saber técnico e científico, pode levar a não adesão do sujeito ao seu próprio processo de cuidado (MERHY *et al.*, 2016).

MÉTODO

A pesquisa se caracteriza como qualitativa e tem um recorte etnográfico, e foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética sob o número CAE 83717518.3.000.5207 de acordo com os padrões éticos exigidos. Os participantes foram chamados de *Interators*², todos maiores de 18 anos, inseridos na recuperação física em um centro de reabilitação localizado no sertão de Pernambuco, em acompanhamento psicológico com a utilização do dispositivo da RV (também chamados de jogos digitais), como parte do planejamento de sua recuperação funcional, tendo a equipe técnica que atua junto ao usuário. Todos os usuários também assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Os relatos citados foram verbalizados livremente (sentimentos e elaborações) ao longo dos encontros.

Em todas as intervenções foram utilizados, de maneira alternada (de acordo com o planejamento da equipe e da disponibilidade dos usuários), os recursos do Nitendo Wii, com o *wiimote* (joystick sem fio) e a *Wii Balance Board* (plataforma), e o X-Box.

O jogo sempre esteve presente na cultura humana, e está ligado à busca de diversão, do lazer, um desligamento das tarefas e responsabilidades do dia-a-dia. O objeto lúdico é o que atrai o indivíduo ao mundo dos jogos, proporcionando observarem-se além de seus corpos, aspectos não observáveis, subjetivos, e de conteúdos verbalizados durante a atividade (SATO, 2009).

² Nome dado ao sujeito que interage com ambiente virtual, integrando a esse ambiente (SATO, 2009).

O fator lúdico, originalmente do latim ludus, refere-se primordialmente à busca da diversão e do prazer no jogar e/ou brincar do ser humano. Sendo assim, compreendemos que o jogo e a brincadeira são aspectos inerentes à sociedade, sendo atividades que devem se apresentar de forma natural, nas práticas e atitudes do homem. O homem encontra a sensação do prazer ao imergir em uma brincadeira ou em jogo (Sato, 2009, pp. 37-38).

BALISTA (2013) afirma que essa prática na recuperação funcional tende a seguir modelos convencionais de longa duração, repetitivos, cansativos e desestimulantes para o sujeito do cuidado. Os ambientes virtuais surgem como uma proposta alternativa e complementar de maior motivação e maiores possibilidades de intervenção, possibilitando mais incentivo na frequência dessas atividades propostas, apresentando, assim, respostas mais rápidas e eficazes.

As intervenções pautadas no olhar etnográfico, base teórica deste trabalho, são baseadas em um processo participativo, reflexivo, com e a serviço dos profissionais atuantes e os usuários, estabelecendo espaços para a troca de conhecimentos, numa relação horizontal, que nos permitiu refletir sobre o cuidado de forma integral, com base em seus próprios significados, promovendo um processo de troca e reflexão crítica, entre seus atuantes (LOAIZA e CORREA, 2018).

Autores como ARNONI *et al.* (2018) nos mostram que pessoas com restrições funcionais cotidianas interferem também em sua participação social. Essas dificuldades podem influenciar diretamente na sua autoestima e autoconceito. Entende-se que o autoconceito diz respeito a percepção de si mesmo em diferentes situações e a motivação tem um caráter psicológico que age em situações que sejam novas e desafiadoras, o que leva o indivíduo à ação. Ao avaliar o nível de perda funcional pode, de forma negativa, influenciar no autoconceito e na autoestima. O uso da RV pode funcionar como uma maneira de aumentar a motivação durante seu processo de recuperação funcional, o que pode contribuir positivamente não apenas na adesão ao tratamento como potencializar de seus resultados.

Ao longo da história da Psicologia como ciência é comum o uso de laboratórios experimentais como caminhos para a conquista de status científico. Isso proporciona avanços teóricos que contribuiriam na relevância científica no conhecimento na área dos jogos digitais, permitindo que esse recurso permite aos profissionais avaliar aspectos psicológicos, ampliando de forma significativa modelos tradicionais, sem a interseção com os processos de subjetividades, contribuindo no cuidado de sujeitos em recuperação

funcional atingirem seus objetivos. Tais intervenções contribuíram para melhora da qualidade de vida, identificando seus potenciais e fragilidades e, assim, na proposição da intervenção que melhor se adequa a singularidade de cada pessoa (BUENO e PEIXOTO, 2018).

O quadro abaixo ajuda o leitor a conhecer os *Interators*, protagonistas desta intervenção.

Quadro I: Caracterização dos *Interators* participantes

<i>INTERATOR</i>	IDADE	SEXO	GRAU DE INSTRUÇÃO	DIAGNÓSTICO	SEQUELAS FÍSICAS	EQUIPE DE ATENDIMENTO
<i>Interator1</i>	31 anos	Fem.	Nível Superior Completo	Traumatismo Raquimedular	Paraplegia	Fisioterapia (solo e aquática), Psicologia e Fonoaudiologia.
<i>Interator2</i>	18 anos	Mas.	Ensino Médio Incompleto	Traumatismo Craniano	Dificuldade de deambular e fala	Fisioterapia (solo e aquática), Psicologia, Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia.
<i>Interator3</i>	38 anos	Mas.	Nível Superior Completo	Esclerose Lateral Amiotrófica	Dificuldade de deambular e na fala	Fisioterapia (solo e aquática), Psicologia, Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia.

Foram realizados 04 (quatro) encontros com cada *Interator* e a equipe de profissionais que atendem sistematicamente o mesmo, assim como o psicólogo-pesquisador, sendo esses chamados de *Avatar* (personagens presentes no ambiente virtual). Os participantes têm entre 18 e 38 anos, dois com nível superior e um com ensino médio e as suas patologias são: Traumatismo Raquimedular, Traumatismo Craniano e ELA. As principais sequelas decorrentes dessas patologias são: paraplegia, dificuldade de deambular e na fala. Todos os participantes realizam atendimento nas áreas de fisioterapia (solo e aquática), psicologia, terapia ocupacional e fonoaudiologia. Os participantes são os únicos que têm em seu projeto terapêutico a utilização do recurso da RV no centro.

RESULTADOS

O trabalho multiprofissional em um centro de reabilitação requer diferentes procedimentos e ferramentas no trabalho da recuperação funcional, onde comumente a RV é utilizada pelos setores de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Contudo os aspectos psicológicos são agregadores para os objetivos dos que precisam do cuidado, colaborando de forma mais efetiva numa intervenção interprofissional, provendo atenção às questões subjetivas implicadas nessas intervenções, incluindo as singularidades de cada sujeito, incluindo as avaliações fundamentadas nas competências específicas de cada profissional envolvido (PRIMI, 2018).

Ao pensar em saúde na recuperação funcional é primordial compreender que existe uma interação intersubjetiva mediada pelas estruturas institucionais e organizacionais na área da saúde e no contexto social. Cuidar do outro implica um encontro entre diferentes indivíduos com diferentes tipos de relações: desejos, interesses, saberes e poder. Desta maneira as relações entre o profissional e o usuário demarca uma diferença entre o saber clínico e sanitário a ser ofertado e a subjetividade daquele que busca o cuidado (CAMPOS *et al.*, 2014).

Sugere-se operar com a noção de que todo encontro clínico ou sanitário é um “espaço coletivo”; em que se faz necessária a reflexão sobre esses papéis e responsabilidades distintos. Tal reflexão deve subsidiar linhas de mudança necessárias para reorientar o trabalho clínico e em Saúde Coletiva, buscando a ampliação do seu núcleo de conhecimento e de práticas, e o seu compartilhamento entre trabalhador e usuário. Trata-se de inventar modos de cogestão do ato e do processo clínico e sanitário em geral (Campos *et al.*, p. 990).

Primi (2018) aponta para o conceito de processo de aprendizagem socioemocional no qual os usuários submetidos às experiências que estimulam novos conhecimentos, permitem acessar novos conhecimentos sobre si, suas atitudes e possíveis habilidades e potencialidades, permitindo organizar suas emoções e reconsiderando suas metas de forma positiva, tomada de decisões, e suas competências.

Nesta perspectiva convida-se o leitor a emergir nos discursos provenientes das intervenções realizadas entre profissionais e usuários, fazendo uma articulação teórica das experiências vivenciadas com os processos subjetivos envolvendo os participantes.

É bem mais prazeroso fazer porque sai da mesmice... É bom quando tô com raiva de alguma coisa, coloca o jogo de bater, aí eu extravaso... E força

mais também porque são os dois trabalhando, cada um me força de um jeito diferente (risos)... Fica até mais difícil de fazer duas coisas ao mesmo tempo, falar e prestar atenção no jogo... Cansa muito... Sinto dores, mas é suportável, parece que trabalho mais ou igualmente quando no ginásio (referente à fisioterapia em solo)... (*Interator1* em atendimento interprofissional com *AvatarFisio* e *AvatarPsi*)

Com todos juntos eu me esforço mais, mas é difícil falar e realizar os movimentos, os exercícios... Sinto até dor quando falo... Imagine fazer isso tudo com um medo danado de cair pra frente (risos)... Mas me sinto muito bem com todos juntos... É até mais divertido, esqueço que estou fazendo tratamento (risos)... (*Interator1* em atendimento interprofissional com *AvatarFisio*, *AvatarFono* e *AvatarPsi*)

Vamos fazer por etapas e vendo até onde você aguenta e consegue, ou se você preferir dispensamos os atendimentos físicos hoje (*AvatarFisio*) [...] Vamos fazendo e eu vou dizendo se aguento ou não, mas tô bem, só me sentindo estranha... mas vamos lá... E outra, com vocês todos aqui tô tranquila demais... (*Interator1* em atendimento com *AvatarEnferm*, *AvatarFisio*, *AvatarFono* e *AvatarPsi*)

Acho melhor a gente continuar toda semana trabalhar junto (fisioterapia e psicologia) porque esta tendo um resultado muito melhor (*AvatarFisio*) [...] Ah acho ótimo os dois juntos... me sinto mais segura... sem problemas. (*Interator1* em atendimento interprofissional de *AvatarFisio*, *AvatarFono* e *AvatarPsi*)

Através desses relatos podemos identificar aspectos emocionais e psicológicos que ocorrem de forma *dançante* através das vivências experienciadas pelo corpo da *Interator1*, que demonstra satisfação, dor, alegria, atenção, mas, apesar disso, seu corpo também funcionara como instrumento de luta. Esta se fazia *rizoma*, conectado as pluralidades infinitas em seu cuidado. Conceito *deleuziano* apresentados por Pigozi (2018), onde este conjunto de concepções chamado rizoma, se configura como um sistema que pode ser rompido, quebrado e pode retomar segundo uma ou mais linhas, sempre em movimento e mutável, como a nossa construção de subjetividade. Não há uma ideia de engessamento e sim de continuidade. Observar e constatar os aspectos da singularidade, seus aspectos subjetivos, não diz respeito a compreendê-los e julgar sua adequação a situação de recuperação funcional a qual está inserido, mas como este responde sobre suas linhas de experiências, suas elaborações e seu protagonismo na experiência vivida (PIGOZI, 2018).

Olha assim é mais difícil que os outros, porque tenho que prestar atenção em duas coisas diferentes (risos)... e como os dois juntos (psicólogo e fisioterapeuta) aí é que vai ser mais ainda (risos)... (*Interator2*)

Ficou bem claro que os objetivos tanto da gente quanto do usuário eram os mesmos, dar mais segurança em seus movimentos para o seu dia a dia, maior mobilidade para retorno as suas atividades. Ele tem uma evolução muito grande, devido à gravidade de sua lesão, a recuperação foi grande, agora é o que a gente chama de manutenção, trabalhar em cima das sequelas que ainda atrapalham ele... (*AvatarFisio* em atendimento com *AvatarPsi*)

Vamos fazer diferente então, para trabalhar a voz enquanto tu joga vê se consegue realizar o exercício da língua... Será que tu consegue fazer as duas coisas? (*AvatarFono*)

Dá pra fazer sim... Só esqueci de contar quantas vezes eu fiz (risos)... Eita tô me sentindo importante com todos os doutores comigo (risos)... fico até mais cansado com tanta coisa (risos)... (*Interatro2* – em atendimento com *AvatarFisio*, *AvatarFono* e *AvatarPsi*)

Esse é até mais difícil (X-box) porque as minhas pernas não obedecem direito (risos), tenho que prestar mais atenção, acho até que cansa mais... Mas é mais “real” (risos)... (*Interatro2*)

Eu gosto mais de utilizar esse porque o movimento é mais completo, exige mais do paciente, fica até melhor para trabalhar... Além da gente poder ver a coordenação do paciente, se ele tá entendendo, a postura... (*AvatarFisio*)

Seria ótimo que fosse toda semana assim, vocês todos juntos e ficava aqui pelo menos uma hora inteira (risos)... (*Interatro2* referente a intervenção em conjunto, com *AvatarFisio*, *AvatarFono* e *AvatarPsi*)

A utilização da RV proporciona aos profissionais verificar respostas positivas quantos aos aspectos físicos como: propriocepção, coordenação motora (ampla e fina), fortalecimento da musculatura, equilíbrio, incluindo a observação à estimulação cognitiva, concentração e atenção (CARVALHO *et al.*, 2014). Englobando a labilidade de humor, comprometimento com seu auto cuidado e responsabilidade com o seu acompanhamento e comportamentos importantes no momento da atividade, considerando as singularidades e subjetivações para além do mundo virtual.

As narrativas seguintes apontam para articulações teóricas em que o uso da RV proporciona maior satisfação do usuário em seu processo de recuperação funcional, promovendo uma simulação de atividades dinâmicas compatíveis com as presentes no cotidiano do sujeito. De forma lúdica, as intervenções potencializam os ganhos funcionais e elaborações subjetivas diante dos enfrentamentos e superação de seus próprios “limites” e maior confiança na execução das atividades (CARVALHO *et al.*, 2014).

Olhe eu pensei que fosse mais fácil, mas a gente pensa que é um simples jogo, mas cansa e é mais difícil que fazer os exercícios “normais”... Só tenho que colocar na minha cabeça que se aqui eu faço tudo, porque não faço quando tô na minha cidade (risos)... Parece que na minha cidade as pernas travam... Parece que fico com vergonha porque lá todo mundo me conhece... (*Interator3* em atendimento com *AvatarFisio* e *AvatarPsi*)

Eu sempre gostei muito de jogos eletrônicos, por isso pra mim é tão tranquilo (risos)... Mas não é tão fácil assim não, é que eu já venho fazendo a um tempo... Mas cansa mais do que as outras terapias, acho que é porque eu tenho que prestar atenção em várias coisas ao mesmo tempo... E agora fazendo exercício com a língua complica mais ainda (risos)... Mas é bom, nem parece tratamento... (*Interator3* em atendimento com *AvatarFisio*, *AvatarFono* e *AvatarPsi*)

Parece que quanto mais tempo passa, mais medo a gente tem, e fica com mais cuidado nas coisas, até deixando de fazer as coisas com medo de ter algo, piorar, machucar... É complicado, aqui me sinto seguro e tal... Mas na rua... Mas tô pensando em voltar a andar de bicicleta... (*Interator3*)

Eu penso muito em voltar a trabalhar, mas não mais pra sala de aula, não tenho mais juízo (risos)... Quero voltar a trabalhar, mas sem a rotina pesada de antes... Minha mulher que tem gostado porque agora é ela que fica mais tempo na rua e eu ajudo nas tarefas domésticas... (*Interator3* em atendimento com *AvatarFisio* e *AvatarPsi*)

Eita esse cobra mais da gente porque eu tenho que fazer o movimento bem perfeito, dá mais trabalho, mas também eu gosto mais desse (X-box)... Canso mais... Mas também esse eu penso mais no meu dia a dia, porque esse é mais realista... (*Interator3*)

Ele tem uma evolução muito boa, fico impressionado pelo diagnóstico dele, e a mais de 03 (três) anos não teve piora, pelo contrário, evoluiu em muitas coisas... (*AvatarFisio*)

Eu acho que muita coisa ainda não melhorou por causa da minha cabeça, porque aqui na cidade eu ando muito, resolvo as coisas enquanto o carro não volta pra minha cidade... Mas lá na minha cidade tem hora que travo... Fico preocupado com o pessoal me olhando e fico com vergonha... (*Interator3* em atendimento com *AvatarFisio* e *AvatarPsi*)

Existe uma tendência científica ao desmerecer as práticas em grupo, como objeto de segunda categoria. Contudo Rodrigues e Oliveira (2018) apontam que as intervenções em grupo funcionam como mediadores de processos de construção de significações e de desenvolvimento humano, pois nele há uma rede de interseções que envolvem não apenas os saberes diversos, mas principalmente os processos de subjetivação, com diferentes elementos, múltiplas dimensões, heterogêneos, que geram sentidos para o sujeito inserido na sociedade.

As autoras Farina e Fonseca (2015) discutem a subjetividade com base nos conceitos *deleuzianos* apontando para a ideia do pensar “da diferença, do sentido, do desejo e da multiplicidade, no qual encontramos um pensamento pluralista, ontológico, ético” (p. 119), uma crítica ao domínio das representações preestabelecidas e a uma primazia da identidade. Podemos fazer uma relação não somente desses conceitos, mas com a imagem fictícia (virtual) como uma potencialidade direta nas produções de uma nova subjetividade.

Ainda segundo as autoras a percepção humana de representação enquanto imagem é apenas uma parte limitada do que interessa do nosso corpo, assim como as práticas em saúde hegemonicamente associadas a um corpo marcado. O engano dos profissionais atuantes na recuperação funcional, física, é ignorar a produção das representações mentais. Elas afirmam:

Em outras palavras, teria tomado um limitado sistema sensório-motor para retificar as convicções ingênuas que sustentam o senso comum e nos iludem mediante a ideia de que compartilhamos um mesmo mundo passível de ser conhecido pelo saber humano e também modificado e dominado por nossa suposta capacidade de ação sobre ele (Farina e Fonseca, 2015, p. 119).

Nesta perspectiva podemos pensar que o mundo virtual funciona de maneira análoga a percepção dos sujeitos implicados, revelando-se um ambiente de múltiplas interações, onde o corpo e os movimentos são apenas uma parte movente do que se possa perceber. O virtual não deve ser entendido como uma *ilusão*, mas como resultado de uma nova realidade, a ser explorado em todas as suas potencialidades, não apenas físicas como subjetivas, ampliando as multiplicidades de percepções no processo de recuperação funcional e os construtos das subjetividades.

DISCUSSÃO

A pretensão do compartilhamento exposto neste artigo é trazer os profissionais da área da psicologia, ou de outras áreas, para vivenciar um pouco dessa experiência e todos os aspectos envolvendo o uso da RV no âmbito da linguagem, do pensamento e, principalmente, das possibilidades das diferentes formas de constituição de

subjetividades, ou seja, experienciar além dos termos técnicos, mas sensorial, sensível e emocional. As intervenções descritas e seus pressupostos teóricos não devem ser entendidos como um método pronto, acabado, mas um ponto de partida para possibilidades múltiplas, em diferentes campos de produção no cuidado em saúde e nas subjetivações envolvidas (CRUZ *et al.*, 2016).

Tomam-se como base *deleuziana* no caráter de atuação na área de saúde o enfrentamento de uma visão generalista e dicotômica, atrelado a hierarquizações e categorias estáveis, em detrimento a um pensamento em puro movimento criador, fluído, o qual rompe com uma tradição platônica do pensamento que toma a ideia de uma filosofia do acontecimento, colocando a subjetividade em outra concepção, ao valorizar as interseções e as articulações. A subjetividade não se constitui apenas com uma identidade formulada por padrões preestabelecidos, uma totalidade indivisível, mas formulada através das experiências, dos acontecimentos, que permeiam os indivíduos orientados a aquisição de hábitos (SOARES e MIRANDA, 2009).

O sujeito é, pois, tão somente duração, persistência no tempo de um conjunto de afirmações e crenças decorrentes dos hábitos que qualificam o indivíduo e lhe conferem não “a identidade”, mas “uma identidade”, por definição provisória, que será passível de mudança tão logo mudem as experiências que conformam seus hábitos (Soares e Miranda, 2009, pp. 413-414).

Na recuperação funcional a RV facilita o desenvolvimento das habilidades perceptuais e motoras e favorece a participação ativa do usuário durante seu tratamento promovendo uma experiência interativa e possibilitando um *feedback* visual imediato. Nessa atividade a realização dos movimentos serão adaptados ao processo de reabilitação com o objetivo de alcançar as metas pré-estabelecidas e desta maneira, apresentar aspectos que tangem seus aspectos psicológicos e emocionais (MELLO e RAMALHO, 2015).

A RV tem sido aplicada em diferentes intervenções nas áreas da saúde, o que amplia as possibilidades de estudos e aplicações de novas técnicas e procedimentos no âmbito do cuidado com o outro. Ao propiciar que o sujeito não apenas se movimente, mas que possa se observar nesses movimentos, em tempo real, em ambientes virtuais que cada vez mais se aproxima da realidade (SANTANA *et al.*, 2015).

Os usuários submetidos ao ambiente virtual podem refletir as características pessoais nos comportamentos digitais, demonstrando variáveis latentes, tais como: traços de personalidade, interesse ou inteligência. Agregam indicadores para inferir características latentes, proporcionando aos profissionais de psicologia um construto rico em potencial de indicadores para um arcabouço teórico na área de psicologia e outros aspectos do comportamento como saúde, autocuidado e de responsabilidade no tratamento, considerando novas constituições de subjetividades (PRIMI, 2018).

A visão da Psicologia no processo de recuperação funcional averigua aspectos constitutivos da personalidade do sujeito e esses são mediados pelos seus sistemas simbólicos e subjetivos, assim como as experiências vividas e enfrentadas por cada sujeito. Dentro deste prisma podemos entender que os aspectos psicológicos são apenas sistemáticos e não apenas decorrente do intelecto. Nessa linha de raciocínio entende-se que o usuário se envolve afetivamente nas atividades e dessa maneira emoções são mobilizadas, novas simbolizações são geradas e é integrada a sua singularidade, assim, constituindo novas subjetivações (ANACHE, 2018).

A Psicologia tem se reafirmado cada vez mais enquanto ciência e tem na RV um campo a ser explorado como novas formas de atuações interprofissionais e considerando seu caráter como ferramenta para observar aspectos psicológicos. Segundo Santana *et al.*, (2015) o tratamento com RV “poderá promover maior interação das habilidades motoras e cognitivas simultaneamente, o que é exigido pela maioria das atividades de vida diária (AVD). Assim, contribuirá para maior independência nas AVDs em comparação com o treino baseado apenas em estímulos motores” (p. 51). Quando se trata de um sujeito em recuperação de sua independência funcional, a RV age de forma positiva na qualidade de vida do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da RV na área da Psicologia contribui nos processos terapêuticos e na produção de atuações criativas e produtivas, possibilitando formas de intervir mais ativas e dinâmicas entre terapeuta e usuário. Estudos mais aprofundados sobre a eficácia de experiências interventivas que incluem o ambiente virtual podem promover e facilitar técnicas em um ambiente controlado, que passa a ser uma nova área de atuação profissional e uma ferramenta nas intervenções psicológicas, incluindo avaliações de

processos subjetivos, de comportamentos e até mesmo de aspectos não observáveis (PERANDRÉ e HAYDU, 2018).

É importante ressaltar que pensar que o ambiente virtual não se opõe ao real, mas sim a ideia de que o real seja entendido como estático e definido. Para os autores Rosa *et al.* (2016) o real é constituído de círculos renováveis de virtualidades, onde cada um deles entrelaça-se com o outro e todos interpelam-se sobre o que é chamado de *atual*, onde o virtual permeia o que entendemos como real estabelecendo-se condição de possibilidade para o atual. Nesta perspectiva os autores reafirmam a potencialidade do virtual, e não necessariamente ao que é palpável, “o comparecimento físico não é o único critério de maior confiabilidade para se conceber o que é real e o que existe de fato” (p. 264).

Para Lima e Merhy (2016), devemos utilizar o encontro entre os profissionais como o método, e tudo o que for utilizado deste encontro são ferramentas “apostamos também que é na repetição que se produzem diferenças” (p. 19). Atuações interprofissionais na recuperação funcional têm a repetição como forma mais eficazes, contudo, existem diferentes possibilidades de diferentes reflexões e posições frente às apostas epistemo-metodológicas na produção do conhecimento, produz outros conceitos intercessores, ampliam formas de atuação, e reflexões quanto aos modelos tradicionais que operam na repetição.

A premissa no cuidado integral do sujeito implica fatores que vão além do corpo biológico, do diagnóstico, de um corpo marcado, mas sim a percepção do corpo vivido, seus afetos, experiências, modos de ser e existir do sujeito do cuidado, assim como hábitos, comportamentos e rotinas (FERREIRA *et al.*, 2016). Existem muitas possibilidades e limitações por vezes desconhecidas. Neste sentido, há de se pensar nos múltiplos aspectos dessa produção do cuidado, estando em alerta, profissionais e usuários, aos fatores que interferem em seus processos de cuidado, não focando apenas na patologia, na doença, mas também levando em consideração suas próprias potencialidades, suas produções de vida (FEUERWERKER, 2016).

Existe uma complexidade entre o corpo “físico” (no espaço geográfico) e do corpo “virtual” (jogos virtuais) que merecem um maior debruçamento no âmbito da psicologia com mais profundidade, pois, como fora verificado neste artigo, existem mudanças significativas nos modos de subjetivação (ALBUQUERQUE *et al.*, 2018). O objetivo é explorar as potencialidades da ferramenta da RV levando em conta o entrelaçamento

entre diversos saberes (há saber) e as diferentes formas de atuação das equipes interprofissionais como formas constituintes das diversas maneiras de subjetivação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, A. S., HENNIGEN, I., e FONSECA, T. M. G. *Cartografias no ciberespaço: experimentações metodológicas em espaços híbridos*. **Psicologia & Sociedade**, 30, 2018. e174086. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30174086>

ANACHE, A. A. *Avaliação Psicológica na Educação Especial*. **Psicologia: Ciência e Profissão** 2018 v. 38 (núm. esp.), p. 60-73.

ARNONI, J. L. B., VERDÉRIO, B. N., PINTO, A. M. A. e ROCHA, N. A. C. F. *Efeito da intervenção com videogame ativo sobre o autoconceito, equilíbrio, desempenho motor e sucesso adaptativo de crianças com paralisia cerebral: estudo preliminar*. **Fisioter Pesqui**; 25(3): p. 294-302, 2018. DOI: 10.1590/1809-2950/17021825032018.

BALISTA, V. G., **Sistema de Realidade Virtual para Avaliação e Reabilitação de Déficit Motor**. SBGames. São Paulo. pp. 16-20, out, 2013.

BRAZÃO, J. C. C. **A Transdisciplinaridade Como Perspectiva Metodológica Para Uma Clínica Das Subjetividades**. *Pesquisas e Práticas Psicossociais – PPP* - 9(2), São João del-Rei, julho/dezembro, p. 268-278, 2014.

BUENO, J. M. H., e PEIXOTO, E. M. **Avaliação Psicológica no Brasil e no Mundo** *Psicologia: Ciência e Profissão*. Jun / Set., vol. 38, nº 03, p. 108-121, 2018. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000208878>

CONTATORE, O. A., MALFITANO, A. P. S., e BARROS, N. F. (2018). **Cuidados em saúde: sociabilidades cuidadoras e subjetividades emancipadoras**. *Psicologia & Sociedade*, 30, 2018. e177179. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30177179>.

CAMPOS, G. W. S., FIGUEIREDO, M. D., PEREIRA, Jr. N. e CASTRO, C. P. **A aplicação da metodologia Paideia no apoio institucional, no apoio matricial e na clínica ampliada**. *Interface (Botucatu)*. 18 Supl. 1: p. 983-995, 2014.

CARVALHO, T. P. V., SILVA, P. P., GARÇÃO, D. C., FERREIRA, A. P. L. e ARAÚJO, K. M. **Efeitos da gameterapia na mielorradiculopatia esquistossomótica: Relato de caso**. *Motricidade*, vol. 10, n. 2, p. 36-44, Desafio Singular - Unipessoal, Lda Vila Real, Portugal, 2014.

CRUZ, K. T., BERTUSSI, D. C., SEIXAS, C. T., ROCHA, M., SILVA, K. L., JORGE, A. O., e BADUY, R. S. (2016) *Apresentação*. In Merhy, E. E. [et. al.] (orgs.) **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes** - 1. ed. - Rio de Janeiro : Hexis. Políticas e cuidados em saúde ; Vol. 01, 2016.

FARINA, J. T. e FONSECA, T. M. G. **O cine-pensamento de Deleuze: contribuições a uma concepção estético-política da subjetividade.** Psicologia USP, vol 26, n 1, p. 118-124, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564A20135213>

FERREIRA, T. P. S., SAMPAIO, J., OLIVEIRA, D. L., SOUZA, A. C. N., BATISTA, R. A., GOMES, L. B., MARINHO, S. M. e FERRAZ, S. B. *O reconhecimento do saber do outro como válido: as apostas que os usuários fazem sobre sua vida x a decisão dos trabalhadores de saúde sobre a vida do outro.* In Merhy, E. E. [et. al.] (orgs.) **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes** - 1. ed. - Rio de Janeiro : Hexis. Políticas e cuidados em saúde ; Vol. 01, 2016.

FEUERWERBER, L. C. M. *Cuidar em Saúde.* In FEUERWERKER, L. C., BERTUSSI, D. C. e MERHY, E. E. (orgs.) **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes** - 1. ed. - Rio de Janeiro : Hexis. Políticas e cuidados em saúde ; Vol. 02, 2016.

LIMA, F. e MERHY, E. E. *Produção de conhecimento, ciência nômade e máquinas de guerra: devires ambulantes em uma investigação no campo da saúde coletiva* In MERHY, E. E. [et. al.] (orgs.) **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes** - 1. ed. - Rio de Janeiro : Hexis. Políticas e cuidados em saúde ; Vol. 01, 2016.

LIMA, E. M. F. A. e YASUI, S. **Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial – Territories and meanings: space, culture, subjectivity and care in psychosocial attentiveness.** *Saúde Debate*, Rio de Janeiro, v. 38, N. 102, p. 593-606, Jul-Set, 2014. DOI: 10.5935/0103-1104.20140055

LOAIZA, D. P. B. e CORREA, F. P. **Un estudio de orientación etnográfica en el marco de la Investigación Acción: un enfoque para comprender la crianza.** *Universitas Humanística*. no. 86 julio – diciembre, p. 83 – 105. Bogotá – Colombia. Issn 0120 – 4807 (impreso). Issn 2011 – 2734 (en línea), 2018. Doi:10.11144/Javeriana.uh86.eoem

MACIEL, M.G., SARAIVA, L. A. S., MARTINS, J. C. O. e VIEIRA JR, P. R. **A humanização da atividade física em um programa governamental: um olhar necessário.** *Espaço Aberto*. 22(67): 1235 – 45, 2018. DOI: 10.1590/1807-57622017.0238

MELLO, B. C. C. e RAMALHO, T. F. **Uso da Realidade Virtual no tratamento fisioterapêutico de indivíduos com Síndrome de Down.** *Rev. Neurocienc*, 23(1), p. 143-149, Recife, 2015.

MERHY, E. E., FEUERWERKER, L. C. M. e GOMES, M. P. C. **Da repetição a diferença: construindo sentidos com o outro no mundo do cuidado** In FEUERWERKER, L. C., BERTUSSI, D. C. e MERHY, E. E. (orgs.) **Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes** - 1. ed. - Rio de Janeiro: Hexis. Políticas e cuidados em saúde; Vol. 02, 2016.

PIGOZI, P. L. **A produção subjetiva do cuidado: uma cartografia de buliying escolar.** *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, vol 28(3), 2018. e280312. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312018280312>.

PERANDRÉ, Y. H. T. e HAYDU, V. B. **Um Programa de Intervenção para Transtorno de Ansiedade Social com o Uso da Realidade Virtual.** *Trends Psychol.*, Ribeirão Preto, vol. 26, nº 2, p. 851-866 – Junho, 2018.

PRIMI, R. **Avaliação Psicológica no Século XXI: de onde viemos e para onde vamos.** *Psicologia: Ciência e Profissão*, vol. 38 (núm. esp.), p. 87- 97, 2018.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703000209814>

RODRIGUES, D. S. e OLIVEIRA, M. C. S. L. **Grupo como dispositivo socioeducativo: pesquisa-intervenção com adolescentes em cumprimento de prestação de serviços à comunidade.** *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 9, nº 1, p. 30-41, 2018.

RODRIGUES, G. P. e PORTO, C. M. **Realidade Virtual: conceitos, evoluções, dispositivos e aplicações.** *Interfaces Científicas – Educação*. Aracaju. V. 01, n. 03. p. 97-109, jun, 2013.

ROSA, G. A. M., SANTOS, B. R. e FALEIROS, V. P. **Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook.** *Psicologia USP*, vol 27, nº 2. p. 263-272, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420130026>.

SANTOS JR., F. F. U., NETO, P. P., CAVALCANTE, E. S. F. FONTES, J. P. A., FILHO, P. C. N. e SANTANA, J. R. **Efeitos da realidade virtual no controle motor.** *Motricidade*, vol. 14, n. 1, p. 351-354, 2018.

SANTANA, M. C. F.; LINS, O. G.; SANGUINETTI, D. C. M.; SILVA, F. P.; ANGELO, T.D.A.; CORIOLANO, W. S.; CÂMARA, S. B. e SILVA, J. P. A. **Efeitos do tratamento com realidade virtual não imersiva na qualidade de vida de indivíduos com Parkinson.** *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, vol. 18, nº 1, p. 49-58; Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, 2015.

SATO, A. K. O. **Do mundo real ao mundo ficcional: a imersão no jogo** In SANTAELLA, L. e FEITOZA, Mirna (orgs) *Mapa do Jogo: a diversidade cultural dos games*. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SOARES, L. B. e MIRANDA, L. L. **Produzir Subjetividades: o que significa?** *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, Rio de Janeiro, Ano 9, nº 2, p. 408-424, 2º Semestre. 2009.

Capítulo 2

O ENSINO DA DANÇA PARA ADOLESCENTES E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR

Ingrid da Silva Rodrigues

Deise Bastos de Araújo

O ENSINO DA DANÇA PARA ADOLESCENTES E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR

Ingrid da Silva Rodrigues

Graduanda em Educação Física (UNIVERSIDADE PITÁGORAS UNOPAR). E-mail:

silvaingrid8642@gmail.com

Deise Bastos de Araújo

Mestre e Doutoranda em Ciências da Educação do Programa de Pós-graduação da Faculdade Interamericana de Ciências Sociais (FICS), membro pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Movimentos Sociais, Diversidade e Educação do Campo e da Cidade (GEPEMDECC / UESB). Professora de Educação Física da Educação Básica no município de Bom Jesus da Lapa-BA. E-mail: deisetkd@hotmail.com

RESUMO

A prática da dança como instrumento mediador de aprendizagem favorece vários pontos que podem ser trabalhados no âmbito educacional, como, o desenvolvimento psicomotor que é um processo contínuo onde através dele se dá a evolução da comunicação, inteligência, habilidades motoras e aprendizagem de forma ampla. E no âmbito educacional a dança oferece um conteúdo amplo e diversificado. Diante disto, este estudo objetivou identificar como a dança contribui para o desenvolvimento psicomotor dos adolescentes. Através do método qualitativo, do tipo de pesquisa exploratória onde foram utilizados trabalhos e artigos científicos publicados relevantes de acordo com o tema. Podendo constatar quem, a psicomotricidade tem como propósito melhorar os movimentos do corpo a noção de espaço a coordenação motora equilíbrio e também o ritmo. O desenvolvimento psicomotor adequado proporciona o domínio do corpo, movimentos, aspectos emocionais e cognitivos. Com isso, através da dança podem ser alcançados esses objetivos, pois não restam dúvidas sobre a relevância da dança para o desenvolvimento psicomotor do adolescente, aliás, desde a infância. Nesse sentido, destaca-se a necessidade da inserção da dança como prática escolar, ou seja, inserir nos currículos escolares atividades rítmicas como a dança. Assim, concluindo que a dança contribui na formação de crianças e adolescentes com capacidades afetivas, motoras e cognitivas fundamentais na construção futuros jovens e adultos capazes de construir uma sociedade plural e igualitária.

Palavras-chave: Aprendizagem; Dança; Desenvolvimento Psicomotor.

ABSTRACT

The practice of dance as a mediating tool for learning favors several points that can be worked on in the educational field, such as the psychomotor development, which is a

continuous process where communication, intelligence, motor skills and learning are evolved in a broad manner. And in the educational field, dance offers a wide and diverse content. Therefore, this study aimed to identify how dance contributes to the psychomotor development of adolescents. Through the qualitative method, the type of exploratory research where relevant published scientific papers and articles were used according to the theme. Being able to see who, the purpose of psychomotricity is to improve body movements, the notion of space, motor coordination, balance and rhythm. Adequate psychomotor development provides mastery of the body, movements, emotional and cognitive aspects. With this, these goals can be achieved through dance, as there is no doubt about the relevance of dance to the psychomotor development of adolescents, in fact, from childhood. In this sense, there is a need to include dance as a school practice, that is, to include rhythmic activities such as dance in school curricula. Thus, concluding that dance contributes to the formation of children and adolescents with affective, motor and cognitive abilities that are fundamental in building future young people and adults capable of building a plural and egalitarian society.

Keywords: Learning; Dance; Psychomotor Development.

INTRODUÇÃO

A finalidade desse trabalho monográfico foi de pesquisar sobre a importância da dança para o desenvolvimento psicomotor de adolescentes, de forma que, contribui-se no processo que os adolescentes se deparam atualmente, com desafios e obstáculos, a adolescência é uma etapa do desenvolvimento que envolve muitos conflitos, sendo considerada uma fase crítica, cheia de momentos turbulentos e que requer muita atenção e compreensão das pessoas que circundam esses adolescentes.

A escola faz parte deste universo e dentre as várias possibilidades de conteúdos, enfatizamos que as atividades dançantes podem contribuir para amenizar essa fase de turbulências, pois através da dança o adolescente adquire desenvolvimento psicomotor, biopsicossocial, ritmos motores, concentração e dentre outros aspectos afetivos e sociais, proporcionando ao individuo mudanças positivas no que refere ao seu comportamento, na forma de pensar, agir e se expressar.

Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) as atividades rítmicas e expressivas fazem parte da grade curricular e contemplam conteúdo da Educação Física escolar. Deste modo, inclui as manifestações da cultura corporal que têm como características a expressão corporal e comunicação através de gesticulação e sonoridade. A dança agrega esses aspectos, sendo assim, pode ser inserida nos conteúdos escolares na prática de Educação Física nas diversas séries escolares. Observando a realidade escolar, especificamente de estudantes adolescentes, encontramos um grupo que necessita do

envolvimento de práticas escolares que estejam atentas as necessidades dos adolescentes.

As pesquisas sobre dança revelaram o quanto a prática da dança está relacionada com o desenvolvimento humano, neste sentido:

A dança oferece um campo pedagógico altamente funcional recolocando o homem a sua linha evolutiva. O homem se confronta com seus próprios impulsos e necessidades, carregados de conflitos e tensões, assim como suas intenções de relacionamentos. Dançando ele procura exteriorizar, exprimir e eliminar tenta se relaxar e organizar (WOSIEN, 2000).

Com base nestas abordagens que compreende o papel da dança no processo de formação humana surgiram questionamentos sobre a dança na educação escolar formal ou informal de adolescentes. Pensando a partir dessa realidade, o presente estudo realizou uma pesquisa tendo como problemática central: como a aula de dança pode contribuir para o desenvolvimento psicomotor de adolescentes?

Desse modo, a dança numa concepção da psicomotricidade nas aulas de Educação Física não necessita priorizar o desempenho técnico, mas como desempenho pedagógico deve contribuir para o desenvolvimento do ser humano em questões motoras, socio-afetivo e perceptivo-cognitivo. Com isso, é necessário aplicar propostas baseadas em artístico, alcançando tudo aquilo que amplifica e melhora a criatividade, o sentido estético, sensibilidade e comunicação humana.

Portanto, para o conhecimento da importância da dança no processo aprendizagem dos adolescentes na escola optei pelo seguinte tema: O ensino da dança para adolescentes e sua importância para o desenvolvimento psicomotor. Acredita-se que a dança é uma das formas geométricas para desenvolver a psicomotricidade dos praticantes. Sendo assim, analisar o desenvolvimento psicomotor de adolescentes praticantes de dança; compreender como as atividades rítmicas desenvolve a motricidade; e, por fim, a dança como fator de influência para o desenvolvimento psicomotor.

Pereira (2007) menciona que aprender a dançar significa também estabelecer novas formas de comunicação corporal, já que a aprendizagem da dança colabora para a expressividade de manifestação do corpo, ou seja, de manifestação do ser.

Portanto, a dança é uma das mais poderosas formas de comunicação e expressão que o indivíduo pode adquirir uma forma de linguagem universal que faz parte da cultura corporal da humanidade.

A dança pode ser um importante aliado da Educação no sentido que através dela a criança desenvolve simultaneamente aspectos motores, emocionais e cognitivos. Aspectos esses que interagem e se completam (AMORIM E FALSARELLA, 2008). Dança como assunto nos PCN's, está incluído dentro das disciplinas de Arte e Educação Física. Nos PCN's (1997) a dança como conteúdo, integra manifestações da cultura corporal, tendo como características comuns à expressão e comunicação que o aluno adquire através de gestos onde contém músicas como referências para o movimento corporal. São diversos os benefícios que a dança proporciona, segundo Gariba (2002, p. 1), "vão desde a melhora da autoestima, passando pelo combate ao estresse, depressão, até o enriquecimento das relações interpessoais".

É necessário que entenda e aprenda que a dança não é prioridade só para alguns, todos os corpos podem dançar e a dança na escola não é arte do espetáculo, é a Educação através da arte. Além de todos os pontos citados a cima, a dança pode trazer também mudanças nos componentes psicomotores, dessa forma considera-se uma ferramenta essencial para a complementação do desenvolvimento. Quanto a psicomotricidade é possível trabalhar o movimento como tomada de conhecimento baseado numa visão global do ser humano, é a interação corpo, mente e espírito por meio do movimento consciente.

Diante disto, este estudo tem o objetivo de identificar como a dança contribui para o desenvolvimento psicomotor dos adolescentes, sob a perspectiva de analisar o desenvolvimento psicomotor de adolescentes praticantes da dança, compreender como as atividades rítmicas desenvolvem a motricidade e considerar a dança como fator de influencia para o desenvolvimento psicomotor.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia é um caminho a ser percorrido durante a elaboração e a construção de uma pesquisa. Dessa forma levando em conta a subjetividade do nosso objeto de estudo, a metodologia aqui utilizada é de natureza qualitativa, pois traz consigo aspectos e características do comportamento humano. Denzin e Lincoln (2006), diz que a pesquisa qualitativa trás uma abordagem interpretativa do mundo, isso significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os

fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

A pesquisa qualitativa é uma abordagem de pesquisa que estuda conceitos subjetivos de acontecimentos sociais e do comportamento humano. Os objetos de uma pesquisa qualitativa são fenômenos que ocorrem em determinado tempo, local e cultura. A abordagem qualitativa exige um estudo amplo do objeto de pesquisa, considerando o contexto em que ele está inserido e as características da sociedade a que pertence.

O presente estudo foi feito através revisão bibliográfica de artigos científicos e livros, caracterizando-se como uma pesquisa de natureza exploratória. Foram utilizados trabalhos e artigos científicos publicados e que são relevantes de acordo com o tema, estes acessíveis através de plataformas como scielo e Google acadêmico.

De acordo Gil (2002) a pesquisa exploratória tem o objetivo de proporcionar uma maior familiaridade com o problema, visando construir hipóteses ou torna-los mais explícito, fazendo uso de levantamento bibliográfico e entrevistas, esse tipo de pesquisa busca aprimorar idéias.

Foram consultadas publicações realizadas no período entre 1984 e 2016. Para a elaboração desse trabalho foi feita uma leitura exploratória dos materiais bibliográficos encontrados, verificando a relevância dos trabalhos encontrados com o tema. Em seguida buscando fazer uma relação do tema proposto com os objetivos da pesquisa.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

História da dança

A dança é uma linguagem expressiva que utiliza os movimentos corporais como forma da elaboração expressiva, artística e comunicativa. Cada cultura conduziu seu conteúdo as mais variadas áreas como a Arte, a Música e a Pintura e o teatro. Dentre elas, as danças absorveram a maior parte dessa transferência. A dança sempre foi de grande importância nas sociedades, seja como uma forma de expressão artística, seja como objeto de culto aos deuses, ou seja, como simples entretenimento. Nos tempos antigos, a dança, tinha um caráter místico por ser muito difundida em ritos religiosos.

Os primeiros vestígios da origem da dança foram encontrados em cavernas que datam da pré-história nas escrituras e pinturas rupestres gravados em suas paredes. De início as danças eram individuais e se relacionavam à conquista amorosa. No segundo momento, também na origem da civilização, surgiram as danças

coletivas, que eram dirigidas às forças superiores ou aos espíritos, visando ao êxito em expedições guerreiras ou de caça, solicitando bom tempo ou chuva, ou ainda em retribuições aos deuses pelo que se conseguiu (OLIVEIRA PANTANO; FILHO, 2012).

A dança ela surgiu por meio de gestos e sons muito antes que podemos chamar de palavras. As danças tendiam a união cósmica, isto é, relacionavam-se com o cosmos, o universo. É assim que podemos entender o processo de desenvolvimento da dança que auxiliou o homem na expressão e no conhecimento da natureza e da cultura da divindade e das questões religiosas.

A dança foi sua primeira manifestação social, uma prática corporal que nasceu junto com ele, servindo para ajudá-lo a firmar-se como membro de sua comunidade. É uma das formas de manifestação da raça humana por meio de seu corpo, constituindo consequentemente parte significativa de seu patrimônio cultural (VARGAS, 2007, p. 43).

A dança para Mendes (1985) é caracterizada pelo uso de tempo rítmico que pode ser interno ou externo. Assim, quando existe um ritmo externo a ser seguido, o ritmo interno ainda existe e pode ser sincronizado com o ritmo externo nos leva a compreender que a dança parte do princípio da união com o próximo no intuito de comunicar. Contudo, esta comunicação não ocorre através de palavras, mas de gestos rítmicos.

Desde a origem das sociedades, a dança é uma manifestação pela qual o homem se afirmar como membro de uma sociedade, e pelas trocas simbólicas faz e transmite cultura através de todas as gerações. Por exemplo, na Índia a dança segue os conceitos de energia, sabedoria e arte, nasce de uma raiz divina que produz e coordena a vida (NANNI, 1995).

A dança é uma exibição artística que acompanha o homem desde os povos ancestrais. O homem primitivo executavam danças coletivas, comprovado a partir das pinturas rupestres encontradas nas paredes de diversas cavernas.

As relações existentes entre a dança e o ritmo manifestavam os vínculos entre os Deuses e a natureza, sendo utilizados nas apresentações religiosas. Para os povos primitivos esse sentido ritualístico da dança tinha o intuito de trazer paz, a saúde e a felicidade. Segundo Caminada (1999):

Na forma mais elementar, a dança se manifesta através de movimentos que imitam as forças da natureza que parecem mais poderosas ao homem e que trazem consigo a ideia de que esta imitação tornará possível a posse dos poderes dessas forças (p. 22).

Sendo assim, o corpo era o instrumento criativo que através dos movimentos ritmados o homem seguia uma cadência própria ou coreografia possibilitando harmonias

corporais. Desde então, a dança contém um significado muito mais amplo do que movimentos ritmados guiados pela música, mas não menos importante, o ritmo é fundamental para a dança. Desse modo, é importante compreender a dança como um fenômeno social, uma manifestação da cultura corporal que ganhou vários sentidos e significados ao longo da evolução.

Desenvolvimento psicomotor

O desenvolvimento psicomotor é o processo pelo qual se dá a evolução da comunicação, afetividade, dos movimentos e da aprendizagem de forma ampla. É a relação existente entre a ação e o corpo com a natureza. O processo do desenvolvimento psicomotor foi inicialmente abordado dentro dos estudos em Psicologia do Desenvolvimento e foi de fundamental importância para a compreensão de um dos modos de interação do homem com o meio.

O surgimento dos estudos sobre o desenvolvimento psicomotor tem origem na Europa, e ele surgiu com o objetivo de estudar o desenvolvimento infantil buscando ofertar uma melhor qualidade de vida para as crianças com necessidades especiais, a fim de possibilitar uma maior autonomia e controle do próprio corpo. Com o resultado positivo desse estudo essa técnica passou a ser usada com alunos do ensino regular.

A Psicomotricidade colabora de forma importante para a estruturação do esquema corporal, sendo que um dos seus maiores objetivos é estimular a prática do movimento em todas as fases da vida do indivíduo. E a prática desse movimento proporciona a expressão do sujeito por meio de brincadeiras, atividades, danças e jogos. Fazendo com que ele tenha uma maior facilidade de lidar com o mundo a sua volta.

Segundo Barreto (2000) “o desenvolvimento psicomotor é de suma importância na prevenção de problemas da aprendizagem e na reeducação do tônus, da postura, da direcionalidade, da lateralidade e do ritmo”. A psicomotricidade auxilia no aumento do potencial motor do educando, contribuindo para que ele desenvolva suas potencialidades cognitivas e pedagógicas de forma mais fácil e prazerosa.

A psicomotricidade é um tipo de aprendizagem que se concretiza através das experiências do indivíduo. É importante destacar que essas experiências devem ser bem exploradas e aproveitadas. E para que ocorra um bom desenvolvimento psicomotor, o indivíduo precisa de um ambiente diversificado e que estimule ao máximo seu

desenvolvimento. Sobre isso Boato (1996) diz:

A psicomotricidade pode ser definida como uma ciência que tem como objeto de estudo o homem por meio de sua relação com o mundo externo e interno, Está dividida em três campos distintos: reeducação psicomotora – que visa corrigir alterações no desenvolvimento psicomotor, tais como, equilíbrio, coordenação, dispraxia; terapia psicomotora – que se refere a todos os casos nos quais a dimensão afetiva ou reacional parece dominante na instalação inicial do transtorno; educação psicomotora – que visa desenvolver, na criança, a capacidade de criar, resolver e adaptar as tarefas realizadas, sem usar a imposição como método de educação” (Boato, 1996).

Sendo assim, no espaço educacional é papel do docente criar condições que possam garantir o movimento, por isso é importante saber que a psicomotricidade no processo de aprendizagem é fundamental e deve estar associada ao desenvolvimento, pois proporciona aos alunos aumentarem suas capacidades básicas.

A prática de atividades físicas contribui para o desenvolvimento corporal e mental, e melhora a aptidão física, a socialização, a criatividade; tudo isso objetivando a formação da sua personalidade. Dessa forma o Educador Físico tem como objetivo principal estimular a prática do movimento em todas as fases da vida do indivíduo.

As conjunções mínimas que ordenam uma boa aprendizagem são encontradas nos elementos da educação psicomotora, conforme citam Meur e Staes (1989) e é necessário para o desenvolvimento e as funcionalidades do corpo. A psicomotricidade é uma técnica que procura destacar a relação existente entre a motricidade, a mente e a afetividade facilitando a abordagem global.

De acordo com Alves (2009) o desenvolvimento é um processo crescente no aspecto, físico, intelectual e afetivo e depende de influências comuns. Portanto se dá pela reação ao ambiente que vive e pelas relações que estão á cerca, é dinâmico, ativo, interativo e passa por etapas que constituem a formação plena do indivíduo. Esse processo pode contar com o auxílio da técnica psicomotora, que por sua vez sugere alcançar metas baseadas nos elementos básicos da psicomotricidade.

Sendo assim, é por meio de alguns elementos que serão apresentados a seguir, como a lateralidade, o esquema corporal, a organização espacial e a orientação temporal, através deles pode-se compreender toda contribuição que eles trazem para esse processo. Segundo Alves (2009) sua personalidade será desenvolvida em virtude da consciência de seu corpo.

O indivíduo consegue perceber a si e os outros seres, bem como as coisas que a

cercam, tendo uma visão de mundo a partir do que ela viveu, sentiu e percebeu do meio que a cerca, onde esta visão será influenciada pelo seu caráter e pelas atitudes que assume e projeta na sociedade (imagem). Quando se fala em movimento relacionado ao ser humano, está se referindo também aos elementos mentais, tanto o psiquismo, quanto a motricidade, que possuem uma conexão mútua, sendo que um precisa do outro para se desenvolver.

A Psicomotricidade Relacional propõe um trabalho que possibilite as crianças experimentarem os mais diversos ritmos, tendo sempre que possível os outros como espelho para o eu. As atividades rítmicas e expressivas não devem ser renegadas na Educação Infantil, pois são importantes na estruturação das mais diversas funções psicomotoras, tais como: esquema corporal, lateralidade, coordenação motora, ritmo, equilíbrio entre outras (BARRETO, 2000). Serão apresentadas neste contexto as funções psicomotoras que podem ser adquiridas através da prática de dança, em conteúdos que os definem.

Esquema corporal

É um elemento básico para estruturação de indivíduo é a exibição da imagem que o sujeito tendo seu próprio corpo o esquema corporal decorre através das experiências que o ser humano possui natural do próprio corpo e das vivências que experimentamos. Segundo De Meur (1989):

Uma criança que se sinta à vontade significa que ele domina o seu corpo, utiliza-o com desenvoltura e eficácia, proporcionando-lhe bem-estar, tornando fáceis e equilibrados seus contatos com os outros.

Sendo assim, a criança se sentirá bem conforme seu corpo lhe obedece, em que conhece melhor, em que pode ser utilizado não só apenas para movimentar-se, mas também para agir. Uma criança da qual esquema corporal é mal desenvolvida não realiza uma boa coordenação em seus movimentos.

Lateralidade

É habilidade que o indivíduo tem em utilizar mais um lado do corpo do que o outro o

indivíduo condução preferência motora tendo mais ou menos de um dos dois lados.

De acordo com Magalhães (2001), à lateralidade da seguinte forma: Destros- são aqueles nos quais existe um predomínio claro estabelecido do lado direito na utilização dos membros e órgãos, Sinistros ou canhotos - são aqueles nos quais existe um predomínio claro estabelecido do lado esquerdo na utilização dos membros e órgãos e Ambidestros - são aqueles nos quais não existe predomínio claro estabelecido, ocorrendo o uso indiscriminado dos dois lados. Segundo Le Boulch (apud ALMEIDA, 2007) defende que:

A lateralidade é a função da dominância, tendo um dos hemisférios à iniciativa da organização do ato motor, que incidirá no aprendizado e na consolidação das praxias. Esta capacidade funcional, suporte da intencionalidade, será desenvolvida de maneira fundamental nessa época da atividade de investigação durante a qual a criança vai confrontar-se com seu meio permitir à criança organizar suas atividades motoras globais é a ação educativa fundamental. Desse modo, coloca-se a criança em melhores condições para constituir uma lateralidade homogênea e coerente (p. 61).

Coordenação motora

A coordenação motora é a capacidade de utilizar os músculos esqueléticos, resultando em uma ação mais moderada, plástica e eficiente. Ela possibilita que eu não divido o domine seu próprio corpo no espaço permitindo controlar seus movimentos. Movimentos estes como, andar correr pular arremessar realizar tarefas que necessita de uma maior habilidade como pegar em um lápis cortar desenhar tudo isso exige coordenação.

O desenvolvimento da coordenação motora exige um processo planejado e objetivo. Silva e Giannichi (1995) afirmam que quando se pretende desenvolver uma das capacidades motoras, neste caso a coordenação motora, todas as outras são influenciadas, tanto as condicionais quanto as coordenativas. Isso feito nos estágios iniciais levará ao aperfeiçoamento de outras capacidades, criando uma grande quantidade de habilidades motoras simples, para mais adiante servir de base para as fases ótimas de aprendizagem relacionadas com a coordenação motora.

Para ampliar o desenvolvimento da coordenação motora, os recursos e técnicas utilizados em um conjunto de exercícios, precisam ser usados de modo que se encontram relacionados com uma superação de dificuldades da coordenação. Conforme Silva e Giannichi (1995) a ideia básica é a criação de um automatismo, e para que se mantenha a

eficácia do desenvolvimento, os exercícios escolhidos devem ser orientados do mais simples para os mais complexos.

Equilíbrio

Entende-se que o equilíbrio é uma distribuição das diferentes tensões de estruturas corporais relacionadas à gravidade, um modo em que o corpo se encontra em relação ao meio externo, tendo em vista o posicionamento estável, sem alterações ou desvios.

Na abordagem do equilíbrio compreende-se que é o estado de um corpo quando várias forças estão atuando e este compensa anulando-as. O indivíduo em equilíbrio controla seu tônus postural, seus gestos, seu modo de respirar, sua atitude e para isso é necessário liberar os pontos de maior tensão muscular controlando suas respostas musculares e seus movimentos (ROSA NETO, 2002).

Ritmo

Quanto ao ritmo na psicomotricidade, este estará sempre presente em qualquer atividade utilizada na educação da coordenação motora, com objetivo de contribuir para que o indivíduo adquira conhecimento do próprio corpo. Além disto, tem a função de estabelecer a estabilidade do esquema corporal como também auxilia no desenvolvimento da linguagem e na compreensão do movimento.

De acordo com Machado e Nunes (2010, pg. 34 apud Conceição 2003), ritmo “é a organização constante e periódica de um ato motor. É forma de se deslocar no espaço obedecendo a uma determinada sequência de sons ou músicas. Para ter ritmo é preciso ter organização espacial”.

A relação existente entre a dança e o desenvolvimento psicomotor

A realização de movimentos de forma espontânea ou uma sequência deles de

maneira padronizada com o intuito de produzi-los com seu próprio corpo de forma rítmica e, até mesmo expressiva é atualmente chamada de dança. A dança colabora para que ocorram várias melhorias nos aspectos físicos e cognitivos e até mesmo no aumento da noção de espaço, coordenação motora e autoconhecimento.

A prática da dança como instrumento mediador de aprendizagem favorece vários pontos que podem ser trabalhados no âmbito educacional, como, o desenvolvimento psicomotor que é um processo contínuo onde através dele se dá a evolução da comunicação, inteligência, habilidades motoras e aprendizagem de forma ampla. E no âmbito educacional a dança oferece um conteúdo amplo e diversificado.

O movimento humano faz parte de todas as fases da vida do sujeito, e ele é realizado com diversas intenções que podem ser de comunicação, de expressão, relacionar um corpo e outro, de se relacionar com o mundo e até com si próprio e é de grande importância para o desenvolvimento físico e intelectual do indivíduo.

A Psicomotricidade representa um conjunto funções do corpo humano como os músculos, os ossos e o sistema nervoso que são responsáveis pelo deslocamento e a movimentação do corpo, é um campo de conhecimento que investiga o corpo humano e seus movimentos. Dessa forma, a Psicomotricidade nada mais é que o estudo do desenvolvimento do corpo e da mente através do movimento humano.

A dança é uma das primeiras modalidades conhecidas pela manifestação corporal. De acordo com Garcia e Hass (2008), a dança faz parte do mundo e é capaz de externar diversos sentimentos. Desde que o homem existe, também existem a dança. Dentre as várias possibilidades que a dança oferece, está também a preservação e demonstração através dos movimentos de qual cultura o sujeito pertence ou admira, dos gostos pessoais sobre ritmos, gêneros musicais. Sendo assim através da dança o sujeito dá às pessoas a oportunidade de conhecê-lo de outro modo.

O desenvolvimento psicomotor é o estudo das relações do sujeito com o seu corpo, e esse estudo diz que a psicomotricidade aliada a dança auxilia o indivíduo na obtenção da flexibilidade, agilidade, equilíbrio, noção de espaço e socialização. A psicomotricidade ensina ao indivíduo a aprender a identificar a direita e esquerda (lateralidade) as noções de espaço, a coordenação motora, a socialização e a flexibilidade, aprende a se relacionar com as pessoas a sua volta, auxilia na concentração e na aprendizagem através sentidos auditivos, visual, e outros, além de desenvolver o sócio afetivo. (LE BOULCH, 1984).

A dança é capaz de estimular o desenvolvimento do adolescente e oportuniza a

aprendizagem de diversos saberes e a partir dessa atividade faz com que os alunos descubram movimentos que ajudam na elaboração de ideias, conceitos e autoconhecimento. Portanto, a dança deve ser considerada como uma expressão global do corpo, onde a emoção, a sensibilidade e a criatividade se tornam o foco central da ação, ou seja, possibilita ao ser humano se autoconhecer e se realizar. (NANNI, 1998)

No processo de ensino aprendizagem a prática da dança não deve ser vista apenas como uma ação corporal, pois ela contribui de forma significativa para a chamada psicomotricidade e ambas são muito importantes para a formação integral do sujeito. A dança no contexto escolar faz com que o aluno adquira a confiança, maturidade, domínio dos próprios movimentos, desenvolvimento da expressividade, como também, contribuiu para as habilidades motoras, a socialização do sujeito e os cuidados com o próprio corpo.

A prática da dança com relação ao desenvolvimento psicomotor do aluno não deve tratado de forma separada do caráter educacional e artístico. O educador físico precisa fazer com que as aulas sejam lúdicas e prazerosas, proporcionar aos alunos a prática de jogos, danças e oportunidade de conhecerem seu corpo, pois a diversão contribui para o desenvolvimento da aprendizagem. A dança beneficia o desenvolvimento humano de uma maneira mais completa. Por meio do conhecimento do corpo no espaço e no tempo, a ação do corpo com suas conexões com os outros, levam o indivíduo a desenvolver-se harmoniosamente, ao nível físico, psíquico e social.

O desenvolvimento social começa também a ser estimulado com a dança. “O sentimento estético é indissociável do estado afetivo, por isso é pessoal e mutável. Está sempre em constante modificação e aperfeiçoamento, consoante o estado afetivo e as análises das experiências que cada criança realiza” Gonçalves (1996). Pela dança o indivíduo expressa e transmite em forma de arte a sua apresentação da realidade, de forma harmoniosa, todas as solicitações do meio, desenvolvendo a criatividade e integração social.

A dança facilita a aprendizagem de uma consciência corporal, à percepção espacial, à experiência das emoções do corpo formada pelos movimentos e pelos sentidos. A consciência corporal e o domínio do corpo ajudam para um maior domínio sobre si mesmo. No entanto, a dança pode ser um meio para o desenvolvimento da psicomotricidade, pois oportuniza o desenvolvimento da consciência integral de seu corpo para um bom desempenho escolar, auxiliando o educando a superar possíveis dificuldades psicomotoras (FURTADO, 1998).

O ensino da dança para adolescentes está baseado em práticas relacionadas com a psicomotricidade, a qual aumentam suas vivências corporais de forma consciente. A prática da dança proporciona ao indivíduo um trabalho que leve o adolescente a aprender e a conhecer o seu corpo, proporciona também experiências que leve a aprendizagem frente ao seu desenvolvimento conforme as fases de seu crescimento.

As informações também influenciam na aprendizagem, tendo em consideração as diferentes formas de o indivíduo aprender, alguns têm mais precisão de informações do que outros, ou mesmo necessitam de demonstração do movimento além da declaração verbal.

No ensino da dança aprendizagem de habilidades motoras estabelecem um dos principais objetivos. Isto depende do controle de um conjunto de procedimentos que podem ser obtidos e aperfeiçoados através da prática, pois por meio das experiências é possível analisar e avaliar os níveis de habilidades dos indivíduos.

Bambirra (1999) menciona que a dança é muito rica em estímulos devido ao fato de que na busca de alcançar a variedade expressiva os indivíduos utilizam diversos estímulos sensoriais que podem ser classificados como: auditivos, cognitivos, motores e afetivos.

A dança por promover uma excelente formação corporal e espírito de socialização, possibilita manter o ser adaptado com o meio em que vive. Tendo um grande potencial pedagógico que possibilita ao indivíduo o uso de forma consciente para expressar suas ideias, sentimentos e emoções. O que vem a compreender as necessidades e metas da educação, auxiliando para o desenvolvimento integral do ser humano.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a realização dessa pesquisa bibliográfica foi possível apontar algumas considerações importantes para responder à problematização central proposta no presente projeto. Desse modo, a bibliografia sobre dança e desenvolvimento psicomotor de adolescentes apresentou importantes reflexões, com base em pesquisas com observação e coletas de dados em diferentes realidades, foi possível identificar como a dança contribui para o desenvolvimento psicomotor dos adolescentes.

Como foi visto, a inserção da dança na escola contribui no processo de crescimento das crianças e adolescentes, favorecendo a evolução em relação ao domínio do seu corpo,

assim possibilita o aprimoramento das suas capacidades de movimentação corporal, de conhecer novos espaços, formas de superar suas limitações adquirindo condições para enfrentar novas habilidades motoras, sociais, afetivos e cognitivos. Portanto, a dança é uma ferramenta fundamental na formação educacional e social dos adolescentes, pois oportuniza o desenvolvimento psicomotor.

Através da dança o adolescente torna-se conhecedor do seu corpo no espaço e no tempo, a ação do próprio corpo e suas conexões com os outros. Isso conduz o adolescente ao autoconhecimento e ao desenvolvimento equilibrado dos três níveis físico, psíquico e social. A pesquisadora Maria Cristina Lopes (2018) apresentou como esse processo de desenvolvimento acontece através da dança:

A dança possui uma característica importante que é o formato grupal. Este formato auxilia na criação de vínculos que é necessária em especial para o adolescente que busca se descobrir e esta descoberta nasce no contato com o outro. Ou seja, o sujeito se define a partir do seu contato com o outro. O movimento também é um formato de expressão pouco explorado em muitos modelos de sociedade. Apesar disso, é uma excelente forma de expressão para o sujeito adolescente que ainda está no processo de autodescoberta. O movimento permite a expressão de sentimentos com os quais os adolescentes não sabem lidar de antemão. Portanto, o movimento não permite somente a expressão, mas também a elaboração e regulação destes sentimentos.

Por meio dessa pesquisa bibliográfica foi possível compreender como as atividades rítmicas desenvolvem a motricidade. Assim o desenvolvimento da psicomotricidade acontece através da dança como forma de aquisição de controle corporal no espaço e suas relações com outras pessoas. Ela é uma atividade complementar que ajuda no desenvolvimento da psicomotricidade, fundamental na primeira infância (Fux, 1983).

Como o crescimento físico se relaciona diretamente com o desenvolvimento motor, é através do crescimento e da maturação biológica que se determinará em que nível se encontra a criança, com relação ao seu desenvolvimento psicomotor. Por isso deve-se considerar a relevância da ação psicomotora sobre a organização da personalidade da criança, torna-se indispensável um trabalho educativo que promova um melhor desenvolvimento de suas habilidades, considerando as atividades propostas de acordo com as etapas da vida do adolescente.

Assim, “a travessia ao mundo adulto permeou a experiência dos adolescentes com

a dança. [...] Dançavam enquanto adolesciam e adolesciam enquanto dançavam” (Miranda & Cury, 2010, p.398). As referidas autoras defenderam em suas pesquisas a importância da dança no desenvolvimento do adolescente possibilitando o mesmo ser protagonista do seu processo de adolecer.

Os movimentos realizados através da dança além de promoverem a autodescoberta, o autoconhecimento contribui para que o adolescente se torne um jovem independente. Isso ocorre através do envolvimento do adolescente nas apresentações de dança realizadas no espaço escolar e na comunidade gerando aspectos de autonomia e confiança, ou seja, o adolescente desenvolve a autonomia na construção de apresentações de dança, que serão refletidas nos seus projetos de vida. Desta forma, a dança pode auxiliar neste processo de independência, expressão de si e criação de vínculos sociais e afetivos.

Conforme verificou-se, nesse trabalho, as pesquisas analisadas apresentam a dança como importante elemento na construção de uma educação que desenvolva o potencial da criança e do adolescente. As práticas de dança contribuem de forma significativa para o aprimoramento das habilidades cognitivas, afetivas, sociais e motoras.

Sendo assim, por meio de um bom planejamento educacional de acordo com o conhecimento biológico dos movimentos e fases da criança e do adolescente, pode-se contribuir para uma educação que contribui para o melhor desenvolvimento psicomotor na infância e do adolescente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que através desse estudo bibliográfico, pode-se notar a importância que a dança contribui para o desenvolvimento psicomotor do adolescente, através de atividades rítmicas que proporcionam grandes benefícios. A dança é um ato de se expressar tendo seus primeiros registros executados por nossos antepassados, tem uma grande contribuição nos fatos sociais e culturais destacando a relação do indivíduo com o mundo.

Visando que a dança é o conhecimento da manifestação corporal e cultural que contribui em estimular a consciência rítmica, assim como a criatividade individual, tudo isso numa concepção educacional. Com base no trabalho é importante ressaltar que a

dança pode ser um elemento que estimula e beneficia o desenvolvimento da psicomotricidade por motivo das suas possibilidades no contexto da educação, a sua função envolve ensino-aprendizagem e oportunidade de movimento; consciência corporal e ritmo. Sendo assim verificou-se que a educação psicomotora é fundamental para uma formação de base para o desenvolvimento motor e também para o desenvolvimento afetivo e psicológico.

Não restam dúvidas da relevância da dança para o desenvolvimento psicomotor do adolescente, aliás, desde a infância. Nesse sentido, destaca-se a necessidade da inserção da dança como prática escolar, ou seja, inserir nos currículos escolares atividades rítmicas como a dança.

A realidade educacional brasileira apesar de regulamentar a dança como parte dos programas escolares, ainda precisa ser melhor exercida. Buscando uma formação adequada dos profissionais da educação que desenvolveram essas atividades junto aos estudantes, indica-se que os professores de Educação Física estejam habilitados para trabalhar com a dança. Haja vista, a implementação dessas atividades deve perpassar o reconhecimento da dança como um elemento educacional e artístico primordial no desenvolvimento psíquico e motor de crianças e adolescentes. Assim a dança contribuirá na formação de crianças e adolescentes com capacidades afetivas, motoras e cognitivas fundamentais na construção futuros jovens e adultos capazes de construir uma sociedade plural e igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. Teoria e prática em psicomotricidade jogos, atividades lúdicas, expressão corporal e brincadeiras infantis. **Wak editora, 2º Ed. Rio de Janeiro, 2007.**

ALVES, Fátima. **Como aplicar a Psicomotricidade: uma atividade multidisciplinar com amor e união.** Rio de Janeiro: Wak, 2009.

BAMBIRRA, W. **Dançar e sonhar a didática do Ballet Infantil.** Belo Horizonte: 1993.

BARRETO, Débora. **Dança... Ensino, sentidos e possibilidades na escola.** Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

BARRETO, Sidirley de Jesus. **Psicomotricidade, educação e reeducação.** 2º ed.

Blumenau: Livraria Acadêmica, 2000.

BOATO, E. M. **Introdução á educação psicomotora: a vez e a voz do corpo na escola**. Brasília. ASSEFE – Associação de Assistência aos Servidores da FEDF, 1996.

CAMINADA, Eliana. **História da dança: evolução cultural**. Rio de Janeiro, Sprint, 1999.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FELIX, Maria Tatiana de Lima Rocha; GAMA, Tatiane; FELIX, Thiago Sousa. **Metodologia do ensino da atividade rítmica e dança**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2015. Disponível em: <<https://biblioteca-virtual.com/detalhes/livro/144>>. Acesso em: 15 maio 2021.

FURTADO, V. **Relação entre desempenho psicomotor e a aprendizagem da leitura e escrita**. 1998. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, SP: 1998.

GARIBA, C.M.S.; FRANZONI, A. **Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física**. Revista Movimento. Porto Alegre, v.13, n. 02, p.155-171, maio/agosto de 2007.

GIL, A.C. (2002) **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas S/A.

GONÇALVES, I. (1996). **“Representação da Dança no ensino genérico e extraescolar, no concelho de Vila Franca de Xira: freguesias de Alverca, Póvoa de Sta Iria e Vila Franca de Xira”**. Trabalho da cadeira de Análise do Ensino da Dança. Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.

HASS, Aline Nogueira; GARCIA, Ângela **Expressão Corporal: aspectos gerais** / Aline Nogueira Hass, Ângela Garcia – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

LE BOULCH, Jean. **A educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

LOPES, M. C. (2018, abril 4). **A dança ajuda o adolescente a desenvolver autonomia e independência: a dança no processo de adolescer** [Blog]. Recuperado de: <http://www.mariacristinalopes.com/a-dan-a-para-adolescentes-previne-estresse--depress-o-e-ansiedade-.html>.

MACHADO, José Ricardo M. e NUNES, Marcus Vinícius da S. **Recriando a Psicomotricidade**. Sprint, 2010.

MAGALHÃES, A. F. **Lateralidade: implicações no desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

MEUR, A. de e STAES, L. **Psicomotricidade: Educação e Reeducação**. São Paulo: Manole, 1989.

MENDES, Miriam Garcia. **A dança**. 1ª edição – São Paulo: Ática, 1985. 80p.

MIRANDA, R. M. R., & Cury, V. E. (2010). **Dançar o adolescer: estudo fenomenológico com um grupo de dança de rua em uma escola**. Paidéia, 20(47), 391-400.

NANNI, D **Dança-Educação: pré-escola à universidade**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

NANNI, D. **Dança Educação: princípios, métodos e técnicas**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

NANNI, D. **Dança educação, princípios métodos e técnicas**. 2 ed. Rio de Janeiro: SPRINT, 1998. p.8-

ROSA NETO, F. **Manual de avaliação motora**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, Renato de Oliveira; GIANNICHI, Ronaldo Sergio. **Coordenação motora: uma revisão de literatura**. Revista Mineira de Educação Física, Viçosa, n.3, p. 17-41, 1995.

VARGAS, Lisete Arnizaut Machado de. **Escola em Dança: Movimento, Expressão e Arte**. Editora Mediação, 2007.

Capítulo 3

O DESENHO INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIAÇÃO E DA IMAGINAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Poliana Hreczynski Ribeiro

Ludimila Eduarda Hreczynski da Silva

O DESENHO INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIAÇÃO E DA IMAGINAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Poliana Hreczynski Ribeiro

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE) na Universidade Estadual de Maringá (UEM), pollyannahre@hotmail.com

Ludimila Eduarda Hreczynski da Silva

Professora da Educação Básica, Especialista em Educação Infantil, Letramento e Atendimento Educacional Especializado, ludimilamga@gmail.com

Resumo: O desenho infantil possibilita aos/as alunos/as seu desenvolvimento psíquico e cognitivo quando planejado intencionalmente pelos/as professores/as. A vista disso, o capítulo tem por objetivo compreender o desenho infantil para o desenvolvimento da criação e da imaginação na infância, a fim de possibilitar subsídios teórico-metodológico aos/as professores/as que atuam nessa etapa educacional. Para atingir tal objetivo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, tendo como amparo a psicologia histórico-cultural, que tem como base epistemológica e ontológica o materialismo histórico-dialético, sendo referenciais que se configura como elemento fulcral na reflexão sobre a aprendizagem e desenvolvimento da criança, além de instrumentalizar a práxis pedagógica dos/as docentes. Menciona-se especificamente as obras “Imaginação e Criação na Infância” (VIGOTSKI, 2009); “Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem” (VIGOTSKII; LURIA; LEONTIEV, 2016), pois esses referenciais propicia a reflexão acerca do processo de ensino e aprendizagem das crianças, como também, as possibilidades de intervenções pedagógicas nas instituições educativas de Educação Infantil. À vista disso, considera-se a necessidade de processo intencional e sistematizado que apresente às crianças o que há de mais belo e elaborado na história da humanidade, que são as riquezas culturais existentes a fim de ampliar o conhecimento das crianças, por meio de suas criações artísticas, assim desenvolvendo as funções psicológicas superiores.

Palavras-chave: Desenho. Infância. Educação Infantil. Criança. Professores/as. Função Psicológica Superior.

Abstract: Children's drawing allows students their psychic and cognitive development when intentionally planned by teachers. In view of this, the chapter aims to understand children's drawing for the development of creation and imagination in childhood, in order to provide theoretical and methodological subsidies to teachers who work in this educational stage. To achieve this objective, a bibliographic research was carried out, having as support the historical-cultural psychology, which has historical-dialectical materialism as its epistemological and ontological basis, being references that configures

itself as a central element in the reflection on the learning and development of the child, in addition to instrumentalizing the pedagogical praxis of teachers. Specific mention is made of the works “Imagination and Creation in Childhood” (VIGOTSKI, 2009); “Language, development and learning” (VIGOTSKII; LURIA; LEONTIEV, 2016), as these references provide reflection on the teaching and learning process of children, as well as the possibilities of pedagogical interventions in educational institutions of Early Childhood Education. In view of this, it is considered the need for an intentional and systematized process that presents children with the most beautiful and elaborate in the history of humanity, which are the existing cultural riches in order to expand children's knowledge, through their artistic creations, thus developing the higher psychological functions.

Keywords: Design. Childhood. Child education. Kid. Teacher. Superior Psychological Function..

Guisa da discussão...

O interesse para realização deste capítulo origina-se de estudos e pesquisas durante a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “Possibilidades com o desenho para aprendizagem da linguagem escrita: Contribuições da Teoria Histórico-Cultural” no Curso de graduação em Pedagogia, realizado em uma instituição pública de Ensino Superior no norte do Paraná.

Desse modo, nesse momento, objetiva-se compreender o desenho infantil para o desenvolvimento da criação e da imaginação na infância, a fim de possibilitar subsídios teórico-metodológico aos/as professores/as que atuam nessa etapa educacional. Tendo como amparo a psicologia histórico-cultural, pois configura-se como elemento fulcral na reflexão sobre a aprendizagem e desenvolvimento da criança, além de instrumentalizar a práxis pedagógica dos/as docentes.

Nessa perspectiva, a psicologia histórico-cultural, tem como premissa de que a atividade criadora do homem o torna capaz de projetar – como afirma Vigotski – fazer o futuro, modificar o presente; justamente isso faz com que este referencial teórico se apresente enquanto humanizador, que instrumentaliza a práxis pedagógica, para vislumbrar uma Educação plena para todos.

Com base nisso, organizou-se uma investigação bibliográfica, no qual Gil (2002, p. 45) relata que “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”, desse modo, percebe-se que esse tipo de pesquisa, é

indispensável para conhecer o acervo histórico dos fatos passados. Porém, faz-se necessária uma escolha cuidadosa das fontes primárias e secundárias, para que não comprometam a qualidade da pesquisa.

Dessa forma, selecionou-se obras basilares para discussão, sendo: o livro “Imaginação e Criação da Infância” (VIGOTSKI, 2009), especificamente os capítulos, primeiro “Criação e Imaginação”, o segundo “Imaginação e Realidade”, o sexto “A criação literária na idade escolar” e o oitavo “Desenhar na Infância” e o livro “Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem” (VIGOTSKII; LURIA; LEONTIEV, 2016) particularmente o oitavo capítulo “O desenvolvimento da escrita na criança”.

Com essas referências, buscou-se responder: Qual a contribuição do desenho para o desenvolvimento da criação e da imaginação na Infância? Na tentativa de responder tal questionamento, contou-se com uma organização didática que no primeiro momento apresente os aspectos gerais do desenho, pois conforme a pintora, desenhista, designer gráfico e escritora Edith Derdyk, o desenho “sempre esteve presente desde que o homem inventou o homem” (DERDYK, 2010, p.10), desse modo, o desenho vem quase ao mesmo tempo com a história dos seres humanos.

Adiante, no segundo momento intensificará essas análises, abordando as funções psicológicas superiores, principalmente à criação e à imaginação que são desenvolvidas com o desenhar na infância, com a finalidade de superar a visão espontaneísta presente na Educação infantil, e conseqüentemente, favorecendo subsídios para uma formação humana, sensível e emancipada das crianças.

Estudos iniciais acerca do desenho infantil

Ao desenhar, a criança pode utilizar-se de diferentes linguagens como o brincar, falar, cantar e dentre outras formas de expressão, porém no decorrer do crescimento maturacional os seus desenhos modificam-se, devido às influências biológicas, sociais, econômicas e culturais, como também as características individuais (MOREIRA, 2009).

Nesse sentido, os desenhos infantis começam a ser compreendidos como manifestação ativa das experiências anteriores das crianças, conforme a região, país, recursos, classes sociais, isto é, do contexto ao qual elas estão inseridas. Esses aspectos também são reproduzidos nas suas atividades, pois:

Considera-se que, ao desenhar, a criança use cognição e sensibilidade somadas à experiência que tem diretamente com desenho no contexto sócio-histórico e cultural em que vive, por si ou com mediação de outros (crianças e adultos). Não se deve deixar de observar que o fato de a criança sofrer influência das culturas, fenômeno incorporado pelas didáticas contemporâneas da arte, não significa perda de liberdade de seleção e escolha do sujeito criador nos atos de aprendizagem. (IAVELBERG, 2013, p. 14).

À vista disso, as produções são individualizadas de acordo com as singularidades das crianças, Iavelberg (2013), afirma ainda que as crianças nas instituições educativas de Educação Infantil desenvolvem as funções simbólicas do desenho em consonância com a linguagem, assim possibilitando aos/as professores/as identificar os desenhos dos escolares, conforme suas especificidades individuais.

Dessa forma, Bombonato e Farago (2016, p. 179) apresentam que:

O grafismo infantil tem suas características próprias e determinantes quando retratamos o ato de desenhar, a autonomia, a reflexão, a concentração e o simbolismo, são concepções particulares deste momento da criança, pois são nestas ações que percebemos que elas se sentem à vontade quando estão traçando algo e que são as protagonistas da cena.

Nesse sentido, as crianças são protagonistas de seus desenhos, pois experimentam os movimentos e os materiais oferecidos sem restrições, assim realizando contato com os recursos para desenhar. Que conforme Vigotski (2009) estão os desenhos de esquemas, representados preferencialmente pelas figuras humanas, sendo as conhecidas cabeças e pernas, a criança desenha o que lembra em relação ao objeto e não o que vê ou o que imagina.

Nesse sentido, Chaves (2017, p. 55) respaldada pela psicologia histórico-cultural, afirma que “[...] a criança está no primeiro estágio ou estágio de esquemas. Nessa condição, desenha representações esquemáticas do objeto, e que, portanto, não se aproximam de sua representação real”. E nesse estágio que há como marco essencial, o fazer artístico pela memória na narrativa gráfica que resultam nos desenhos de raios X.

Então, o resultado é o que se chama corretamente de desenhos de raios X. [...]. Ao desenhar uma figura humana vestida, a criança traça sob as roupas que não vê. Outra prova clara de que ela desenha de memória são as incongruências e a inverossimilhança do desenho infantil. Partes grandes do corpo humano, como o torso, frequentemente estão ausentes no desenho infantil; as pernas crescem a partir da cabeça; o mesmo ocorre com os braços; as partes são unidas, muitas vezes, não na ordem

em que a criança pôde observar numa figura humana. (VIGOTSKI, 2009. p. 107-108).

Desse modo, a criança desenha inicialmente o que é mais fácil e cômodo, pois as crianças desenhavam aquilo que sabe e não o que visualizam, ou seja, o desenho da criança é uma enumeração gráfica do que visualiza, assim narrando graficamente suas experiências anteriores com o meio social e com as relações entre as pessoas.

Nesse contexto, como pensar nesses desenhos infantis para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores que são “[...] a linguagem, o pensamento, a memória, o controle da própria conduta, a linguagem escrita, o cálculo”, como também, a criação, imaginação, criatividade, entre outras funções que “antes de se tornarem internas ao indivíduo, existem concretamente nas relações sociais [...]” (MELLO, 1999, p. 20) no contexto social que as crianças estão inseridas. Contudo, nesse texto, chama-se a atenção para duas funções psicológicas superiores, sendo a criação e imaginação que serão abordados na seção a seguir.

O desenho infantil para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores

Destaca-se, o livro “Imaginação e Criação na Infância” (2009) que apresenta uma compreensão do desenvolvimento da criação e da imaginação na infância, ao afirmar que as funções psíquicas não ocorrem espontaneamente a partir de impulsos internos e não são semelhantes entre as crianças, pois precisam das interações humanas e sociais, assim perpassando por dois tipos principais de atividade, sendo, a primeira a atividade reconstituída ou reprodutiva e segunda a atividade criadora ou combinatória (VIGOTSKI, 2009).

Na atividade reconstituído ou reprodutivo, o processo “Está ligado de modo íntimo à memória; sua essência consiste em reproduzir ou repetir meios de conduta anteriormente criados e elaborados ou ressuscitar marcas de impressões precedentes” (VIGOTSKI, 2009, p. 11), sendo essencial na conduta humana, pois às vivências são fundamentais para o desenvolvimento das produções artísticas.

Vigotski (2009, p. 12) aborda que a base orgânica dessa atividade, está na plasticidade, na qual “[...] Chama-se plasticidade a propriedade de uma substância que permite que ela seja alterada e conserve as marcas dessa alteração”, assim nosso cérebro

e nervos possuem plasticidade, pois modificam-se conforme as reações e estímulos externos, como também conservam as modificações realizadas.

[...] quando elaboro desenhos de observação, quando escrevo ou faço algo seguindo determinado modelo, reproduzo somente o que existe diante de mim ou o que assimilei e elaborei antes. O comum em todos esses casos é que a minha atividade nada cria de novo e a sua base é a repetição mais ou menos precisa daquilo que já existia. (VIGOTSKI, 2009, p. 12).

Dessa forma, os desenhos são realizados pelas experiências anteriores das crianças que reproduzem em suas atividades artísticas a realidade que estão vivenciando ou já vivenciaram. Diante disso, as memórias (essência que consiste em produzir a conduta humana) estão presentes nas manifestações artísticas (VIGOTSKI, 2009).

Adiante, destaca-se a atividade criadora ou combinatória, como essenciais, pois “Toda atividade do homem, que tem como resultado a criação de novas imagens ou ações, e não a reprodução de impressões ou ações anteriores da sua experiência [...]” (VIGOTSKI, 2009, p. 13), assim, as vivências anteriores possibilitam combinar e reelaborar novos elementos do comportamento humano, pois o cérebro combina e reelabora as vivências anteriores com novos elementos do comportamento. Assim:

O cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também o que combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento. (VIGOTSKI, 2009, p. 14).

Nesse sentido, o cérebro não reproduz somente as vivências anteriores, mas proporciona que essas experiências se tornem criações pelos seres humanos, no aprimoramento dos instrumentos que estão ao seu redor, desse modo, “[...] na atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente”, (VIGOTSKI, 2009, p. 14), essa atividade possibilita aos homens criarem e modificarem o meio em que se encontra, por meio de suas experiências.

Ressalta-se a imaginação que consiste intrinsecamente na atividade criadora humana. Sendo que:

[...] a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura da imaginação e da criação humana que nela se baseia. (VIGOTSKI, 2009, p. 14).

Portanto, a atividade criadora do homem, proporciona o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, a fim de buscar compreender, pelas leis gerais do desenvolvimento humano, o processo de criação. Que se iniciam na primeira infância, sendo identificado pelas brincadeiras infantis, nas quais as crianças reproduzem suas vivências, que em sequência são aprimoradas pelas condições reais, do brincar, da criação e da imaginação (VIGOTSKI, 2009).

Dessa forma, “Para compreender o mecanismo psicológico da imaginação e da atividade de criação a ela ligada, é melhor iniciar pelo esclarecimento da relação entre fantasia e realidade no comportamento humano” (VIGOTSKI, 2009, p. 19), com o propósito de apresentar que, as relações entre a imaginação e a realidade se constituem nas experiências anteriores da pessoa.

Diante disso, “A primeira forma de relação entre imaginação e realidade consiste no fato de que toda obra da imaginação se constrói sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa” (VIGOTSKI, 2009, p. 20), sendo que a imaginação é desenvolvida pelas experiências anteriores, ou seja, a imaginação se constrói por meio de materiais reais que estão presentes no meio social.

Portanto, a lei essencial para a atividade criadora da imaginação está na riqueza de experiências, que possibilitem modificar e aprimorar os materiais oriundos do mundo externo, para a criação de novos instrumentos realizados pelos seres humanos. Dessa forma a:

[...] imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções das fantasias. *Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência – sendo as demais circunstâncias as mesmas –, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação.* (VIGOTSKI, 2009, p. 23, grifos nossos).

A imaginação é desenvolvida pelo acúmulo de experiências anteriores das pessoas, isto significa, que quanto mais ricas são as vivências, mais elementos as crianças terão para criarem e imaginarem assim modificando o meio que se encontra em suas atividades produtivas.

Dessa maneira, o desenvolvimento da imaginação está condicionado ao acúmulo de experiências, desafios propostos às ricas possibilidades de organização dos procedimentos didáticos aos escolares, pois a criatividade se ensina e, assim, há a

necessidade de que as intervenções pedagógicas favoreçam o aprimoramento da capacidade criativa das crianças, para assim, enriquecê-las.

Em consonância com isso, o/a professor/a pode favorecer e ampliar as experiências das crianças e oferecer subsídios para o desenvolvimento dessas capacidades por meio do ensino do desenho. Desse modo, a intervenção pedagógica é capaz de potencializar o desenvolvimento intelectual das crianças.

Levando em conta essa assertiva, para o desenvolvimento da criação das crianças faz necessário ampliar as suas vivências, porque a imaginação constitui-se a partir de elementos já vivenciados. Além disso, valoriza a ação do/a professor/a, indivíduo mais experiente, capaz de possibilitar vivências e organizar a rotina e o espaço a fim de ampliar as experiências das crianças para o desenvolvimento de suas funções psíquicas. Desse modo:

O material do qual se constitui as construções da fantasia dependem diretamente das experiências anteriores, quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material estará disponível para a imaginação dela. As grandes invenções e as grandes descobertas [...] surgiram de uma imensa experiência acumulada. (LEITE, 2016, p. 48).

Diante disso, o desenho é uma das formas humanas de representação do pensamento. Desenhando a criança pode apresentar a forma como vê o mundo, de que maneira esse processo se realiza, assim indicando os aspectos cognitivos, imaginários e criativos, como também, é uma das manifestações do desenvolvimento da criança ao lado da afetividade, pensamento e motricidade.

Nesse sentido, apresenta-se abaixo um desenho que representa a visão de mundo de uma criança:

Ilustração: Representação de memória de um menino com o terço na mão esquerda. Desenhou-o um menino com nove anos de idade.



Fonte: RIBEIRO, (2019).

As representações do desenho se constituem na imaginação, na fantasia em relação à realidade da criança, que se modifica na reelaboração por meio das experiências humanas. Assim, essas vivências proporcionam uma complexa atividade imaginária para a realidade. Dessa forma, “a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humano” (VIGOTSKI, 2009, p. 25), ou seja, a imaginação e as experiências proporcionam que as crianças consigam desenvolver os desenhos que representam seus sentimentos, objetos e interesses, como podemos visualizar no desenho acima, a fé religiosa que está presente nas vivências anteriores dessa criança, ao desenhar o rosário.

Nesse sentido, ressalta-se que:

[...] o desenho da criança não produz uma realidade material, mas a realidade conceituada. Ou seja, o desenho da criança exprime o conhecimento conceitual que a criança tem de uma dada realidade. Conhecimento que é constituído socialmente e para o qual concorrem memória, que possibilita o registro do que é conhecido e conceituado, e

imaginação, que, conforme Vygotsky, também está vinculada às experiências acumuladas pelo sujeito. Assim, os desenhos materializam as imagens mentais do que a criança conhece e tem registrado na memória, com a contribuição da imaginação. Ou seja, criança não faz desenho de observação, mas de memória e imaginação. (FERREIRA, 1998, p. 12).

Com esse respaldo, acredita que a psicologia histórico-cultural favorece a compreensão do desenvolvimento da criação e da imaginação nas crianças por meio dos desenhos, assim possibilitando os estímulos e a interação com a atividade criadora que requer a função do/a professor/a nesse processo, pois realiza a mediação do conhecimento com a realidade do/a aluno/a, a fim de oportunizar às crianças condições para que se desenvolvam maximamente, “[...] pois a criança não pode descobrir e compreender o mundo sozinha. É o professor que organiza a atividade da criança e lhe apresenta o mundo [...]” (MARSIGLIA, 2013, p. 90- 91), dessa forma, se faz necessário pensar e refletir as intervenções pedagógicas que aprimorem as criações artísticas das crianças e assim consequentemente as funções psicológicas superiores.

Considerações Finais

Considera-se que a criação e a imaginação se desenvolvem pelas experiências que a criança estabelece no meio social e com as relações entre as pessoas, com essas afirmativas, o/a professor/a tem a possibilidade de propiciar vivências enriquecedoras com o desenhar, pois, os/as alunos/as aprendem a se expressar na atividade gráfica.

Todavia, as experiências das crianças no meio social são fundamentais para o desenvolvendo da criação e da imaginação, pois o/a docente precisa “[...] cultivar e orientar a imaginação criadora, a liberdade para criar [...] nesse contexto tem um lugar seguro, tão seguro quanto é o lugar do ensino” (CHAVES, 2017, p. 55 - 56), assim defende-se que precisa apresentar às crianças o que há de mais belo e elaborado na história da humanidade, que são as riquezas culturais existentes que amplie o conhecimento das crianças, por meio das criações artísticas, assim desenvolvendo as funções psicológicas superiores.

REFERÊNCIAS

BOMBONATO, G. A.; FARAGO, A. C.. As etapas do desenho infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Ano 3, n. 1, Bebedouro-SP: 2016.

CHAVES, M.. A Teoria Histórico-Cultural e a Linguagem Escrita na Educação Infantil: estudos e reflexões. **Obutchénie**, Ano 1, n. 3, Uberlândia, MG: 2017.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 2010.

FERREIRA, S.. Imaginação, Linguagem, Conhecimento e Desenho. In FERREIRA, S.. **Imaginação e linguagem no desenho da criança**. Campinas, SP: Papirus, 1998. p. 41 – 52.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IABELBERG, R.. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2013.

LEITE, A. C. de C. G.. **Interfaces entre desenho e letramento na Educação Infantil: contribuições da teoria histórico-cultural**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016. p. 48 – 52.

MARSIGLIA, A. C. G.. **Infância e Pedagogia Histórico – Crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

MELLO, S. A.. Algumas implicações pedagógicas da Escola de Vygotsky para a educação infantil. **Pro-Posições**, Ano 10, n.1, Campinas, SP: 1999.

MOREIRA, A. A.. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

RIBEIRO, P. H.. **Possibilidades com o desenho para aprendizagem da linguagem escrita: Contribuições da Teoria Histórico-Cultural**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá. 2019.

VIGOTSKI, L. S.. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: ícone, 2016.

Capítulo 4

PERSONALIDADE E CRIME: UM ESTUDO SOBRE OS ESQUEMAS DE PERSONALIDADE EM INDIVÍDUOS PRIVADOS DE LIBERDADE

Marseilly Carvalho Oliveira Rocha

Nilton S. Formiga

Ederaldo José Lopes

PERSONALIDADE E CRIME: UM ESTUDO SOBRE OS ESQUEMAS DE PERSONALIDADE EM INDIVÍDUOS PRIVADOS DE LIBERDADE

Marseilly Carvalho Oliveira Rocha

*Mestrado em Psicologia da Saúde/Processos Cognitivos - UFU. Psicóloga Jurídica/Prisional
no Presídio de Uberlândia I. Docente nos cursos de Psicologia e Direito - Uberlândia, MG*

Nilton S. Formiga

*Doutorado em Psicologia Social UFPB. Pós-doutorado Psicologia UFRJ.
Docente/Pesquisador Ecossistema Ânima/Universidade Potiguar*

Ederaldo José Lopes

*Doutorado em Psicobiologia - USP. Pós-Doutorado em Filosofia da Mente e Ciências
Cognitivas UFSCar. Docente Titular- UFU, Uberlândia, MG, Brasil*

Introdução

A preocupação em relação às explicações e intervenções sobre o crime é recorrente desde os primeiros filósofos. Considerava-se que tal prática tinha sua explicação na patologia, na falta de conhecimento, na busca por prazeres exagerados, bem como, na condição da miséria humana, sendo com isso, um “inimigo” da sociedade e devendo, portanto, ser castigado o indivíduo que se envolvesse em tais práticas (Shikida et al., 2006). Essa busca cada vez maior por se compreender os aspectos relacionados à prática criminal se relaciona, entre outros aspectos, ao aparente aumento da emissão de comportamentos antissociais e violentos apresentados tanto por adolescentes e jovens quanto adultos (Adalbjarnardottir & Rafnsson, 2002; Ding, Nelsen & Lassonde, 2002; Engels & Bogt, 2001; Hawkins, Catalano & Miller, 1992; Herrenkohl et al., 2000; Patterson, DeBaryshe & Ramsey, 1989; Saner & Ellickson, 1996, como citado em Vasconcelos et al., 2008).

Diferentes disciplinas têm estudado o fenômeno criminal, tais como, Sociologia, Direito, Economia e Psicologia. Dentre os fatores que têm sido estudados desde o surgimento das primeiras preocupações sobre o assunto, estão:

1) Fatores ambientais e situacionais:

1.1) Convivência e práticas de criação familiar (Dulesko, 2008; McCord, 1996, 2001; Synder & Patterson, 1987 como citado em Sobral et al., 2000; Beck, A., 2000; Bentes, 1999; Fergusson & Horwood, 1998; Forth & Burke II, 1995; Salekin et al., 2004; Schimit et al., 2006; National Institute of Justice, 1996; Windom & Maxfield, 1996; Lamphear, 1989; Wildin et al., 1991; Juby & Farrington, 2001; Mendonça et al., 2003);

1.2) Fatores econômicos e sociais, os quais enfatizam a relação entre pobreza e crime, envolvimento com grupos, socialização escolar, entre outros (Wright et al., 2001; Sankey & Huon, 1999; Rutter, s.d. como citado em Benavente, 2002; Beato Filho, 1998; Sobral et al., 2000; Svobodny, 1982 & Swaim, 1991 como citado em Sobral et al., 2000; Romero et al., 1995; Akers, 1997; Adorno, 2002; Guimarães, 2009; Resende & Andrade, 2011; Fernandes Júnior et al., 2017);

2) Fatores Psicobiológicos e Genéticos: Consideram o papel exercido pelos neurotransmissores e cromossomos na agressividade, entre outros aspectos (Dulesko, 2008; Cerqueira & Lobão, 2003; Jarvik et al., 1973, Wong et al. 1994; Souza, 1999; Gómez-Ullate, 2000; Bordin & Offord, 2000; Gauer, 2001; Rosembaun et al, 1994, Sohrabi, 2015).

3) Fatores de personalidade: Têm sido alguns dos principais aspectos estudados ao longo do tempo. Desde a Escola Positivista da Criminologia, os aspectos psicológicos tiveram grande relevância nos estudos do tema (Eysenck, 1996; Soler & López, 2003; Tranah et al., 1998; Formiga et al., 2003, Formiga et al., 2005; Fornells et al., 2002; Romero et al., 2001; Quinsey et al., 2001; Rodríguez et al., 2002, Rocha, 2011).

Durante a segunda fase da Escola Positivista, Garófalo (s.d. como citado em Dias & Andrade, 1997) buscou compreender o crime e o criminoso segundo os aspectos psicológicos e a partir de então, inúmeros estudos têm surgido no sentido de desvendar as variáveis psicológicas relacionadas ao comportamento delitivo (Fornells et al., 2002).

A literatura que busca identificar os antecedentes dos detentos tem demonstrado que sua motivação não é apenas econômica, mas também resultado de frustração, descaso com a vida humana e falta de coesão familiar (Pellerone et al., 2016). Os jovens mais destrutivos, muitas vezes, provêm de numerosas famílias com pais ausentes, que vivem

em condições de privação afetivo-emocional e má supervisão (Farrington, 1995, 2003). Além disso, antecedentes familiares perturbadores, incluindo separação e trauma na infância, são comuns na história de ofensores e delinquentes (Bowlby, 1944, 1988; Lewis, 1989). Por outro lado, Caldwell et al. (2006), Noe Sean (2008) e Pellerone (2013) demonstraram que um acompanhamento parental suficiente e um bom nível de apoio parental às crianças estão relacionados com baixos níveis de comportamento delinquente na adolescência. Assim, a relação emocional entre pais e filhos pode influenciar todas as dimensões da delinquência habitual, tanto a nível cognitivo como comportamental (Barnes & Farrell, 1992; Biggam & Power, 1998; Juang & Silbereisen, 1999).

Ao se tratar da personalidade, faz-se fundamental a identificação das distorções cognitivas e pensamentos presentes, uma vez que acredita-se que o pensamento e o comportamento criminoso estejam associados e desse modo, a mudança do pensamento torna-se imprescindível para a mudança do comportamento (Landenberger & Lipsey, 2005, como citado em Brazão, Rijo, Salvador & Gouveia 2017).

O tema personalidade tem sido objeto de estudo de diferentes autores, que o definiram de formas diversas. Assim, frente às distintas definições e concepções que se tem acerca do tema, optou-se pelo conceito adotado pela abordagem cognitiva, de acordo com a qual a personalidade é considerada como sendo formada por valores centrais, desenvolvidos bem cedo na vida dos indivíduos e resultantes de fatores presentes em seu ambiente (Freeman & Datilio, 1998; Friedberg & McLure, 2004). Segundo Beck e Freeman (1993) e Beck et al (2001) estes valores são estruturas cognitivas organizadas categórica e hierarquicamente, conhecidas como esquemas.

De forma geral, o esquema é uma estrutura que filtra, codifica e avalia os estímulos aos quais submete-se o organismo (Beck, 2005). O indivíduo consegue, assim, orientar-se em relação ao tempo e espaço e categorizar e interpretar experiências de maneira significativa, com base em seus esquemas (Beck, 2005; Young et al., 2008).

Partindo deste conceito de esquema de personalidade é que desenvolve-se a terapia focada em esquemas ou terapia dos esquemas (TE), proposta por Young (2003; Young et al., 2008). Esta, de acordo com o autor supracitado, é uma expansão do modelo cognitivo de curto prazo, proposto por Beck (2005), para tratamento de pessoas com transtornos da personalidade. O conceito de esquema proposto pelo autor (ver Young, 2003; Young et al., 2008) é compartilhado por outras abordagens cognitivas, entretanto,

nesta abordagem o conceito é ampliado incluindo os chamados esquemas iniciais desadaptativos (EIDs).

Young (2003; Young et al., 2008) considera os EIDs como o nível mais profundo de cognição, sendo definidos como as crenças, os afetos e as memórias, tomados pelas pessoas como verdades sobre si mesmas e sobre o ambiente, de forma idiossincrática. Estas crenças são desenvolvidas ainda durante a infância e influenciam o processamento das experiências subsequentes (Young, 2003; Young et al., 2008) de modo profundo, sutil e fora da própria consciência (Callegaro & Landeira-Fernandes, 2007). Além disso, os EIDs contaminam a interpretação que a pessoa faz acerca dos acontecimentos, possibilitando idéias errôneas, atitudes distorcidas, predições inválidas e metas irrealistas (Young 2003, Young et al, 2008).

São desenvolvidos quando necessidades emocionais básicas não são supridas nos primeiros anos de vida e na adolescência (Young, 2003; Young & Klosko 1994) e a partir de uma tentativa de se lidar com eventos estressores da vida (James et al., 2007). Embora os EIDs sejam formados a partir de vivências negativas ao longo de fases iniciais do desenvolvimento, conforme mencionado, considera-se o envolvimento de outros fatores como genéticos, biológicos e ambientais para sua formação (Sempértegui et al., 2013).

Os EIDs podem ser ativados ou desativados através de mudanças de estímulos internos (memórias, pensamentos, sensações fisiológicas) ou externos (situações) associados ao conteúdo dos esquemas nucleares que o indivíduo apresenta (Young, 2003). Além disso, parecem ser o resultado das interações entre o temperamento inato da criança com experiências disfuncionais com pessoas significativas durante a infância e a adolescência (geralmente seus pais/cuidadores) (Young, 2003).

Young et al (2008) considera que, ao longo do desenvolvimento infantil, algumas tarefas evolutivas precisam ser cumpridas. Assim, quando o ambiente, especialmente representado pelos cuidadores principais, não consegue suprir essas necessidades emocionais de modos satisfatório, podem surgir esquemas iniciais desadaptativos que vão sendo fortalecidos por experiências significativas vivenciadas dentro e fora do ambiente familiar até o final da adolescência. Os esquemas podem ser incondicionais, mais remotos e nucleares, ou condicionais, desenvolvidos na tentativa de obter alívio ao sofrimento trazido pelos esquemas incondicionais (Young et al., 2008).

Young e Klosko (1994), Young (2003) e Young et al. (2008) pressupõem que há apenas duas operações de funcionamento dos esquemas: a perpetuação e a cura. A

perpetuação se refere ao que a pessoa faz para alimentar os EIDs através de pensamentos, afetos, memórias e ações, enquanto a cura do esquema requer uma luta intensa contra padrões remotos que dão o tom identitário da pessoa, ou seja, os EIDs formatam o self e mudar estes padrões exige muito esforço e dedicação por parte do indivíduo.

Inicialmente, Young estabeleceu 15 EIDs, tendo acrescentado três posteriormente, totalizando 18 esquemas ao final. Por meio da prática clínica, com pacientes crônicos, a abordagem cognitiva focada em esquemas organizou os 18 esquemas em cinco domínios: (a) desconexão e rejeição; (b) autonomia e desempenho prejudicados; (c) limites prejudicados; (d) orientação para o outro e (e) supervigilância e inibição (Young, 2003, 2008). Os cinco domínios de esquema correspondem às necessidades desenvolvimentais da criança que, conforme exposto anteriormente, segundo Young et al. (2008), podem não ter sido atendidas. Estas necessidades a que Young et al. (2008) se referem são: autonomia; competência e sentido de identidade; liberdade de expressão e emoções; validação das necessidades, espontaneidade e lazer e limites realistas e autocontrole.

Entretanto, esse modelo foi sendo alterado, sendo que em 2011 os EIDs passaram a ser distribuídos em quatro domínios: desconexão e rejeição; autonomia e desempenho prejudicados; esforços extremos e limites prejudicados (Lockwood & Perris, 2012). Já em 2018 Bach et al. (2018) passaram a categorizar os EIDs em quatro domínios: desconexão e rejeição; autonomia e desempenho prejudicados; padrões e responsabilidades excessivas e limites prejudicados.

Embora haja essa recente categorização dos esquemas nos quatro domínios supracitados, os instrumentos de avaliação dos EIDs ainda não sofreram alterações. Portanto, ainda considera-se o modelo de cinco domínios para a realização de pesquisas e avaliações clínicas (Camargos et al., 2020). Assim, considera-se o modelo que se segue, que organiza os esquemas da seguinte forma (Young et al., 2008):

- **Desconexão e Rejeição (Domínio 1):** reflete a necessidade de proteção, segurança, empatia e cuidado, que não foram supridas de modo eficaz. Os esquemas que fazem parte desse domínio são: abandono/instabilidade, desconfiança/abuso, privação emocional, defectividade/vergonha, isolamento social/alienação;
- **Autonomia e Desempenho Prejudicados (Domínio 2):** refere-se à dificuldade do sujeito de se tornar independente. Fazem parte desse domínio: dependência/incompetência, vulnerabilidade ao dano ou à doença, emaranhamento/self subdesenvolvido, fracasso;

- **Limites Prejudicados (Domínio 3):** Os esquemas que fazem parte desse domínio estão relacionados às dificuldades de lidar com limites, responsabilidade e de seguir orientações para gratificação em longo prazo. São eles: arrogo/grandiosidade e autocontrole/autodisciplina insuficientes;
- **Direcionamento para o Outro (Domínio 4):** tem como principal característica a satisfação dos desejos, sentimentos e solicitações do outro em detrimento das próprias demandas. Entre eles estão: subjugação, autossacrifício e busca de aprovação/busca de reconhecimento
- **Supervigilância e Inibição (Domínio 5):** há uma elevada supressão dos sentimentos, impulsos e espontaneidade, e alto empenho com o objetivo de cumprir regras rígidas e internalizadas. Os EIDs que compõem esse domínio são: negativismo/pessimismo, inibição emocional, padrões inflexíveis/postura crítica exagerada e postura punitiva

As características familiares relacionadas aos domínios dos esquemas podem ser observadas no Quadro 1.

Quadro 1: Características familiares relacionadas aos domínios dos esquemas

Domínio 1: Os pais ou responsáveis são ou eram, geralmente, individualistas, frios, rejeitadores, explosivos, imprevisíveis, ou abusivos.

Domínio 2: Os pais ou responsáveis são ou eram geralmente emaranhados afetiva e comportamentalmente aos filhos, minando a confiança da criança, superprotegendo-os.

Domínio 3: Os pais ou responsáveis são ou foram caracterizados por excessiva permissividade, abuso, falta de direção, por inflarem um senso de superioridade

Domínio 4: Os pais ou responsáveis são pessoas que baseiam sua relação com a criança em aceitação condicional: as crianças devem suprimir aspectos importantes de si mesmos a fim de ganhar amor, atenção e aprovação

Domínio 5: Os pais ou responsáveis são ou foram cruéis, exigentes e às vezes punitivos: desempenho, dever, perfeccionismo, o seguimento de regras, ocultar as emoções, e evitar erros predominam sobre o prazer,

Nota: adaptado de Young et al. (2008)

Na vida adulta, os EIDs se mantêm e autoperpetuam, como se lutassem para sobreviver. Há três formas como os esquemas podem ocorrer no indivíduo, ou seja, há três processos psíquicos inerentes ao esquema: Manutenção dos esquemas, em que os esquemas podem ser reforçados; Evitação dos esquemas, em que os mesmos podem ser evitados; Compensação dos esquemas, em que os mesmos podem ser supercompensados nos níveis cognitivo, afetivo e comportamental (Young et al., 2008).

Segundo Young (2003, Young et al, 2008), contribuem para a manutenção do esquema as distorções cognitivas (percepções distorcidas dos eventos) e os padrões de comportamento autoderrotistas (maneiras padronizadas de se relacionar com os outros que perpetuam os EIDs). Ainda conforme os autores, o processo de evitação do esquema, por outro lado se dá em decorrência da intensa carga afetiva que é ativada quando um EID é acionado. São comuns evitações cognitivas (de pensamentos ou imagens mentais), evitações afetivas (bloqueios dos sentimentos) e comportamentais (de situações ou circunstâncias cotidianas), as quais poderiam desencadear interpretações dolorosas (Young, 2003; Young et al., 2008). Por fim, na supercompensação, os indivíduos assumem estilos cognitivos ou comportamentais que parecem ser o oposto de seus esquemas iniciais. Este processo pode ser funcional, a menos que não ultrapasse os limites de uma vida saudável (Young, 2003; Young et al., 2008). As três principais estratégias correspondem às respostas básicas do ser humano frente à ameaça: luta, fuga ou paralisação (Young et al., 2008).

Fassbinder et al. (2016) e Wainer (2016) ponderam que, embora esses mecanismos sejam úteis e protetivos na infância, uma vez que ajudam a lidar com as condições adversas do ambiente, trazem prejuízos no contexto atual de vida, especialmente pela rigidez com que essas respostas acontecem. Quanto a isto, faz-se importante ressaltar que os esquemas encontrados em adultos com problemas psicológicos são resultantes de experiências dolorosas cotidianas e repetitivas com familiares e outras crianças/adolescentes que reforçaram os EIDs durante a história de vida do indivíduo, e não de experiências traumáticas isoladas (Young & Klosko, 1994; Young, 2003; Young et al., 2008, Pressi & Falcke, 2016).

Outro aspecto importante postulado por Young et al (2008) acerca dos esquemas se refere aos conceitos de esquemas incondicionais e condicionais. Assim, dos 18 EIDs identificados por Young et al. (2003), 13 são considerados incondicionais, relacionando-se a fatores como o medo do abandono, desconfiança, fracasso e defectividade.

Os EIDs incondicionais são os esquemas cujas crenças nucleares disfuncionais ocorrem muito precocemente no desenvolvimento e se relacionam à visão de si e do outro (Young et al., 2008). Devido a esse desenvolvimento muito precoce, a pessoa acredita que esses esquemas a constituem de tal modo, que não seriam passíveis de mudança (Young et al., 2008). Já os esquemas condicionais se desenvolvem mais tardiamente, podendo diminuir temporariamente as consequências negativas dos esquemas incondicionais, por

meio de padrões de comportamento que envolvem subjugação, autossacrifício, busca de aprovação, inibição emocional ou a criação de padrões elevados (Stallard, 2007). Caracterizam-se como tentativas de obtenção de alívio quanto ao esquema incondicional (Young et al., 2008).

Taylor et al. (2016) ressaltam que, embora o foco inicial da Terapia do Esquema tenha sido voltado para os transtornos de personalidade, a aplicação da terapia do esquema vem sendo estudada e desenvolvida para outros transtornos mentais, como a depressão crônica (Carter et al., 2013; Malogiannis et al., 2014; Renner et al., 2018), o transtorno bipolar (Hawke et al., 2013), o transtorno do estresse pós-traumático (Haan et al., 2019), o transtorno obsessivo-compulsivo (Thiel et al., 2016), os transtornos alimentares (Simpson et al., 2010; Pugh, 2015), entre outros.

Isso torna-se fundamental e ocorre uma vez que, a partir do conhecimento dos possíveis padrões esquemáticos em populações específicas é que é possível chegar-se ao entendimento de determinado contexto e suas particularidades, assim como de suas diferenças em relação a outras demandas (Fiuza & Godoy, 2021). Conforme exposto por Cazassa e Oliveira (2008) e Luz et al (2012), isso também influencia no planejamento de intervenções psicoterápicas específicas para cada público, tanto em contexto de psicoterapia quanto na formação de programas de atendimento e políticas públicas.

Existem produções internacionais que possuem como objetivo investigar a prevalência de EID's em populações específicas. Além disso, alguns estudos têm se dedicado à compreensão de diferentes contextos a partir dos EIDs, buscado-se assim, entender outros fenômenos que não estão necessariamente ligados a patologias (Fiuza & Godoy, 2021).

O modelo de Young de esquemas iniciais desadaptativos (EIDs) tem sido, por exemplo, considerado uma abordagem promissora para o entendimento, avaliação e mudança dos esquemas cognitivos desadaptativos mais profundos de agressores sexuais (Marshall et al, 2011; Mann, 2003; Sigre-Leirós et al., 2012). Entende-se que os EIDs guiam o processamento de informações e interações interpessoais, são desencadeados por eventos emocionais e estressantes, e podem resultar em comportamento desadaptativo (Young et al. 2003). Além disso, de acordo com Mann (2003), em interação com outros fatores, como preferências sexuais desviantes, os EIDs podem desempenhar um papel no comportamento sexualmente agressivo.

Estudos recentes associaram os EIDs a diferentes transtornos e comportamentos desadaptativos associados, incluindo transtornos de personalidade, abuso de substâncias, psicopatia, disfunção sexual e agressão sexual (Jovev & Jackson, 2004; Sigre-Leirós et al., 2012; Quinta Gomes & Nobre, 2012). Além disso, resultados preliminares de um ensaio clínico randomizado utilizando terapia do esquema com pacientes forenses com transtorno de personalidade, incluindo agressores sexuais infantis, sugerem uma redução no risco futuro de violência e uma capacidade aprimorada de ser aberto e vulnerável durante sessões de terapia (Bernstein et al, 2012).

A literatura aponta para a presença de uma conexão entre esquemas cognitivos desadaptativos e atitudes a favor do crime; por exemplo sugere-se que o pensamento criminológico conduz à reiteração de esquemas disfuncionais e comportamentos antissociais em criminosos e não criminosos (Pellerone et al., 2016). Nos não infratores, esses padrões de pensamento podem não levar a um comportamento ilegal, mas a consequências irresponsáveis ou mal-adaptativas (Baker e Beech, 2004; Chakhssi et al., 2013; Gonzalez et al., 2013). Por outro lado, em criminosos condenados esses processos mentais podem determinar mais comportamentos antissociais e ilegais (Baker e Beech, 2004; Chakhssi et al., 2013; Gonzalez et al., 2013).

Além disso, estudos têm demonstrado que entre os preditores do pensamento criminológico estão: as necessidades criminológicas, o histórico criminal ou o histórico de comportamento antissocial (Anderson & Bushman, 2002), fatores individuais como idade e sexo, mas principalmente características familiares, como educação parental e estilos parentais, e que os preditores menos consistentes são o funcionamento intelectual (Gendreau et al., 1996), além de fatores de risco pessoal e o status socioeconômico da família de origem (Mandracchia & Morgan, 2012).

Na primeira infância, as interações pais-filhos podem ser parcialmente responsáveis pelo desenvolvimento do pensamento criminológico e o estilo parental de ambos os pais pode estar ligado ao comportamento delinquente nas crianças (Pellerone et al., 2016). Segundo Pellerone et al. (2016), a literatura tem demonstrado que a parentalidade negligente está correlacionada a altos níveis de a delinquência no sexo masculino e que a presença de pais permissivos está relacionada ao comportamento delinquente no sexo feminino, e que os níveis de criminalidade são mais baixos em famílias com pelo menos um dos pais autoritários e são mais elevados em famílias onde ambos os pais são negligentes (Hoeve et al., 2009). Ainda de acordo com Pellerone e

Miccichè (2015) isso ocorre uma vez que o apoio social e parental estão relacionados com um maior nível psicológico ajuste.

Nesse sentido, Aime (2008) ao investigar o papel do apego (em termos de cuidado e proteção) nos padrões disfuncionais em um grupo de mulheres encarceradas (algumas delas vítimas de abuso sexual na infância) demonstrou que aquelas que vivenciaram um apego caracterizado por baixa nutrição têm esquemas disfuncionais mais graves. Já aquelas com apego caracterizado por alto nível de superproteção apresentam esquemas disfuncionais mais elevados do que mulheres com baixo nível de superproteção. Concluiu-se, assim, a partir desse estudo que embora o abuso sexual na infância esteja relacionado ao desenvolvimento de esquemas cognitivos, o apego parece ser o mais importante preditor de padrões disfuncionais cognitivos (Aime, 2008)

Em consonância com isso, em um estudo realizado por Smallbone e Dadds (1998), em que investigou-se o papel do apego em não-delinquentes, criminosos sexuais e detentos presos por crimes contra a propriedade, verificou-se-se que o grupo de criminosos sexuais relata um apego infantil e uma parentalidade adulta significativamente menos segura do que os não infratores e que o grupo de criminosos sexuais tem uma ligação materna menos segura do que aqueles presos por crimes contra a propriedade. Um outro estudo realizado por Paim et al., (2012) identificou correlações entre os EIDs e a violência conjugal, tanto na vivência dos agressores como daqueles que se sentem vítimas. Percebe-se a partir dos estudos descritos, uma necessidade de se estudar os EIDs na população carcerária ou envolvida em práticas delitivas.

A Terapia Focada nos Esquemas tem sido implementada em contextos jurídicos em muitos pases, por exemplo, os Estados Unidos, Canadá, Inglaterra e Holanda (Rijkeboer, 2005; Young et al., 2008). Entretanto, como expõe Bernstein et al. (2007), esta terapia teve que ser adaptada a es'se contexto; a forma preferida da terapia focada nos Esquemas, ao se tratar de Transtornos de Personalidade mais severos (Transtorno de Personalidade Antissocial, Borderline, Narcisista e Paranoide) tem sido a Terapia do Esquema baseada nos Modos (Hildebrand & de Ruiter, 2004). Esta Terapia (baseada nos modos) possibilita ao terapeuta trabalhar com rápidas flutuações de estados emocionais e respostas de enfrentamento, aspectos estes que são comuns em transtornos severos de personalidade (Bernstein et al., 2007).

Entende-se como modos estados emocionais que dominam rapidamente os pensamentos, sentimentos e comportamentos do indivíduo, e respostas de

enfrentamento adaptativas ou desadaptativas que se vivencia a cada momento (Young et al., 2008). Os modos são ativados por situações a que se é supersensível e, em qualquer momento, alguns esquemas ou operações de funcionamento de esquemas estão inativos enquanto outros são ativados por alguns eventos, predominando no humor e no comportamento neste dado momento (Young et al., 2008). O modo de esquema é o estado predominante em que se está em um instante; pode ser adaptativo ou desadaptativo, além de poder mudar (ou cambiar) de um modo para outro (Young et al., 2008).

Cada tipo de modo se identifica com algum estilo de enfrentamento ou se associa com determinado esquema, com exceção dos modos adulto saudável e criança feliz (Young et al., 2008). Foram identificados por Young quatro tipos de modos principais: Modos criança, modos de enfrentamento disfuncional, modos pais disfuncionais e modos adulto saudável (Young et al., 2008) (ver Quadro 2):

Quadro 2: Descrição dos modos (adaptado de Young et al., 2008).

<i>Modos criança</i>
Acredita-se que os modos criança são inatos e universais, sendo que todas as crianças nasceriam com um potencial para manifestá-los. Estes modos compreendem sentimentos, pensamentos e comportamentos infantilizados.
Criança vulnerável: a pessoa se sente vulnerável e com sentimentos como ansiedade, depressão, angústia, vergonha e humilhação.
Criança zangada: É a parte que está com raiva por não ter suas necessidades emocionais atendidas e que age com base nesta raiva sem que as consequências de seus comportamentos sejam consideradas.
Criança impulsiva/indisciplinada: É representada pelo indivíduo que expressa suas emoções, age de acordo com seus desejos e segue vontades naturais a cada momento de forma negligente, sem que as consequências para o self e para o outro sejam consideradas.
Criança Feliz: É aquela cujas necessidades emocionais básicas estão, naquele momento, atendidas.
<i>Modos enfrentamento disfuncional</i>
Correspondem a três tipos de enfrentamento de manutenção, evitação e compensação.
Capitulador complacente: O indivíduo se submete ao esquema, se tornando a criança passiva e desamparada que deve ceder aos desejos dos outros.
Protetor desligado: Neste modo de enfrentamento, o sujeito se desliga psicologicamente do sofrimento do esquema, se afastando no sentido emocional, fazendo uso de drogas ou álcool, auto-estimulando, evitando os outros indivíduos ou utilizando outros meios de escape.
Hipercompensador: Reage, maltratando os demais ou utilizando-se de meios extremos, em busca de refutar o esquema, o que se mostra como sendo disfuncional.

<i>Modos Pais disfuncionais</i>
Nestes modos, o indivíduo se torna semelhante ao pai ou à mãe que foram internalizados.
Pai/Mãe punitivo: Um dos modos da criança é punido, por se comportar mal.
Pai/Mãe exigente: Neste modo, a criança é pressionada a cumprir padrões muito elevados .
<i>Modo Adulto Saudável</i>
É a parte adulta e saudável do <i>self</i> , que ajuda a satisfazer as necessidades emocionais básicas presentes na criança. Assim, o trabalho com os modos tem como objetivo fundamental fortalecer o adulto saudável para trabalhar de forma mais eficaz com os demais modos.

Estes modos podem ser entendidos e aplicados de forma mais ampla, ajudando a explicar a os comportamentos delitivos, além de servirem como elementos utilizados em práticas terapêuticas baseadas na terapia de esquemas aplicada em contextos forenses. Frente às crescentes evidências empíricas da Terapia do Esquema (TE) e ao conceito modo de esquema em pacientes não-forenses, Bernstein et al. (2007) introduziram a TE no campo forense, expandindo o modelo de modo de esquema por uma definição e conceituação de estados particulares, comuns em indivíduos infratores com transtorno de personalidade, mas não em pacientes psiquiátricos não infratores com TP. Por exemplo, questões como a violência, a adicção e a manipulação são uma parte comum do estilo interpessoal de um criminoso, mas são relativamente incomuns em pacientes não-infratores com TP, como aponta Keulen-de Vos (2013).

A Terapia dos Esquemas (TE) se distingue de outros tratamentos cognitivo-comportamentais para pacientes forenses em vários aspectos. Assim, o modelo de TE forense tem como foco o estado emocional, conhecido como modos de esquema, que são vistos como fatores de risco para a violência e o crime (Keulen-de Vos, 2013). Ao serem acionados determinados modos de esquema, há um aumento da probabilidade de o indivíduo agir de forma agressiva, impulsiva ou apresentar outros comportamentos antissociais. Desta forma, ao abordar esses fatores, os terapeutas do esquema visam reduzir o risco de o paciente agir com violência, além de apresentar um comportamento antissocial futuro (Keulen-de Vos, 2013).

Partido da teoria dos modos de esquemas, Bernstein et al. (2007) hipotetizam que os pacientes que apresentam personalidade psicopática utilizam de forma predominante alguns modos de esquemas mal-adaptativos. Além dos modos propostos por Young, os pesquisadores conceituaram cinco modos infratores específicos que estão associados ao risco de se cometer crimes e à violência. São eles: 1) *Modo Protetor zangado ou raivoso-*

estado emocional de raiva controlada ou hostilidade para manter os outros a uma distância; 2) *Modo predador*- estado de agressão fria, planejada e cruel para eliminar uma ameaça; 3) *Modo enganador e manipulador*- estado que envolve enganar, mentir e manipular os outros, a fim de atingir um objetivo específico, como escapar de uma punição ou vitimizar os outros por algum tipo de ganho (por exemplo, material ou sexual); 4) *Modo controlador obsessivo-compulsivo*- estado em que o indivíduo tenta exercer controle extremo usando a ordem ou repetição em resposta a uma ameaça real ou percebida e 5) *Modo controlador paranóico*- estado em que o paciente tenta identificar e, portanto, controlar uma fonte de perigo ou humilhação, geralmente buscando uma ameaça oculta ou percebida (Keulen-de Vos, 2013).

Outras propostas de intervenção têm sido feitas para essa população. Em uma pesquisa desenvolvida por Brazão et al. (2017), envolvendo a população prisional, as distorções cognitivas e os esquemas iniciais desadaptativos em presidiários do sexo masculino, foi proposto que os sujeitos participassem de um programa pró social sobre distorções cognitivas e esquemas iniciais desadaptativos, que conta com constructos da perspectiva teórica proposta por Young e, ao avaliá-lo, evidenciou-se um aumento significativo da apresentação de pensamentos adaptativos e um decréscimo significativo das distorções cognitivas e esquemas desadaptativos no decorrer do tempo. Isso indica que programas baseados na teoria dos esquemas de Young, podem se mostrar efetivos no combate à reincidência criminal, daí a importância de se investigar tal aspecto.

Desta forma, tendo como orientação a teoria de esquemas de personalidade de Young, o presente estudo teve como objetivos identificar, em uma amostra de pessoas que cometeram crimes, o esquema de personalidade predominante, além de avaliar se há diferenças quanto a predominância dos esquemas, considerando-se tipos de crimes diversos.

Faz-se, contudo, imprescindível ressaltar que ao propor-se a investigação de aspectos (ou esquemas) de personalidade relacionados à prática delitiva, em momento algum considera-se a relação entre estes aspectos de forma determinista, ou seja, não considera-se que o fato de alguém apresentar determinado esquema de personalidade como sendo predominante significa que necessariamente este indivíduo irá emitir um comportamento delitivo. O que propõe-se nesse estudo é a identificação dos esquemas de personalidade mais comuns, conforme a teoria de Young, para tipos de crimes diferentes.

Ainda quanto ao que foi exposto, acredita-se que qualquer que seja o fator a ser investigado ao se tratar da prática delitiva, este não deve ser considerado em termos de causa e consequência, já que compreende-se que não há um único fator causal para a prática de crimes e sim uma multiplicidade de fatores que, em conjunto, se relacionam à conduta criminal. Assim, conforme expõem Fornells et al. (2002), a consideração da importância das variáveis individuais na aquisição, desenvolvimento e manutenção da conduta antissocial, não se opõe à noção da existência de influências socioambientais em relação a este tipo de comportamento.

Método

Amostra

Participaram do estudo um total de 355 indivíduos privados de liberdade do Presídio de Uberlândia I- MG, julgados e condenados pelos crimes de furto, roubo, homicídio, estupro, abuso sexual, latrocínio, porte ou posse de arma, extorsão, estelionato, tráfico de drogas ou associação ao tráfico, formação de quadrilha, receptação, lesão corporal, cárcere privado, aliciamento de menor e tráfico interno de pessoa, havendo indivíduos condenados por mais de um tipo de crime.

Os participantes eram de ambos os sexos, sendo 267 do sexo masculino (75,2%), 25 do sexo feminino (7%) e 63 que não identificaram o sexo (17,7%), conforme expõe a autora. Quanto à idade, participaram do estudo 53 indivíduos de 18 a 22 anos (14,9%), 67 de 23 a 25 anos (18,9%), 74 de 26 a 30 anos (20,8%), 48 de 31 a 35 anos (13,5%), 25 de 36 a 40 anos (7,0%), 20 de 41 a 45 anos (5,6%), 8 de 46 a 50 anos (2,3%), 5 de 51 a 55 anos (1,4%), 2 de 56 a 60 anos (0,6%), e apenas 1 acima de 60 anos (0,3%). Não responderam a esta questão 52 indivíduos (14,6%).

A fim de se verificar qual o esquema de personalidade prevalente nos indivíduos, que haviam cometido tipos diferentes de crimes, da amostra total do estudo (355 indivíduos), foi retirada uma subamostra, em que foram considerados apenas aqueles que estavam condenados por um único tipo de crime. Assim essa subamostra foi composta de 242 indivíduos, condenados por furto (9,5%), roubo (50%), tráfico de drogas (31%), homicídio (4,5%) e estupro (5%), já que os demais tinham condenação por dois ou mais crimes.

Instrumento

Os sujeitos responderam ao seguinte questionário:

- Dados sócio-demográficos: Composto por 16 itens, tem como intuito o mapeamento de características sócio demográficas, tais como idade, sexo, escolaridade, estado civil, situação econômica e crime pelo qual o indivíduo foi condenado, dentre outras. Contudo, no presente artigo, tendo em vista os objetivos do mesmo, apenas foram extraídos do estudo original dados como idade, sexo e tipo de crime pelo qual os componentes da amostra se encontram detidos.
- Questionário de Esquemas de Personalidade - *forma* reduzida: Adaptado e validado para o Brasil por Cazassa (2007), contém setenta e cinco afirmativas, em sua forma reduzida e que deveria ser respondida em uma escala do tipo Likert de seis pontos; este instrumento avalia os quinze esquemas que se encontram inseridos em cinco grandes domínios: Desconexão e Rejeição, Autonomia e Desempenho Prejudicados, Limites Prejudicados, Orientação para o Outro, Supervigilância e Inibição (Young, 2003).

Quanto ao grau de consistência interna do questionário, para a população brasileira, foi obtido um alpha de Cronbach de 0,955, o que indica um excelente grau de consistência interna (Cazassa, 2007).

Procedimentos

Inicialmente, foi solicitada a autorização dos diretores do Presídio de Uberlândia I e da Escola Estadual Professor Paulo Freire, que se localiza nas dependências do presídio, onde a coleta dos dados foi realizada. Foram esclarecidos os objetivos do estudo e os procedimentos para a execução do mesmo à Direção de ambas as instituições. Em seguida, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa, a fim de se cumprir os procedimentos éticos necessários à realização da pesquisa, obtendo-se a aprovação do mesmo (ofício nº 040/11; CEP 484/10).

Solicitou-se, então, à Unidade Prisional uma lista com os nomes de todos os detentos condenados que se encontravam no Presídio, e crimes pelos quais possuíam condenação. Sabe-se que a Instituição em questão contava no momento da realização da pesquisa com presos provisórios (cerca de 1200) e condenados (cerca de 500), conforme dados fornecidos pela mesma. Obtendo-se a referida lista, os nomes dos detentos foram sorteados, aleatoriamente.

Os indivíduos sorteados foram, assim, conduzidos pelos Policiais Penais até o local de aplicação, a Escola Estadual Professor Paulo Freire, esclarecendo-se que caso algum participante se recusasse a sair de sua cela, o mesmo não deveria ser repreendido ou forçado de qualquer forma.

Os participantes foram divididos em grupos de cerca de vinte pessoas cada, tendo em vista as exigências feitas pela Direção do Presídio de que se trata, o espaço disponível para a aplicação e a agilidade da aplicação dos questionários.

Para cada grupo, foi feita a apresentação dos objetivos e procedimentos da pesquisa e, aqueles que concordaram em participar assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e autorização para a publicação dos dados. Os indivíduos que não concordaram foram levados de volta à cela de origem. Além disso, foi questionado se algum participante não sabia ler e escrever, tendo em vista que este era um requisito fundamental para a participação na pesquisa. Entretanto, não houve nenhum participante excluído em decorrência desse critério. Os questionários foram, então, aplicados apenas nos participantes que assinaram os termos supracitados, tendo sido a aplicação feita pela própria pesquisadora.

Análise dos dados

As análises foram realizadas por meio do programa SPSS 18.0 (Program Statistical Package for the Social Sciences) for Windows®, de modo que para a descrição da amostra, foram utilizadas análises estatísticas descritivas, tais como frequência, porcentagem, média e desvio-padrão. Além disso, foi realizado o teste de assimetria (skewness) visando-se a verificação da tendência à normalidade da amostra, o que constitui uma exigência para a utilização de estatística paramétrica. Todas as variáveis obtiveram valor inferior a 2, o que de acordo com Miles e Shevlin (2001) indica uma tendência à distribuição dos dados para a normalidade.

Também foram realizadas análises descritivas, com os cálculos das médias e desvios-padrão, para se encontrar o esquema de personalidade com maior média tanto para a amostra total quanto para as sub-amostras, comportas por indivíduos que cometeram tipos de crimes distintos entre si.

Resultados e Discussão

A partir da coleta de dados observaram-se os seguintes resultados: a amostra total apresentou, hierarquicamente, as seguintes médias nas respostas: esquema de Autossacrifício ($M = 3,72$; $DP = 1,35$), seguido de Padrões Inflexíveis ($M = 3,32$; $DP = 1,17$), Abandono ($M = 3,21$; $DP = 1,43$), Vulnerabilidade a danos e a doenças ($M = 2,79$; $DP = 1,21$), Desconfiança/ Abuso ($M = 2,76$; $DP = 1,28$), Merecimento ($M = 2,75$; $DP = 1,23$), Inibição Emocional ($M = 2,56$; $DP = 1,21$), Autocontrole/ Autodisciplina Insuficientes ($M = 2,49$; $DP = 1,17$), Emaranhamento ($M = 2,44$; $DP = 1,23$), Privação Emocional ($M = 2,44$; $DP = 1,26$), Subjugação ($M = 2,37$; $DP = 1,13$), Isolamento Social ($M = 2,25$; $DP = 1,18$), Dependência/ Incompetência ($M = 2,12$; $DP = 1,03$), Fracasso ($M = 1,93$; $DP = 1,06$), Defectividade/ Vergonha ($M = 1,92$; $DP = 1,21$).

Considerando os tipos de crimes, optou-se por avaliar os esquemas de personalidade em função dessa variável; os resultados foram os seguintes:

A) Furto

Para este tipo de crime, o Esquema de Personalidade que apresenta maior média de respostas nos indivíduos que cometeram furto é o esquema Autossacrifício ($M = 4,54$; $DP = 1,01$), seguido pelos esquemas Abandono ($M = 4,16$; $DP = 1,52$), Merecimento ($M = 3,63$; $DP = 1,35$), Privação Emocional ($M = 3,56$; $DP = 1,84$), Padrões Inflexíveis ($M = 3,47$; $DP = 1,39$), Desconfiança/ Abuso ($M = 3,40$; $DP = 1,64$), Vulnerabilidade a Danos e Doenças ($M = 3,20$; $DP = 1,38$), Isolamento Social ($M = 3,20$; $DP = 1,72$), Inibição Emocional ($M = 3,10$; $DP = 1,58$), Emaranhamento ($M = 3,05$; $DP = 1,77$), Subjugação ($M = 3,04$; $DP = 1,53$), Dependência/Incompetência ($M = 2,86$; $DP = 1,60$), Defectividade/ Vergonha ($M = 2,79$; $DP = 2,13$), Autocontrole/Autodisciplina Insuficientes ($M = 2,60$; $DP = 1,68$) e Fracasso ($M = 2,42$; $DP = 1,42$).

B) Roubo

Entre os indivíduos que cometeram roubo, também houve maior média de respostas para o Esquema Autossacrifício ($M = 3,70$; $DP = 1,36$), seguido pelos esquemas Padrões Inflexíveis ($M = 3,25$; $DP = 1,11$), Abandono ($M = 3,07$; $DP = 1,37$), Merecimento ($M = 2,69$; $DP = 1,16$), Vulnerabilidade a Danos e Doenças ($M = 2,64$; $DP = 1,13$), Desconfiança/ Abuso ($M = 2,62$; $DP = 1,27$), Autocontrole/ Autodisciplina Insuficientes ($M = 2,53$; $DP = 1,12$), Inibição Emocional ($M = 2,44$; $DP = 1,10$), Subjugação ($M = 2,36$; $DP = 1,02$), Emaranhamento ($M = 2,34$; $DP = 1,12$), Privação Emocional ($M = 2,30$; $DP =$

1,10), Isolamento Social (M = 2,05; DP = 0,99), Dependência/ Incompetência (M = 2,03; DP = 0,91), Fracasso (M = 1,89; DP = 1,02) e Defectividade/ Vergonha (M = 1,84; DP = 1,12).

C) Homicídio

Para os indivíduos que cometeram homicídio, o esquema que apresentou maior média foi Autossacrifício (M = 3,45; DP = 1,61). Em seguida, apresentaram maior média: Padrões Inflexíveis (M = 3,06; DP = 1,19), Desconfiança/Abuso (M = 2,97; DP = 1,50), Abandono (M = 2,97; DP = 1,62), Inibição Emocional (M = 2,56; DP = 1,16), Vulnerabilidade a Danos e Doenças (M = 2,51; DP = 1,23), Emaranhamento (M = 2,49; DP = 1,14), Merecimento (M = 2,40; DP = 1,45), Dependência/ Incompetência (M = 2,39; DP = 1,21), Isolamento Social (M = 2,38; DP = 1,44), Autocontrole/ Autodisciplina Insuficientes (M = 2,34; DP = 0,95), Privação Emocional (M = 2,29; DP = 1,02), Fracasso (M = 2,28; DP = 1,61), Subjugação (M = 2,27; DP = 0,69) e Defectividade/ Vergonha (M = 1,68; DP = 1,06).

D) Estupro

Para o crime de estupro, apresentou maior média o esquema Autossacrifício (M = 4,11; DP = 1,22), seguido dos esquemas Abandono (M = 3,53; DP = 1,45), Padrões Inflexíveis (M = 3,49; DP = 1,23), Emaranhamento (M = 2,71; DP = 1,05), Autocontrole/ Autodisciplina Insuficientes (M = 2,58; DP = 1,45), Desconfiança/ Abuso (M = 2,53; DP = 1,10), Vulnerabilidade a Danos e Doenças (M = 2,44; DP = 1,15), Subjugação (M = 2,34; DP = 1,12), Inibição Emocional (M = 2,29; DP = 1,46), Merecimento (M = 2,24; DP = 1,16), Privação Emocional (M = 2,16; DP = 1,61), Isolamento Social (M = 2,11; DP = 1,50), Defectividade/ Vergonha (M = 1,91; DP = 1,31), Fracasso (M = 1,64; DP = 0,90) e Dependência/ Incompetência (M = 1,60; DP = 0,53).

E) Tráfico de drogas

Para o crime de tráfico de drogas, o Esquema de Personalidade de maior prevalência foi o esquema Autossacrifício (M = 3,64; DP = 1,50). Em seguida, apresentaram maiores médias, nesta ordem: Abandono (M = 3,13; DP = 1,39), Padrões Inflexíveis (M = 3,09; DP = 1,06), Vulnerabilidade a Danos e Doenças (M = 2,80; DP = 1,25), Desconfiança/ Abuso (M = 2,59; DP = 1,17), Merecimento (M = 2,57; DP = 1,32), Inibição Emocional (M = 2,54; DP = 1,20), Privação Emocional (M = 2,35; DP = 1,17), Autocontrole/ Autodisciplina Insuficientes (M = 2,31; DP = 1,14), Emaranhamento (M = 2,25; DP = 1,27), Isolamento Social (M = 2,21; DP = 1,11), Subjugação (M = 2,10; DP = 1,17), Dependência/

Incompetência ($M = 2,03$; $DP = 0,96$), Defectividade/ Vergonha ($M = 1,83$; $DP = 1,11$) e Fracasso ($M = 1,80$; $DP = 0,83$).

Considerando tais resultados, destaca-se que para todos os tipos de crimes, tanto em sua especificidade quanto na amostra total, o esquema que apresentou maior média de respostas foi o esquema Autossacrifício. A predominância neste esquema pelos respondentes reflete uma contradição, uma vez que se por um lado, de acordo com Young et al. (2008), este esquema costuma ser resultante de um temperamento altamente empático, em outras palavras, uma grande sensibilidade ao sofrimento alheio, e as pessoas que o apresentam renunciam às suas necessidades devido a um padrão moral interior, por outro lado, ao se pensar em praticantes de crimes, não é de se esperar uma alta capacidade empática, conforme demonstrado em estudos realizados sobre o tema (ver por ex. Beck, 2000; Fornells et al., 2002; Landazabal, 2005; Litwack & Schlesiner, 1999 como citado em Rua, 2006; Polaschek & Reynolds, 2000 como citado em Rua, 2006; Soler & López, 2003, Monte, 2012).

Em concordância com o exposto, Soler e López (2003) encontraram em seus estudos que o psicoticismo, segundo a concepção de Eysenck (1996), é a dimensão mais relacionada à delinquência. Quando apresenta altas pontuações ao ser avaliado, o psicoticismo indica despreocupação em relação aos demais, com tendência à crueldade, insensibilidade e hostilidade, além de poucos indícios de empatia (Eysenck, 1967; Eysenck & Eysenck, 1987; Sisto, 2004; Wakefield, 1979).

Em um estudo realizado por Monte (2012) foram identificados maiores índices de empatia entre adolescentes que não cometeram atos infracionais quando comparado com aqueles que praticaram atos infracionais. Além disso, a autora identificou que quanto mais graves eram esses atos, menores os índices gerais de empatia e que os indivíduos que cometem atos infracionais violentos apresentam índices gerais de empatia menores.

De forma geral, pode-se compreender a predominância do Esquema Autossacrifício a partir do conceito de desejabilidade social, ou seja, é possível que os indivíduos tenham respondido de acordo com o que consideravam como sendo mais aceitável socialmente. Isto pode se relacionar às próprias circunstâncias em que estão inseridos, de modo que podem ter respondido, com receio de que as suas respostas pudessem ser usadas de alguma forma que lhes fosse prejudicial.

Quanto ao aspecto da desejabilidade social, especialmente no que diz respeito à população forense, Keulen-de Vos (2013) afirma que a avaliação da personalidade em

contextos forenses pode melhorar serviços psicológicos para os criminosos por ser essencial na determinação de intervenções terapêuticas apropriadas. No entanto, segundo o autor supracitado, a avaliação de pacientes forenses não é simples nem fácil, já que a confiabilidade e a validade destas avaliações são muitas vezes dificultadas por respostas que configuram desejabilidade social.

Além disso há que se considerar que no esquema de autossacrifício, as pessoas espontaneamente satisfazem a necessidade e desejo dos outros como forma de se livrarem do sentimento de culpa, como fonte de autoestima, poupar o outro de sofrimento ou manter vínculos com pessoas que se consideram carentes (Young et al., 2008). Assim, diante da gravidade que os atos infracionais são considerados perante a sociedade e considerando-se os valores que são socialmente difundidos, o esquema Autossacrifício representaria uma forma de se aliviar o sentimento de culpa e o mal-estar gerado pela prática dos comportamentos delitivos por eles praticados. Wainer et al. (2016) acrescenta que no domínio em que o autossacrifício está inserido, a base do déficit é a imposição de condições para que haja trocas afetivas.

Ainda de acordo com isso e considerando-se que o esquema autossacrifício faz parte dos esquemas condicionais (Young et al. (2008), pode-se inferir que haja a possibilidade de que a prevalência do esquema Autossacrifício se deva ao fato de que esse esquema possa ter se desenvolvido ou ter sido ativado em resposta a esquemas incondicionais como Arrogo/Grandiosidade, Auto-controle/Auto-disciplina insuficientes, Abandono, Privação Emocional, Desconfiança/Abuso, Defectividade.

As estratégias de enfrentamento também são fatores que podem ter interferido nas respostas dos sujeitos, em especial considera-se nesse estudo a hipercompensação, que se refere à noção de encaminhamento em direção ao padrão oposto àquele que está registrado no psiquismo (Young, 2003). De acordo com isto, os indivíduos que apresentam este estilo de enfrentamento lutam contra o esquema pensando, sentindo, se comportando e se relacionando como se o contrário do esquema fosse verdadeiro. Segundo Young et al. (2008), estes indivíduos buscam por meio da hipercompensação ser o mais diferente possível do que foram quando o esquema foi formado. Assim, para os autores, este estilo de enfrentamento é desenvolvido porque oferece uma alternativa ao sofrimento causado pelo esquema.

As pessoas desenvolvem desde cedo estilos de enfrentamento desadaptativos a fim de se adaptar ao esquema e para que não tenham que experienciar emoções intensas e

danosas, as quais são geralmente provocadas por eles. Apesar de estes estilos de enfrentamento auxiliarem os indivíduos a evitar o esquema, não são capazes de curá-lo, servindo ao contrário, como elementos de perpetuação de seu funcionamento (Young et al., 2008).

Outros estudos realizados com indivíduos que cometeram atos infracionais (violência conjugal, furto, roubo, abuso sexual de crianças e adultos e outros não descritos) também identificaram o esquema autossacrifício entre o/os mais prevalentes (Paim et al., 2012, Cristo et al., 2017,, Pellerone et al., 2016; Chakhssi et al., 2013), o que indica a necessidade de que esse aspecto seja investigado em estudos futuros com indivíduos que estão envolvidos em práticas delitivas, pensando-se na possibilidade de novos planejamentos de diferentes intervenções, tanto preventivas, quanto relacionadas ao tratamento dessas pessoas.

Ainda há poucos estudos que investigam esquemas de personalidade em indivíduos privados de liberdade. Um levantamento realizado por Fiuza e Godoy (2021) encontrou apenas duas pesquisas empíricas realizadas com pessoas institucionalizadas no Brasil, considerando-se o período de 2010 a 2020. Portanto, sugere-se que novos estudos sejam realizados a fim se conhecer melhor os esquemas de personalidade que possam se relacionar à prática delitiva, buscando-se intervenções a partir disso.

Há que se considerar ainda a possibilidade de que as respostas tenham sofrido interferência do estado de humor, já que a prisão por si só representa uma situação de privações e sofrimentos diversos. Stopa e Waters (2005) afirmam que mesmo discretas alterações no humor podem interferir nas respostas do questionário de esquemas de personalidade proposto por Young (2003), podendo modificar a forma como as pessoas enxergam o self. Contudo, as pesquisadoras não esclareceram se estas mudanças de humor ativam um esquema que se encontra latente ou se ativam pensamentos automáticos mais negativos. Por outro lado, Young et al. (2008) consideram que indivíduos que estão em momento de vulnerabilidade emocional tendem a expressar seus EID's de modo mais genuíno. Paim e Copetti (2016) sugerem que as condições de aplicação dos inventários sejam consideradas ao se analisar os resultados dos estudos.

Wainer et al. (2013) propõem que a ativação dos esquemas faz com que o indivíduo interprete a realidade baseado nos mesmos; em outras palavras, suas ações, pensamentos e sentimentos são influenciados por seus EIDs; de acordo Cristo et al. (2017), acredita-se que a partir da experiência em ambientes prisionais, a personalidade

tanto dos presos por roubo quanto dos presos por tráfico, apresente semelhanças. Essas semelhanças também foram percebidas no presente estudo, em que os esquemas prevalentes foram bastante parecidos para os diferentes tipos de crimes.

De forma geral, pesquisas sobre indivíduos que cometeram crimes e os fatores relacionados a esta prática têm cada vez mais despertado o interesse de pesquisadores da área, como já mencionado. Contudo, as mesmas representam um desafio, já que se por um lado percebe-se uma necessidade de se compreender esse fenômeno, por outro, inúmeros aspectos têm comprometido a realização desses estudos. Um dos fatores que exemplificam esse comprometimento é a dificuldade de acesso a esta população (que praticou algum tipo de crime), uma vez que, conforme ressaltam Shikida, P. et al. (2006), um estabelecimento penal dificilmente está aberto a estudos deste teor, tendo em vista a própria caracterização da instituição prisional, bem como o resguardo de suas finalidades.

Trata-se, ainda, de uma população com características próprias, as quais podem interferir nos resultados dos estudos realizados, não revelando fielmente aspectos que lhes são inerentes. Quanto a isto, é possível considerar o receio destes indivíduos de serem ainda mais prejudicados (levando em conta a condição em que se encontram, condição essa de total submissão, subjugação e privação) como sendo, por si só, uma condição favorável para que as respostas fornecidas em pesquisas realizadas sofram interferência do que chamamos de desejabilidade social, como já discutido anteriormente.

Em concordância com isto, Chico (1997 como citado em Fornells et al., 2002) considera que os indivíduos privados de liberdade costumam se comportar de forma diferente se comparado a outras populações, ao responderem um teste de personalidade. Além disso, os autores afirmam que os itens dos questionários podem não se ajustar corretamente às experiências por eles vivenciadas quando passam muito tempo reclusos.

Sugere-se, diante disto, que em pesquisas realizadas com detentos seja buscado um maior controle das variáveis desejabilidade social e estado de humor, visando minimizar o seu efeito sobre o estudo. Finalmente, considera-se imprescindível que mais pesquisas sejam realizadas sobre o tema, ainda diante de quaisquer dificuldades que possam ser encontradas, já que acredita-se que somente através de mais estudos com esse foco é que se pode, de fato, além de conhecer melhor esta população, propor meios para se evitar o envolvimento em práticas criminais e estratégias de intervenção psicológica

para que estes indivíduos possam se reintegrar à sociedade de forma efetiva, diminuindo o risco de reincidência criminal.

Referências

- Adorno, S. (2002). Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea. *Jornal de Psicologia-PSI*, 7-8.
- Akers, R. L. (1997). *Criminological theories*. Los Angeles, CA: Roxbury.
- Aime, M. T. (2008). *An Exploration of the Relationship between Childhood Sexual Abuse, Caregiver Support and Maladaptive Schema among Incarcerated Women*. Akron, OH: University of Akron Press.
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annu. Rev. Psychol.* 53, 27–51. doi: 10.1146/annurev.psych.53.100901.135231
- Barnes, G. M. & Farrell, M. P. (1992). Parental support and control as predictors of adolescent drinking, delinquency, and related problem behaviors. *J. Marriage Fam.* 54, 763–776. doi: 10.2307/353159
- Bach, B., Lockwood, G., & Young, J. E. (2018). A new look at the schema therapy model: organization and role of early maladaptive schemas. *Cognitive Behaviour Therapy*, 47(4), 328–349. <http://doi.org/10.1080/165060073.2017.14110566>.
- Baker, E., and Beech, A. R. (2004). Dissociation and variability of adult attachment dimensions and early maladaptive schemas in sexual and violent offenders. *J. Interpers. Violence* 19, 1119–1136. doi: 10.1177/0886260504269091
- Beato Filho, C.C. (1998). Determinantes da criminalidade em Minas Gerais. *Rev. bras. Ci. Soc.*, 13(37), 74-87. Recuperado em 15 de novembro de 2010, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000200004&script=sci_arttext.
- Beck, A. T. (2000). *Prisoners of hate. The cognitive basis of anger, hostility and violence*. New York: Perennial.
- Beck, A.T. (2005). The current status of cognitive therapy. A 40-year retrospect. *Archives of General Psychiatry*, 62, 953-959.
- Beck, A. T., Butler, A. C., Brown, G. K., Dahlsgaard, K. K., Newman, C.F., & Beck, J. S. (2001). Dysfunctional beliefs discriminate personality disorders. *Behavior Research and Therapy*, 39, 1213-1225.
- Beck, A. T. & Freeman, A (Orgs.). (1993). *Terapia cognitiva dos transtornos da personalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Benavente, R. (2002) Delinquência juvenil: da disfunção social à psicopatia. *Análise Psicológica*, 20(4), 637-645.
- Bentes, A. L. S. (1999). *Tudo como Dantes no Quartel D'Abrantes: estudo das internações psiquiátricas de crianças e adolescentes através de encaminhamento judicial*. Tese de mestrado, Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Bernstein, D. P., Arntz, A. & Keulen-de Vos, M. (2007). Schema focused therapy in forensic settings: Theoretical model and recommendations for best clinical practice.

International Journal of Forensic Mental Health 6(2), 169-183. Recuperado em 20 de fevereiro de 2011 de <http://www.iafmhs.org/files/Bernstein.pdf>.

Bernstein, D. P.; Nijman, H. L. I.; Karos, K.; Keulen-de Vos, M.; de Vogel, V. & Lucker, T. P. (2012). Schema therapy for forensic patients with personality disorders: Design and preliminary findings of a multicenter randomized clinical trial in the Netherlands. *Int J Forensic Ment Health*; 312-24.

Biggam, F. H. & Power, K. G. (1998). The quality of perceived parenting experienced by a group of Scottish incarcerated young offenders and its relation to psychological distress. *J. Adolesc.* 21, 161-176. doi: 10.1006/jado.1997.013

Bordin, I. A. S. & Offord, D. R. (2000). Transtorno da conduta e comportamento anti-social. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, 22 (supl 2), 12-15.

Bowlby, J. (1944). Forty-four juvenile thieves: their characters and home life. *Int. J. Psychoanalysis* 25, 19-52.

Bowlby, J. (1988). *A Secure Base: Parent-Child Attachment and Healthy Human Development*. New York, NY: Basic Books, 20-38.

Brazão, N., Rijo, D., Salvador, M. C. & Gouveia, J. (2007). Os efeitos do programa pró-social crescente sobre distorções cognitivas e esquemas desadaptativos precoces ao longo do tempo na prisão masculina. Unidade de Investigação Cognitivo Comportamental, Centro de Investigação e Intervenção. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Caldwell, R. M., Beutler, L. E., An Ross, S., and Silver, N. C. (2006). Brief report: an examination of the relationships between parental monitoring, self-esteem and delinquency among Mexican American male adolescents. *J. Adolesc.* 29, 459-464. doi: 10.1016/j.adolescence.2005.07.005

Callegaro, M.M. & Landeira-Fernandez, J. (2007). Pesquisas em neurociências e suas implicações na prática psicoterápica. In A.V. Cordioli (Org.), *Psicoterapias: abordagens atuais* (3ª. Ed., pp. 851-872). Porto Alegre: Artmed.

Camargos, S. P. S., Montagnero, A. V., Lopes, R. F. F., & Lima, A. F. M. (2020). Esquemas iniciais desadaptativos em pacientes pré e pós-bariátricos. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 16(1), 34-41. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20200006>

Carter, J. D., McIntosh, V. V., Jordan, J., Porter, R. J., Frampton, C. M., & Joyce, P. R. (2013). Psychotherapy for depression: A randomized clinical trial comparing schema therapy and cognitive behavior therapy. *Journal of Affective Disorders*, 151(2), 500-505. doi: 10.1016/j.jad.2013.06.034

Cazassa, M. J. (2007). Mapeamento de esquemas cognitivos: validação da versão brasileira do Young schemaquestionnaire-short form. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Cazassa, M. J., & Oliveira, M. S. (2008). Terapia focada em esquemas: conceituação e pesquisas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 35, 187-195.

Cerqueira, D. & Lobão, W. (2003). *Determinantes da criminalidade: uma resenha dos modelos teóricos e resultados empíricos* (Texto para discussão, nº 956). Rio de Janeiro: IPEA. Recuperado em 05 de janeiro de 2009, de <http://www.ipea.gov.br>.

- Chakhssi, F.; de Ruiter, C. & Bernstein, D. P. (2013). Early maladaptive cognitive schemas in child sexual offenders compared with sexual offenders against adults and nonsexual violent offenders: an exploratory study. *J. Sex. Med.* 10, 2201–2210. doi: 10.1111/jsm.12171
- Cristo, A.P.C. de, Froeder, D.D. e Garbin, A.A. 2017. Esquemas iniciais desadaptativos e práticas parentais. *Perspectivas em Psicologia*. 21, 2 (dez. 2017).
- Dias, J. F. & Andrade, M. C. (1997). *Criminologia – o homem delinquente e a sociedade criminógena*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Dulesko, D. A. (2008). Criminologia: a multidisciplinariedade na investigação das origens do crime e do processo de seletividade penal no Vale do Itajaí/ SC. *Rev. Disc. Jur. Campo Mourão*, 4(2), 19-40.
- Eysenck, H. J. (1967). *The biological basis of personality*. Springfield, IL: Charles C Thomas.
- Eysenck, H. J. (1996). Personality theory and the problem of criminality. In Muncie, J., McLaughlin, E. & Langan, M. (Ed.), *Criminological Perspectives: A Reader*. London: Sage Publications.
- Eysenck, H. J.; Eysenck, M. W. (1987). *Personalidad y diferencias individuales*. Madrid: Ediciones Pirámides.
- Farrington, D. P. (1995). The twelfth Jack Tizard memorial lecture: the development of offending and antisocial behaviour from childhood; key findings from the Cambridge study in delinquent development. *J. Child Psychol. Psychiatry* 36, 929–964. doi: 10.1111/j.1469-7610.1995.tb01342.x
- Farrington, D. P. (2003). "Conduct disorder, aggression and delinquency," in *Handbook of Adolescent Psychology*, eds R. M. Lerner and L. Steinberg (New York, NY: Wiley), 40–65
- Fassbinder, E., Schweiger, U., Martius, D., Brand-de Wilde, O., & Arntz, A. (2016). Emotion Regulation in Schema Therapy and Dialectical Behavior Therapy. *Frontiers in Psychology*, 7, 1373. doi: 10.3389/fpsyg.2016.01373
- Fergusson, D. M. & Horwood, L. J. (1998). Exposure to interparental violence in childhood and psychosocial adjustment in young adulthood. *Child Abuse Negl.*, 5, 339-357.
- Fernandes Junior, L., de Farias, J. J., da Costa, R. F. R., de Lima, F. S. (2017). La criminalidade no Brasil: avaliação do impacto dos investimentos públicos e dos fatores socioeconômicos. *Espacio Abierto [en línea]*. 2017, 26(2), 219-243 [fecha de Consulta 10 de Enero de 2022]. ISSN: 1315-0006. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=12252818013>
- Fiuza, W.M., & de Godoy, R. F. (2021). Esquemas iniciais desadaptativos em adultos brasileiros: revisão narrativa da literatura. *PSI UNISC*, 5(2), 59-77. doi: 10.17058/psiunisc.v5i2.16416
- Formiga, N. S., Teixeira, J., Curado, F., Lüdke, L., & Oliveira, A. R. N. (2003). A predição das condutas antissociais e delitivas a partir dos traços de personalidade. In *Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.). Resumos da XXXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia. Psicologia: Compromisso com a Vida.* (p. 381). Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Psicologia.

- Formiga, N. S., Yepes, C., & Alves, I. (2005). Correlatos entre traços de personalidade e afiliação com pares sociais: reflexões a respeito da formação personalística em jovens. In Celp-Ulbra (Org.). *Anais do IV Congresso Científico do Ceulp-Ulbra: Ética e Ciência* (pp. 277-279). Palmas, TO.
- Fornells, Capdevila & Andrés-Pueyo (2002). Personalidad y comportamiento penitenciário. *Psicothema*, 14 (supl.), 90-100. Recuperado em 18 de outubro de 2010 de <http://www.psicothema.com/PDF/3478.pdf>.
- Forth, A. E. & Burke II, H. C. (1995). Psychopathy and young offenders: rates of childhood maltreatment. *Correctional Service of Canada* 7(1), 20-22. Recuperado em 17 de maio de 2011, de <https://www.ncjrs.gov/App/Publications/abstract.aspx?ID=163906>.
- Freeman, A. & Datilio, F. M. (Orgs.). (1998). *Compreendendo a terapia cognitiva*. Campinas/ São Paulo: Editora Psy.
- Friedberg, R.D. & McClure, J.M. (2004). *A prática clínica de terapia cognitiva com crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Gauer, G. C. (2001). Personalidade e conduta violenta. *Civitas Revista de Ciências Sociais*, 1(2), 45-65.
- Gendreau, P., Little, T., and Goggin, C. (1996). Meta-analysis of the predictors of adult offender recidivism: what works! *Criminology* 34, 575-608.
- Gómez-Ullate, M. (2000). Jóvenes y contracultura. *Sociedade y Utopia*, 15, 231-241.
- Gonzalez, R., Mandracchia, J. T., Nicholson, B. & Dahlen, E. (2013). Exploring parenting as a predictor of criminogenic thinking in college students. *Int. J. Offender Ther. Comp. Criminol.* 58, 1081-1100. doi: 10.1177/0306624X13487523
- Guimarães, J.L.C. (2009). Criminalidade econômica: análise de fatores econômicos e sociais que influenciam as categorias de crimes no município de Santarém-Pa. *Revista Jus Navigandi*, Porto Alegre, 2009.
- Haan, K. L. B., Fassbinder, E., Hayes, C., & Lee, C. W. (2019). A schema therapy approach to the treatment of posttraumatic stress disorder. *Journal of Psychotherapy Integration*, 29(1), 54-64. doi: 10.1037/int0000120
- Hawke, L. D., Provencher, M. D., & Parikh, S. V. (2013). Schema therapy for bipolar disorder: A conceptual model and future directions. *Journal of Affective Disorders*, 148(1), 118-122. doi: 10.1016/j.jad.2012.10.034
- Hildebrand, M. & De Ruiter, C. (2004). PCL-R psychopathy and its relation to DSM-IV Axis I and II disorders in a sample of male forensic psychiatric patients in the Netherlands. *International Journal of Law and Psychiatry*, 27, 233-248
- Hoeve, M., Dubas, J. S., Eichelsheim, V. I., van der Laan, P. H., Smeenk, W., and Gerris, J. R. (2009). The relationship between parenting and delinquency: a meta-analysis. *J. Abnorm. Child Psychol.* 37, 749-775. doi: 10.1007/s10802-009-9310-8
- James, I. A., Reichelt, F. K., Freston, M. H., & Barton, S. B. (2007). Schemas as memories implications for treatment. *Journal of Cognitive Psychotherapy-An International Quarterly*, 1(1), 21-57.
- Jarvik, L. F., Klodin, V. & Matsuyama, S. S. (1973). Human aggression and the extra "Y" chromosome. *American Psychologist*, 67, 4-682.

- Jovev, M. & Jackson, H.J. (2004). Early maladaptive schemas in personality disordered individuals. *J Personal Disord*;18:467–78.
- Juang, L. P. & Silbereisen, R. K. (1999). Supportive parenting and adolescent adjustment across time in former East and West Germany. *J. Adolesc.* 22, 719–736 doi: 10.1006/jado.1999.0267
- Juby, H., & Farrington, D. P. (2001). Disentangling the link between disrupted families and delinquency. *British Journal of Criminology*, 41, 22-40.
- Keulen-de Vos, M. E. (2013). *Emotional states, crime and violence. A Schema Therapy approach to the understanding and treatment of forensic patients with personality disorders*. Cover design by FPC de RooyseWissel – Graphics department & Datawyse | UniversitairePers Maastricht Production: Datawyse | UniversitairePers Maastricht.
- Lamphear, V. S. (1989). The impact of maltreatment on children's psychosocial adjustment: a review of the research. *Child Abuse Negl*, 9, 251-63.
- Landazabal, M. G. (2005). Conducta antisocial durante La adolescência: correlación de factores socioemocionales, predictores y diferenciales de género. *Psicología Conductual*, 13(2), 197-215.
- Lewis, D. O. (1989). "Child abuse, delinquency and violent criminality," in *Childhood Maltreatment: Theory and Research on the Causes and Consequences of Child Abuse and Neglect*, eds V. Carlson and D. Cicchetti (Cambridge: Cambridge University Press), 707–721.
- Lockwood, G., & Perris, P. (2012). A new look at core emotion needs. In J. Broersen & M. van Vreeswijk (Eds.), *The Wiley-Blackwell handbook of schema therapy: Theory research and practice* (pp 41-66). Chichester: Wiley
- Luz, F. Q., Santos, P. L., Cazassa, M. J., & Oliveira, M. S. (2012). Diferenças nos esquemas iniciais desadaptativos de homens e mulheres. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 8(2). doi: 10.593
- Malogiannis, I. A., Arntz, A., Spyropoulou, A., Tsartsara, E., Aggeli, A., Karveli, S., ...Zervas, I. (2014). Schema therapy for patients with chronic depression: A single case series study. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 45(3), 319–329. doi: 10.1016/j.jbtep.2014.02.0035/1808-5687.20120013
- Mandracchia, J. T., & Morgan, R. D. (2012). Predicting offenders' criminogenic cognitions with status variables. *Crim. Justice Behav.* 39, 5–25. doi: 10.1177/0093854811425453
- Mann, R. & Beech, A. Cognitive distortions, schemas, and implicit theories. In: Ward T, Laws DR, Hudson SM, eds. *Sexual deviance: Issues and controversies*. London: Sage; 2003:135–53.
- Marshall, W. L.; Marshall, L. E.; Serran, G. A.; O'Brien, M. D. (2011) *Rehabilitating sexual offenders: A strengths based approach*. Washington, DC: American Psychological Association.
- McCord, J. (1996). Family as crucible for violence. *Journal of Family Psychology*, 10, 147-152.
- McCord, J. (2001). Forging criminals in the family. In W. Kluber (Org.), *Handbook of youth and justice* (pp. 223-235). New York: Academic/Plenum.

- Mendonça, M. J. C., Loureiro, P. R. A., Sachsida, A. (2003). *Criminalidade e interação social*. (Texto para discussão nº 968). Rio de Janeiro: IPEA. Recuperado em 05 de janeiro de 2009, de [http://www.mp.ba.gov.br/atuacao/cidadania/nudh/Criminalidade e interacao socil.pdf](http://www.mp.ba.gov.br/atuacao/cidadania/nudh/Criminalidade_e_interacao_socil.pdf).
- Miles, J., & Shevlin, M. (2001). *Applying regression & correlation – A guide for students and researchers*. London: SAGE Publications.
- Monte, F. F. de C. (2012) Valores humanos, julgamento moral, empatia e atos infracionais cometidos por adolescentes. Recife, 2012. 130 folhas Dissertação (mestrado) - UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Psicologia. Recife.
- National Institute of Justice (1996). *The cycle of violence revisited* (on-line report). National Criminal Justice Reference Service. Recuperado em 10 de janeiro de 2011 de <http://www.ncjrs.gov/pdffiles/cyclepre.pdf>.
- Noe Sean, R. (2008). *History of Parenting as Predictor of Delinquency, Moral Reasoning and Substance Abuse in Homeless Adolescents*. Thesis, The Ohio State University, College of Education and Human Ecology.
- Paim, K., & Copetti, M. E. K. (2016). Estratégias de avaliação e identificação dos esquemas iniciais desadaptativos. In R. Wainer, K. Paim, R. Erdos, & R. Andriola (Orgs.), *Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia* (pp. 85-127). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Paim, K.; Madalena, M. & Falcke, D. (2012). Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 8(1), 31-39. Recuperado em 10 de janeiro de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872012000100005&lng=pt&tlng=pt.
- Pellerone, M. (2013). Time perception in children with developmental dyscalculia. *Proc. Soc. Behav. Sci.* 103, 1220–1227. doi: 10.1016/j.sbspro.2013.10.450
- Pellerone, M., Craparo, G., & Tornabuoni, Y. (2016). Relationship between parenting and cognitive schemas in a group of male adult offenders. *Frontiers in Psychology*, 7, Article 302. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00302>
- Pressi, J. & Falcke, D.. (2016). Influência da família de origem nos domínios de esquemas. *Rev. bras.ter. cogn.* [online]. 2016 vol.12, n.2, pp. 73-82. ISSN 1808-5687. <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20160013>.
- Pugh, M. (2015). A narrative review of schemas and schema therapy outcomes in the eating disorders. *Clinical Psychology Review*, 39, 30–41. doi: 10.1016/j.cpr.2015.04.003
- Quinsey, V. L., Book, A. & Lalumiere, M. L. (2001). A factor analysis of traits related to individual differences in antisocial behavior. *Criminal Justice and Behavior*, 28, 522-536.
- Quinta Gomes, L. & Nobre, P. (2012) Early maladaptive schemas and sexual dysfunction in men. *Arch Sex Behav*, 41:311–20.
- Renner, F., De Rubeis, R., Arntz, A., Peeters, F., Lobbestael, J., & Huibers, M. J. H. (2018). Exploring mechanisms of change in schema therapy for chronic depression. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 58, 97–105. doi: 10.1016/j.jbtep.2017.10.002

- De Resende, J. P., Andrade, M. V. (2011). Crime social, castigo social: desigualdade de renda e taxas de criminalidade nos grandes municípios brasileiros. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-41612011000100007>. Acesso em 08/01/2022.
- Rijkeboer, M.M. (2005). *Assessment of early maladaptive schemas: on the validity of the Dutch Young schema questionnaire*. Enschede/Amsterdam (The Netherlands): Print Partners Ipskamp.
- Rocha, M. C. O. (2011). *Estudo das Condutas Antissociais e Delitivas e Esquemas de Personalidade numa amostra de presidiários*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, Brasil.
- Rodríguez, A., López, J. M. & Andrés-Pueyo, A. (2002). Personalidad y comportamiento penitenciario. *Psicothema*, 14 (supl.), 90-100.
- Romero, E., Luengo, M.A. & Otero, J.M. (1995). Grupo de iguais y delincuencia juvenil: Un análisis de las variables afectivas y conductuales [Peer group and delinquency: Analysis of affective and behavioural variables]. In E. Garrido and C. Herrero (Comps.). *Psicología Jurídica, política y ambiental*. Madrid: Eudema.
- Romero, E., Luengo, M. A. & Sobral, J. (2001). Personality and antisocial behavior: Study of temperamental dimensions. *Personality and Individual Differences*, 31, 329-348.
- Rosembaum, A., Hoge, S. K., Adelman, S. A., William J. Warnken, W. J., Kenneth E. Fletcher, K. E. & Kane, R. L. (1994). Head injury in partner-abusive men. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 62(6), 1187- 1193.
- Rua, F. (2006). *A Avaliação da Personalidade em contexto penal: (des)comunicações criminológicas entre Direito e Psicologia*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Salekin, R. T., Leites, A. M.; Neumann, C. S., Dickey, T. M., Duros, R. L. (2004). Psychopathy and comorbidity in a young offender sample: taking a closer look at psychopathy's potential importance over disruptive behavior disorders. *J Abnorm Psychol*, 113(3), 416-427.
- Sankey, M. & Huon, G.F. (1999). Investigating the role of alienation in a multicomponent model of juvenile delinquency. *Journal of Adolescence*, 22, 95-107.
- Schmitt, R., Pinto, T. P., Gomes, K. M., Quevedo, J., Stein, A. (2006). Personalidade psicopática em uma amostra de adolescentes infratores brasileiros. *Rev. Psiq. Clín.*, 33(6); 297-303.
- Sempértegui, G. A., Karreman, A., Arntz, A., & Bekker, M. H. J. (2013). Schema therapy for borderline personality disorder: A comprehensive review of its empirical foundations, effectiveness and implementation possibilities. *Clinical Psychology Review*, 33(3), 426-447. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cpr.2012.11.006>.
- Shikida, P. F. A., Araújo Júnior, A. F., Shikida, C. D. & Borilli, S. P. (2006). Determinantes do comportamento criminoso: um estudo econométrico nas Penitenciárias Central, Estadual e Feminina de Piraquara (Paraná). *Pesquisa & Debate*, 17(1), 125-148.
- Sigre-Leirós VL, Carvalho J, Nobre P. Early maladaptive schemas and aggressive sexual behavior: A preliminary study with male college students. *J Sex Med* 2012 Aug 20 [Epub ahead of print] doi: 10.1111/j.1743-6109.2012.02875.x.

- Simpson, S. G., Morrow, E., van Vreeswijk, M., & Reid, C. (2010). Group Schema Therapy for Eating Disorders: A Pilot Study. *Frontiers in Psychology*, 1, 182. doi: 10.3389/fpsyg.2010.00182
- Sisto, F. F. (2004). Escala de traços de personalidade para crianças (ETPC) e emoção: evidências de validade. *Paidéia: cadernos de psicologia e educação*, 14(29), 359-369.
- Smallbone, S. W., & Dadds, M. R. (1998). Childhood attachment and adult attachment in incarcerated adult male sex offenders. *J. Interpers. Violence* 13, 555-573. doi: 10.1177/088626098013005001
- Sobral, J., Romero, E., Luengo, A. & Marzoa, J. (2000). Personalidad y conducta antisocial: amplificadores individuales de los efectos contextuales. *Psichotema*, 12(4), 661-670.
- Sohrabi, S. The criminal gene: the link between MAOA and aggression (REVIEW). *BMC Proc* 9, A49 (2015). <https://doi.org/10.1186/1753-6561-9-S1-A49>
- Soler, C. L. & López, J. R. L. (2003). Rasgos de personalidad y conducta antisocial y delictiva. *Psicopatología Clínica Legal y Forense*, 3(2), 5-19.
- Souza, P. V. S. (1999). *A criminalidade genética*. Dissertação de Mestrado, PUC-RS, Porto Alegre, R.S., Brasil.
- Stallard, P. (2007). Early maladaptive schemas in children: stability and differences between a community and a clinic referred sample. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 14, 10-18
- Stopa, L. & Waters, A. (2005). The effect of mood on responses to the Young Schema Questionnaire: Short Form. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 78, 45-57.
- Taylor, C. D. J., Bee, P., & Haddock, G. (2016). Does schema therapy change schemas and symptoms? A systematic review across mental health disorders. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 90(3), 456-479. doi: 10.1111/papt.12112.
- Thiel, N., Jacob, G. A., Tuschen-Caffier, B., Herbst, N., Külz, A. K., Hertenstein, E., ... Voderholzer, U. (2016). Schema therapy augmented exposure and response prevention in patients with obsessive-compulsive disorder: Feasibility and efficacy of a pilot study. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 52, 59-67. doi: 10.1016/j.jbtep.2016.03.006
- Tranah, T., Harnett, P. & Yule, W. (1998). Conduct disorder and personality. *Personality and Individual Differences*, 24, 741-745
- Vasconcelos, T.C., Gouveia, V.V., Pimentel, C.E. & Pessoa, V.S. (2008). Condutas desviantes e traços de personalidade: testagem de um modelo causal. *Estudos de Psicologia*, 25(1), 55-65.
- Wakefield, Jr. J. A. (1979). *Using personality to individualize instruction*. San Diego, CA: Edits Publishers.
- Wainer, R. et al. (2013). Esquemas Iniciais Desadaptativos no transtorno por uso de álcool. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 9(2), p. 101-107.
- Wainer, R. (2016). O desenvolvimento da personalidade e suas tarefas evolutivas. In R. Wainer, K. Paim, R. Erdos, & R. Andriola (Orgs.), *Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia* (pp. 15-26). Porto Alegre, RS: Artmed

- Wainer, R., Paim, K., Erdos, R., & Andriola, R. (2016). Terapia Cognitiva focada em esquemas Integração em psicoterapia. Porto Alegre: Artmed.
- Wildin, S. R, Williamson, W. D, Wilson, G. S. (1991). Children of battered women: developmental and learning profiles. *ClinPediatr*; 30(5), 299-304.
- Windom, C. S. & Maxfield, A. (1996). A prospective examination of risk for violence among abused and neglected children. *Annal of the New York Academy of Sciences*, 794, 224-237.
- Wong, M. T., Lumsden, J., Fenton, G. W. & Fenwick, P. B. C. (1994). Electroencephalography, computed tomography and violence ratings of male patients in a maximum- security mental hospital. *ActaPsychiatricaScandinavica*, 90(2), 97-101.
- Wright, J. P., Cullen, F. T. & Miller, J. T. (2001). Family social capital and delinquent involvement. *Journalof Criminal Justice*, 29, 1-9.
- Young, J. E. (2003). Terapia Cognitiva para transtornos da personalidade: Uma abordagem focada em esquema (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Young, J. E, Klosko, J. S. & Weishaar, M.E. (2003). Schema therapy: A practitioner's guide. New York: Guilford Press.
- Young, J. E., & Klosko, J. S. (1994). *Reinventing your life: The breakthrough program to end negative behavior...and feel great again*. New York: Plume Book.
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2008). *Terapia do Esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Porto Alegre: Artmed.

Capítulo 5

DEPRESSÃO NO PUERPÉRIO

Ellen Maria Oliveira de Sá

DEPRESSÃO NO PUERPÉRIO

Ellen Maria Oliveira de Sá

Acadêmica de Enfermagem. Bolsista no ambulatório de enfermagem em estomaterapia da URCA, Integrante do grupo de pesquisa Clínica, Cuidado e Gestão em Saúde (URCA).

ellen.sa@urca.br

Resumo: O objetivo da presente pesquisa foi de investigar, relatar e aprofundar os conhecimentos quanto as causas mais comuns acerca da depressão pós-parto materna, assim como também possíveis formas de prevenção e seus tratamentos. A metodologia utilizada para seu desenvolvimento se deu através de uma minuciosa pesquisa bibliográfica no banco de dados do Google Academic, SciElo e LILACS, e com a leitura de artigos já publicados e livros que abordam o problema. Ao fim da pesquisa, conclui-se que, não há uma fórmula exata para o sucesso da prevenção ou tratamento da depressão no puerpério. É necessário que haja compreensão, apoio e união da família e da equipe dos profissionais de saúde que irão assistir a puérpera, fazendo com que a paciente sinta-se mais acolhida e segura para que assim possa expressar-se de forma mais confiante.

Palavras-chave: Puerpério; Depressão; Maternidade.

Abstract: The objective of this research was to investigate, report and deepen the knowledge about the most common causes about maternal postpartum depression, as well as possible forms of prevention and its treatments. The methodology used for its development was through a thorough bibliographic search in the Google Academic, SciElo and LILACS database, and with the reading of already published articles and books that address the problem. At the end of the research, it is concluded that there is no exact formula for the successful prevention or treatment of depression in the puerperium. It is necessary to have understanding, support and union of the family and the team of the research, it is concluded that there is no exact formula for the successful prevention or treatment of depression in the puerperium. It is necessary to have understanding, support and union of the family and the team of health professionals who will assist the postpartum woman, making the patient feel more welcomed and safe so that she can express herself more confidently.

Keywords: Puerperium; Depression; Maternity.

INTRODUÇÃO

Pode-se afirmar que a gestação é um momento de vivência único na vida de uma mulher. Contudo, uma gestação também pode desencadear ou agravar diversos traumas ou doenças psicológicas. Logo após o parto, a puérpera pode sofrer reações conscientes e

inconscientes quanto a sua condição psicológica e no íntimo das suas relações familiar e social. Em geral, a depressão sempre está interligada a um sentimento ruim e de sofrimento, e é considerada uma doença pós-moderna.

Desde o início dos tempos, mulheres são ensinadas a agirem de maneira pacífica, com graça e delicadeza, a serem compreensivas e amáveis, recebendo essas cobranças comportamentais por toda sua vida. Logo, mediante toda essa cobrança e expectativa criada de forma indevida em torno da realidade feminina, é esperado um modelo inimaginável e até mesmo inalcançável de maternidade, o que criou uma imagem erroneamente romantizada do que é ser mãe, do que é a real maternidade e isso vem sendo sustentado até os dias atuais graças ao sistema patriarcal. A quebra das expectativas impostas pela sociedade acerca do que é ser mãe, podem gerar um sofrimento psíquico e o que pode ser o início de uma depressão pós-parto.

Segundo pesquisas realizadas, possíveis métodos para a prevenção da DPP seriam ter uma boa relação com a própria mãe e família mantendo assim relações sociais positivas e saudáveis, ter um suporte social durante o período gestacional e no pós-parto e um programa de pré-natal com base em uma abordagem psicológica. Essas ações preventivas pode minimizar ou até mesmo proteger as mulheres do risco da depressão pós-parto, visto que, segundo dados, cerca de 15 a 20% das puérperas acabam sofrendo dessa doença psicológica.

Há diversas formas de tratamento, dentre elas, as mais conhecidas são: psicoterapia; tratamento com antidepressivo; terapia hormonal; e atividade física. Os tratamentos farmacológicos possuem diversas críticas, todas foram levadas em consideração, pois apesar de ser um dos meios mais acessíveis e utilizados,, pode não haver a eficácia esperada ao longo do tratamento, acarretando outras complicações.

METODOLOGIA

O método utilizado para o desenvolvimento do presente estudo se deu por meio de uma minuciosa revisão bibliográfica realizada através artigos e livros que abordam a problemática. Principais fontes de pesquisas foram Google acadêmico, LILACS e SciELO. Usando palavras chaves apenas em português como; depressão no pós-parto com 16,400 resultados no Google acadêmico; 506 resultados no LILACS, 112 resultados para

depressão no pós-parto e suas causas, 303 resultados para depressão no pós-parto e tratamentos e 66 resultados para depressão pós-parto e prevenção. 95 resultados para depressão no pós-parto. Foram utilizados 14 artigos científicos publicados sem exclusão de ano, escolhidos após uma investigação de maior relevância para a pesquisa em questão.

OBJETIVO

Visto que ainda há uma enorme minimização dos sintomas e sentimentos de pessoas depressivas, fazendo com que isso piore o seu quadro, a presente pesquisa objetivou investigar e aprofundar os conhecimentos quanto a depressão pós-parto materna e repassá-los não só para acadêmicos, mas também para que possa ser de fácil acesso e entendimento para todos os interessados na problemática, principalmente puérperas. É esperado que, com a seguinte investigação e relato possa haver uma melhora significativa na forma como as pessoas veem a depressão no Puerpério a fim de que também haja um maior esclarecimento para as mulheres, que constantemente podem assimilar a depressão pós-parto como uma forma de rejeição ao filho, ideia essa que, frequentemente, é reforçada por pessoas a sua volta.

CAUSAS MAIS COMUNS

Durante o percurso da pesquisa, foi visto que as causas mais comuns da depressão pós-parto materna pode ser dar por fatores como: se a mulher tem um histórico de depressão antes da gravidez ou durante a gestação, eventos estressantes durante esse período ou no pós-parto, violência doméstica, jovens mães também são mais suscetíveis a desenvolverem DPP, poucas condições socioeconômicas.

Lai e Huang (2004), apontaram variados riscos que podem levar a parturiente a essa condição, tais como:

- Gravidez não desejada;
- Baixo peso do bebê;
- Pouca idade materna;
- Grande número de filho;

- Perda de pessoas próximas;
- Parceiro desempregado;
- O fato da mãe não ser casada;
- Separação durante a gestação;
- Alimentação do bebê direto na mamadeira;
- Desemprego logo após a licença maternidade;
- Antecedentes psiquiátricos antes ou durante a gravidez.
- Problemas na tireoide (simulado de uma série de doenças psiquiátricas).

É criado um anseio entorno da mulher para que ela cumpra expectativas de terceiros em cima da maternidade. Toda essa pressão colocada e criação de expectativas inatingíveis acaba frustrando a parturiente, o que pode desencadear a mesma a desenvolver variados transtornos psicológicos incluindo DPP.

RESULTADOS

Os métodos preventivos são variados e alguns fatores que pode ajudar na proteção contra a DPP, podendo contar com o apoio de outra mulher, suporte social, estabilidade socioeconômico, sistema de apoio familiar, ter uma boa relação com seu parceiro ou parceira e suporte emocional, pré-natal psicológico e uma detecção precoce da depressão. Uma forma utilizada a detecção da DPP é o score Edimburgo, segue o questionário do escore abaixo.

O Edinburgh Postnatal Depression Scale (EPDS) é questionário de auto-avaliação desenvolvido na Grã-Bretanha para pesquisa da depressão pós-parto, traduzido e validado em diversos países, inclusive no Brasil.

Esta ferramenta mostrou elevada sensibilidade para a identificação da depressão pós-parto, na maioria das investigações.

O questionário de auto-avaliação contém dez perguntas com quatro opções que são pontuadas de 0 a 3, de acordo com a presença ou intensidade dos sintomas: humor

deprimido ou disfórico, distúrbio do sono, perda do prazer, diminuição do desempenho, culpa e idéias de morte e suicídio.

As entrevistadas são consideradas como do grupo de risco para desenvolver depressão, se a pontuação alcançada na EPDS forem iguais ou maiores que 10. Nesse caso, você deverá procurar um médico. Questionário: Você teve um bebê há pouco tempo e gostaríamos de saber como você está se sentindo nos últimos sete dias e não apenas hoje:

1. Eu tenho sido capaz de rir e achar graça das coisas

☐ Como eu sempre fiz

☐ Não tanto quanto antes

☐ Sem dúvida, menos que antes

☐ De jeito nenhum

2. Eu sinto prazer quando penso no que está por acontecer em meu dia-a-dia

☐ Como sempre senti

☐ Talvez, menos que antes

☐ Com certeza menos

☐ De jeito nenhum

3. Eu tenho me culpado sem necessidade quando as coisas saem erradas

☐ Sim, na maioria das vezes

☐ Sim, algumas vezes

☐ Não muitas vezes

☐ Não, nenhuma vez

4. Eu tenho me sentido ansiosa ou preocupada sem uma boa razão

☐ Não, de maneira alguma

☐ Pouquíssimas vezes

☐ Sim, algumas vezes

☐ Sim, muitas vezes

5. Eu tenho me sentido assustada ou em pânico sem um bom motivo

☐ Sim, muitas vezes

☐ Sim, algumas vezes

☐ Não muitas vezes

☐ Não, nenhuma vez

6. Eu tenho me sentido esmagada pelas tarefas e acontecimentos do meu dia-a-dia

☐ Sim. Na maioria das vezes eu não consigo lidar bem com eles

☐ Sim. Algumas vezes não consigo lidar bem como antes

☐ Não. Na maioria das vezes consigo lidar bem com eles

☐ Não. Eu consigo lidar com eles tão bem quanto antes

7. Eu tenho me sentido tão infeliz que eu tenho tido dificuldade de dormir

☐ Sim, na maioria das vezes

☐ Sim, algumas vezes

☐ Não muitas vezes

☐ Não, nenhuma vez

8. Eu tenho me sentido triste ou arrasada

☐ Sim, na maioria das vezes

☐ Sim, muitas vezes

☐ Não muitas vezes

☐ Não, de jeito nenhum

9. Eu tenho me sentido tão infeliz que eu tenho chorado

☐ Sim, quase todo o tempo

☐ Sim, muitas vezes

☐ De vez em quando

☐ Não, nenhuma vez

10. A idéia de fazer mal a mim mesma passou por minha cabeça

☐ Sim, muitas vezes, ultimamente

☐ Algumas vezes nos últimos dias

☐ Pouquíssimas vezes, ultimamente

☐ Nenhuma vez

Como fazer a pontuação: Questões 1, 2, e 4 o Se você marcou a primeira resposta, não conte pontos. o Se você marcou a segunda resposta, marque um ponto. o Se você marcou a terceira resposta, marque dois pontos. o Se você marcou a quarta resposta, marque três pontos. Questões 3, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 o Se você marcou a primeira resposta, marque três pontos. o Se você marcou a segunda resposta, marque dois pontos. o Se você marcou a terceira resposta, marque um ponto. o Se você marcou a quarta resposta, não conte pontos.

O pré-natal psicológico é uma inovadora forma humanizada de atendimento nessa fase gestacional. O programa em questão empenha a incorporação da gestante e da sua família

a todo esse processo gravídico, por meio de encontros em grupos. De acordo com Toste (2012), quando a assistência pré-natal proporciona, além de um controle biológico, continente ou base consistente para a mulher e sua família, constrói-se um fator de coesão importante, pois viabiliza o cuidado obstétrico humanizado e integral. Torna-se assim, um eficiente fator de redenção da morbimortalidade materna vivenciada pelas mulheres durante o período de gravidez.

Após uma crítica avaliação a literatura no que diz respeito a possíveis formas de tratamentos, indigitado os níveis de evidências para as diferentes opções de intervenções terapêuticas.

Tratamento com antidepressivos: apesar de ser um dos mais utilizados, alguns estudos mostraram que, em alguns casos pode não haver o efeito esperado. Contudo, consequências quanto ao desenvolvimento de crianças expostas a antidepressivos durante a lactação ainda não possuem de fato uma boa determinação.

Terapia hormonal: não foi possível haver um desfecho satisfatório a respeito da terapia hormonal como tratamento para depressão pós-parto, pois há variadas falhas e contradições nos estudos já realizados no que se refere a este tópico.

Psicoterapia: Avaliações de estudos clínicos mostraram uma significativa melhoras nas pacientes. Foram avaliados ensaios clínicos de terapias individuais e em grupo. Em média, 12 sessões de terapias tiveram um considerável efeito benéfico nas suas vidas. Terapias em grupos se mostraram tal-qualmente eficazes para a melhora da sociabilização. Todavia, estudos revelam que há uma diminuição de eficácia caso seja acompanhada por medicações antidepressivas para mulheres lactantes.

CONCLUSÃO

Indubitavelmente, não há regra ou fórmula para o êxito dessa missão. O uso do Escore de Edimburgo como forma de averiguar se a puérpera está sofrendo de DPP tem se mostrado de grande eficácia, visto que tem uma relativa facilidade de execução na prática.

Em decorrência dos dados e conhecimentos obtidos por meio desta pesquisa, fio-me que o meio que traz um maior penhor, é a união de esforços dos profissionais da saúde e dos familiares da paciente, para que esta etapa seja superada e a mulher sinta-se mais

segura, salientando assim melhor os seus sentimentos, sentindo-se protegida e ajudada, o que irá lhe conferir uma maior satisfação quanto a superação das tribulações causadas pela depressão pós-parto, uma vez que negligência e a minimização do sofrimento são coautores para a causa da depressão.

REFERÊNCIAS

Organização Mundial de Saúde. Relatório sobre a saúde no mundo 2001: saúde mental: nova concepção, nova esperança: Geneva (CH): MS; 2001.

Depressão pós-parto: uma revisão sobre fatores de risco e de proteção disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862017000300016

Psic., Saúde & Doenças vol.18 no.3 Lisboa dez. 2017.

Lopez JRRA, Pedalini R. Depressão pós-parto: revisão epidemiológica, diagnóstica e terapêutica. Inf Psiquiatr 1999;18(4):115-8.

Lai J. Y., Huang T. L. (2004). Catatonic features noted in patients with post-partum mental illness. Psychiatry Clin Neurosci, 58, 157-162.

Ministério da Saúde (BR), Secretaria de Políticas de Saúde. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília (DF); 2001.

Magalhães PVS, Pinheiro RT, Faria AD, Osório CM, Silva RA. Questões críticas para o tratamento farmacológico da depressão pós-parto. Rev Psiquiatr Clín. 2006;33(5):245-8.

FLECK, M.P.; LAFER, B.; SOUGEY, E.B.; DEL PORTO, J.A.; BRASIL, M.A.; JURUENA, M.F. - Guidelines of the Brazilian Medical Association for the treatment of depression. Rev Bras Psiquiatr 25 (2): 114-122, 2003

O pré-natal psicológico como programa de prevenção à depressão pós-parto disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-2902014000100251&script=sci_abstract&tlng=pt

ARRAIS, Alessandra da Rocha; MOURAO, Mariana Alves and FRAGALLE, Bárbara. Saude soc. [online]. 2014, vol.23, n.1, pp.251-264. ISSN 0104-1290.

ARRAIS, A. R.; AZEVEDO, K. R. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006.

BAPTISTA, M. N.; BAPTISTA, A. S. D.; OLIVEIRA, M. G. Depressão e gênero: porque as mulheres se deprimem mais que os homens? In: BATISTA, N. (Org.). Suicídio e depressão: atualizações. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. p. 50-59.

BOTEGA, N. J.; DIAS, M. K. Gravidez e puerpério. In: BOTEGA, N. J. (Org.). Prática psiquiátrica no hospital geral: interconsulta e emergência. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, M. F. S. Depressão após o parto. 2001. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2001.

TOSTES, N. A. Percepção de gestantes acerca

da assistência pré-natal, seus sentimentos e expectativas quanto ao preparo para o parto. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2012.

Brasil. Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa. Protocolos da atenção básica: saúde das mulheres. Ministério da Saúde, 2016.

Depressão pós-parto – Causas, sintomas e tratamento disponível em:
<https://www.mdsaude.com/gravidez/depressao-pos-parto>

Dr. Pedro Pinheiro Médico especialista em Clínica Geral e Nefrologia.

Formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. 28 maio 2019.

Pereira, P. K., Lovisi, G. M., Lima, L. A., & Legay, L. F. (2010). Complicações obstétricas, eventos estressantes, violência e depressão durante a gravidez em adolescentes atendidas em unidade básica de saúde. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 37(5), 216-222. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v37n5/a06v37n5.pdf>

Sintomas depressivos em gestantes da atenção básica: prevalência e fatores associados. 2019 Dell’Osbel et al. Publicação licenciada para ABCS Health Sciences.

Questões críticas para o tratamento farmacológico da depressão pós-parto (2006)

All the contents of this journal, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution License

Tostes, N. (2012). Percepção de gestantes acerca da assistência pré-natal, seus sentimentos e expectativas quanto ao preparo para o parto.

Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, DF). Disponível em

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11099/1/2012_NataliaAlmeidaTostes.pdf

Klaus, M. H., Kennel, J. H., & Klaus, P. (2000). Vínculo: Construindo as bases para um apego seguro e para a independência. Porto Alegre: Artmed.

Falcone, V. M., Mäder, C. V. N., Nascimento, C. F. L., Santos, J. M. M., & Nóbrega, F. J. (2005). Atuação multiprofissional e a saúde mental de gestantes. *Revista de Saúde Pública*, 39(4),612-618.

Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102005000400015>

Borsa, J. C., & Dias, A. C. G. (2004). Relação mãe e bebê: As expectativas e vivências do puerpério. *Revista Perspectiva*, 28(102),39-53.

O pré-natal psicológico como programa de prevenção à depressão pós-parto (2013)

Mariana Alves Mourão, Bárbara Fragalle, Alessandra da Rocha Arrais

Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000100020>

Cruz, E. B. S., Simoes, G. L., & Faisal-Cury, A. (2005). Rastreamento da depressão pós-parto em mulheres atendidas pelo Programa de Saúde da Família. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia* [online], 27(4),181-188.

Disponível em www.scielo.br/pdf/rbgo/v27n4/a04v27n4.pdf

Capítulo 6

A COMUNICAÇÃO CORPO E MENTE. É POSSÍVEL?

Alfredo Menotti Colucci

A COMUNICAÇÃO CORPO E MENTE. É POSSÍVEL?

Alfredo Menotti Colucci

Alfredo Menotti Colucci, Psiquiatra, Psicanalista, Membro Efetivo e Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

RESUMO: Através de uma proposta de Bion que refere: “será possível falar com o soma de modo que a psicose (mente) seja capaz de entender?”, procuro tentar transmitir o caminho que percorri na investigação da relação corpo ↔ mente. Proposta desafiadora. Amplio minhas ideias nessa investigação utilizando-me de três áreas do conhecimento: dos literatos - Clarice Lispector e Saramago, dos psicanalistas - Freud, Bion, Winnicott, Ogden e dos filósofos Agaben, Peirce e Silveira. Entretanto, transitar por uma dezena de autores e suas teorias implica em uma mudança de vértice de ocuparmos a posição **entre** e **não dentro** das teorias e conceitos, o que permite criar novas ideias no contínuo entre as teorias e os conceitos.

Palavras-chave: Corpo. Mente. Lispector. Bion. Agamben.

ABSTRACT: Through one of Bion’s proposal which suggests: “is it possible to talk to the soma so the psychosis (mind) would be able to understand?”, I try to transmit the path I followed while investigating the relationship body ↔ mind. A challenging proposal. I expand my ideas in this investigation using three areas of knowledge: the literati – Clarice Lispector and Saramago, the psychoanalysts – Freud, Bion, Winnicott, Ogden and the philosophers Agaben, Peirce and Silveira. However, exploring dozens of authors and their theories implies in a change of perspective from occupying the position of **between** and **not within** the theories and concepts what allows us to create new ideas in the continuum between the theories and the concepts.

Keywords: Body. Mind. Lispector. Bion. Agamben.

I

“Será que é possível falar com o soma, se ele existe, de modo tal que a psicose seja capaz de entender, ou vice-versa”? conforme tradução de Paulo Cesar Sandler, (BION, 1985, p. 140).

Com esta frase Bion propõe uma interrogação desafiante e que contém:

- 1 - Uma proposta (será que é possível?);
- 2 – se ele existe: uma interrogação;
- 3 -Que há uma cesura primária entre o proto-corpo (soma) e a proto-mente (psicose). Nas palavras de Bion (1985, p. 138, grifo nosso)

Por exemplo: Picasso pinta um quadro em um vidro, de tal forma que ele pode ser visto de qualquer lado. Usando a minha mão, posso

sugerir o seguinte: olhe-a de um lado; existe uma queixa psicossomática. Olhe-a de um outro lado; agora é somatopsicótica. É a mesma mão, mas aquilo que você vê depende do modo como observa; a partir de que posição, a partir de que vértice – use qualquer termo que gostar. Mas será que alguém olha para um caráter a partir de alguma direção? Novamente eu não consigo ver como este problema pode ser resolvido, exceto pela *prática* da análise e exceto pelo analista em particular. Não é bom que alguém fique tentando dizer a você como é que deve olhar para as coisas ou a partir de onde você olha para as coisas – ninguém jamais vai saber, exceto você mesmo.

Sim, ninguém jamais vai saber, exceto você mesmo, mas, o que me é possível neste texto é tentar transmitir o caminho que percorri na investigação da relação corpo-mente e que envolve minha experiência emocional na investigação da instalação da Preocupação Materna Primária em 33 partos (COLUCCI et al. 2006).

Proposta desafiadora. Amplio minhas ideias nessa investigação utilizando-me mais três áreas do conhecimento: dos literatos - Clarice Lispector e Saramago, dos psicanalistas - Freud, Bion, Winnicott, Ogden e dos filósofos - Agaben, Peirce e Silveira.

II

Entretanto, transitar por uma dezena de autores e suas teorias implica em uma mudança de vértice de ocuparmos a posição **entre** e **não dentro** das teorias o que permite emular novas ideias no contínuo entre as teorias e os conceitos.

A Psicanálise é construída a partir do conceito de Pulsão (Trieb) e Freud não deixou dúvidas que ela nasce em um espaço **entre** o corpo e a mente, espaço que é ao mesmo tempo virtual e real. É este espaço **entre** que denomino fronteira/cesura, Colucci et al. (2011), e que possui os predicados do contínuo. O setting é presente e representa a fronteira entre o passado e o futuro no fluxo do tempo. Não é familiar para os psicanalistas a questão do contínuo. Aprendemos a estudar teorias e compará-las. Assim, existe o hábito de convergi-las ou divergi-las. Convergências e divergências de ideias não admitem fronteira, porém são atividades comuns, para evadir da presença da fronteira por ser um espaço de horror para o Homem, pois denuncia o luto de dois estados diferentes e relacionados, sem volta, como no modelo da cesura do nascimento. Freud (1979, p. 131), diz com ênfase: “Vida intrauterina y primera infancia constituyen un continuo, em medida mucho mayor de lo que nos haría pensar la lhamativa cesura del acto del nacimiento.” Entretanto, caracteriza um espaço eminentemente real, onde as idéias ou as qualidades de sentimento não se restringem como predicados de uma determinada classe de sujeitos de atribuição, mas pela fronteira estar comprometida com o presente que é o lugar da poesia, do afeto e da decisão ela representa o instante que configura e define o destino de uma ideia. Diríamos que a convergência ou divergência são formas degeneradas do paralelismo, principalmente quando as condições são forçadas numa tendência de se encontrar uma intersecção desses diversos domínios do conhecimento. Por outro lado, se

minimizarmos as diferenças ampliando o campo para que todas as teorias compartilhem o mesmo espaço, tenderemos a confundir com uma vagueza as teorias neutralizando o potencial de cada uma. O paralelismo como incentivo mútuo a diversas teorias ou a diversas ciências respeitaria a especificidade de cada uma delas com a emulação, no sentido positivo, para o desenvolvimento de todas. Se não existe uma busca para convergência ou divergência a direção é a condição triádica, diferente da interdisciplinaridade que conduz a se encontrar um ponto comum que esvaziaria as teorias na sua potencialidade, isso sem considerarmos quando o campo de aproximação é forçado para que apresente um resultado não condizente com a realidade. No paralelismo tantas quantas são as teorias e os autores descrevendo um fato da natureza é possível organizar os signos de modo a nos conduzir a um ponto comum, mesmo que no infinito, ou seja, em O de Bion (COLUCCI; SILVEIRA, 2011). Utilizamos o paralelismo quando estamos em **atenção flutuante e seu correlato a associação livre de ideias**, é onde ocorrem pensamentos afins que se sintonizam e se aproximam, pois para estas ideias não se aplica o princípio de contradição e da exclusão do terceiro que são condições do contínuo. Cria-se um espaço vivo **na fronteira das teorias e das idéias que ultrapassa** a discussão do confronto produtor de matéria morta.

III

A experiência, por certo, me leva a supor que o problema do paciente asmático, por exemplo, não pode ser considerado como restringido, apenas, dentro da pele desse paciente. Certa ocasião, fiquei admirado (não sem certa ansiedade) de ver, enquanto fazia a visita a enfermaria do hospital, como o asmático tinha sido capaz de mobilizar a hostilidade dos demais pacientes. Essa queixa psicossomática não apenas, por fim, matou esse paciente determinado – mas quase me matou também. Toda a questão do inconsciente e do consciente, que tem sido útil até aqui precisa muito ser reconsiderada.

Bion (1973, p. 130)

Freud rompe com o científico de sua época e resgata no Fausto de Goethe, a bruxa/feiticeira (Hexe), para construir a metapsicologia. Cria um personagem para dizer: “Então é preciso que intervenha a bruxa. A bruxa metapsicológica, você quer dizer. Sem um especular e um teorizar metapsicológicos – a ponto estive de dizer: fantasiar – não se dá aqui um só passo adiante.” (Die Hexe Metapsychologie nämlich), Freud (1937, p. 228).

Criando a metapsicologia Freud penetrou no escuro da mente. Bion em suas últimas obras (Memória do Futuro), como bruxo, penetra nos labirintos escuros da mente e abandona a compreensão da relação dinâmica mente/corpo da psicossomática ou somatopsíquica, como a conhecemos.

Procurando bruxos e bruxas encontro Clarice Lispector e sua amiga Lygia

Fagundes Telles que em *Onde estiveste de Noite?* (2011), relata um mistério em que a morte de Clarice é vivenciada por Lygia, numa comunicação não verbal.

Em outro texto, Clarice em uma colocação a ela durante uma entrevista (LISPECTOR, 1997, p. 305):

- Você sabia que a Clarice é uma tremenda bruxa?

Clarice, responde: Isso é um critico, não me lembro mais de que país latino-americano, disse, que eu não era uma escritora. Não, que usava as palavras não como escritora, mas como uma forma de bruxaria. Daí, talvez o convite para participar do Congresso de Bruxaria, na Colômbia.

O conto Viagem a Petropolis

Com “Viagem a Petrópolis”, em Lispector (2016, p. 316), espero me aproximar do tema: o diálogo corpo e mente:

Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo. Os olhos lacrimejavam sempre, as mãos repousavam sobre o vestido preto e opaco, velho documento de sua vida. No tecido já endurecido encontravam-se pequenas crostas de pão coladas pela baba que lhe ressurgia agora em lembranças do berço. Lá estava uma nódoa amarelada, de um ovo que comera há duas semanas. E as marcas dos lugares onde dormia. Achava sempre onde dormir, casa de um, casa de outro. Quando lhe perguntavam o nome, dizia com voz purificada pela fraqueza e por longíssimos anos de boa educação.

- Mocinha.

As pessoas sorriam. Contento pelo interesse despertado explicava

- Nome, nome mesmo, é Margarida.

O corpo era pequeno, escuro, embora ela tivesse sido alta e clara. Tivera pai, mãe, marido, dois filhos. Todos aos poucos tinham morrido. Só ela restara com os olhos sujos e expectantes quase cobertos por um tênue veludo branco. Quando lhe davam alguma esmola davam-lhe pouca pois ela era pequena e realmente não precisava comer muito.

Sintetizo e comento parte do conto para os objetivos deste texto. A estranheza provocada pela descrição de Mocinha também se dá por “[...] não parecia compreender que estava só no mundo.” Por viver em bidimensionalidade aparece o conflito principal da personagem: ser só ou estar só que é o que consegue. Mocinha saiu do Maranhão para o Rio de Janeiro com a finalidade de se internar em um asilo. Isto não acontece e vive de esmolas pela cidade. Conhece uma família que a aceita em sua casa. Não se trata de uma relação de adoção ou inclusão na relação familiar, trata-se apenas de um espaço físico para dormir. E ambos desconhecem o motivo da permanência nesta casa.

Durante muito tempo foi esquecida como pessoa pela família, até que causa um grande mal-estar em uma das moças. O mal-estar foi crescendo até que alguém cogita

levar Mocinha para Petrópolis. A decisão foi unanime: seria levada à Petrópolis.

A partir do momento que Mocinha fica sabendo sobre a viagem e a mudança de cidade e de família passa a ficar agitada e tanto seu corpo como sua mente dão sinais de vida. . A ideia da viagem, da mudança, do desconhecido fez com que Mocinha tivesse recordações em *flash*. Nesta noite, também começou a ter lembranças procurando reconstruir sua vida e sensações sinérgicas.

Durante a viagem de carro Mocinha tem uma sintonia com o tempo: passado, presente e futuro, ou seja, recupera sua tridimensionalidade. Suas lembranças voltam com força. Lembra-se do marido e de seu paletó.

Lembrou-se dos cabelos do filho, das roupas dele. Lembrou-se da xícara que Maria Rosa quebrara e de como ela gritara com Maria Rosa. Se soubesse que a filha morreria de parto, é claro que não precisaria gritar. E lembrou-se do marido. Só relembra o marido em mangas de camisa. Mas não era possível, estava certa de que ele ia à repartição com o uniforme de contínuo, ia às festas de paletó, sem falar que não poderia ter ido ao enterro do filho e da filha em mangas de camisa. A procura do Paletó do marido ainda mais cansou a velha que se virava com leveza na cama.

De repente descobriu que a cama era dura.

- Que cama dura, disse bem alto no meio da noite.

É que se sensibilizara toda. Partes do corpo de que não tinha consciência há longo tempo reclamavam agora a sua atenção. E de súbito – mas que fome furiosa! Alucinada, levantou-se, desamarrou a pequena trouxa, tirou um pedaço de pão com manteiga ressecada que guardara secretamente há dois dias. Comeu o pão como um rato, arranhando até o sangue os lugares da boca onde só havia gengiva. E com a comida cada vez mais se reanimava. Conseguiu, embora fugazmente, ter a visão do marido se despedindo para ir ao trabalho. Só depois que a lembrança se desvaneceu, viu que se esquecera de observar se ele estava ou não em mangas de camisa... Passou o resto da noite nesse jogo de ver por um instante e depois não conseguir ver mais. De madrugada adormeceu.

Chegando na cidade, os jovens se despedem e dão as instruções para que mocinha procure o irmão deles, Arnaldo, que imediatamente recusa abrigo à velha, dizendo que sua casa não é asilo. A fala de Arnaldo ocorre com dupla negação (- Não pode ser não/ - Não tem lugar não, ouviu?/ - Aqui não é asilo não, viu!

Mocinha agradece. Começa a andar até que encontra uma bica de água, sacia sua sede, encosta porque esta cansada da vida e morre.

Mocinha, comunicada sobre a viagem e impactada pela consciência espacial e temporal, inicia uma viagem interna que parte de uma dimensão regredida da bidimensionalidade do tempo para a dimensão tetradimensional.

Clarice neste conto faz uma reconstrução tempo/espacial de Mocinha durante a

viagem do Rio a Petrópolis. De um espaço bidimensional onde o tempo é circular, e sempre retorna ao mesmo ponto, quase que encolhendo para não ocupar um espaço. Esse espaço bidimensional é revelado no vestido de Mocinha, como se ela fosse uma superfície que contivesse parte de suas vivências. Corpo e mente em fusão. Não há espaço entre eles. Evolui para uma tridimensionalidade ao recordar suas vivências. Recuperando suas lembranças e estando plena de memórias para continuar com coragem de viver. Entretanto, Mocinha com o abandono não tem coragem para viver. Sua mente sintoniza com seu corpo e autoriza sua morte.

IV

Bion (1981) descreve o que chamamos de fronteira como Cesura – o lugar que iremos desenvolver neste texto e dar um significado, pois é nele que cabe os signos e os íconos, objetos das primeiras experiências para originar os protopensamentos e, portanto, representantes da origem da Vida (COLUCCI; WOILER, 2014). Esse espaço quanto mais amplo mais rico em acervo de signos e íconos emocionais, É nesse espaço que encontrarmos os elementos do corpo que podem se comunicar com a mente e pelo seu mistério é que Bion na introdução do texto Cesura se apoia em citações de filósofos, religiosos e literatos.

Agamben (2014, p. 25) diz:

Gostaria neste momento, de propor-lhes uma segunda definição da contemporaneidade: contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para perceber não as suas luzes, mas a escuridão. Todos os tempos são, para quem os experimenta na sua contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, exatamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente.

Entendemos que para ser contemporâneo (estar no presente) se necessita possuir um espaço interno, ou seja, uma fronteira (cesura) entre Self/Objeto, entre Vida e Morte, que organiza um continuo representado pelo escuro, lugar dos íconos emocionais onto e filogenéticos.

Bion introduz o conceito de O, que não fica restrito aos conceitos de verdade e falsidade, por se situar entre as linhas paralelas em direção ao infinito.. Estas são as dimensões da coisa-em-si no ambiente da fronteira e num campo eminentemente estético; dimensões tão bem compreendidas por Bion na reinterpetação que fornece das teses kantianas.

Um *continuum*, resulta da cesura e com ele encontra-se o proto-pensamento em estado nascente, aparentemente frágil, mas imensamente resistente e capaz de superar os mais terríveis embates: sequer a morte o destrói! (porque é transmitido). Assim, o espaço de um aparelho de pensar surge após a primeira separação mãe-bêbe que organiza a cesura (fronteira) que contém toda a potencialidade. Desta forma, originam-se os iconos que representam o Ser, como substrato para todas as formas. Peirce denomina

Primeiridade a este espaço.

Lispector coloca de maneira clara a questão do continuum:

Entre aquilo que existe entre o número um e o número dois, de como vi a linha de mistério e fogo, e que é linha sub-reptícia. Entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia, por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é o sentir – nos interstícios da matéria primordial esta linha de mistério e fogo que é a respiração do mundo, é a respiração contínua do mundo, é aquilo que ouvimos e chamamos do silêncio. (LISPECTOR, *apud* SANT'ANNA, 1997, p. 255)

José Saramago, durante o discurso em Turim, se referiu a mudança de vértice por seu amadurecimento de olhar o “escuro”. Do discurso nasce o livro: A Estátua e a Pedra, que em nova edição ficou Da Estátua à Pedra. A passagem da pedra à estátua e novamente à pedra é composta por fronteira e é dela que nasce a estátua. (REVISTA BRAVO, 2013, p. 2):

Que é isto de pretender penetrar o interior da pedra em vez de continuar a descrever sua superfície?, indagou o literato português naquela tarde. [...] Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos.

Agamben e Saramago trazem uma questão e um desafio: o que significa **"ver as trevas"**, **"perceber o escuro"**? (Grifo do autor). Esta condição implica ter condições de mergulhar no inferno e, como propõe Dante Alighieri só se for acompanhado de Virgílio, ou seja, se não houve a experiência da Preocupação Materna Primária que seja adquirida no setting analítico condição para a cesura se instalar.

Peirce identifica nela os signos cujos interpretantes são emocionais, isto é, aquele que é produzido de forma poética e por serem originais representam o arché, ou seja, nossa herança mitológica com sua vivência da tragédia original. Em outras palavras, o inconsciente/primeiridade, contém o substrato emocional que se movimenta por afinidade permitindo a instalação de uma organização semiótica. Desta forma, os íconos presentes representam o Ser, pois é o substrato de todas as formas.

Nosso acervo genético, como nos mostra a epigenética, é icônico, isto é, semiótico e dinâmico e é ao mesmo tempo a linguagem do inconsciente e do biológico, pois representa o todo, corpo e mente, o que nos permite valorizar a filogênese como Freud o fez.

Termino com o Caso Clínico Psicanalítico relato por Ogden (2010, p. 29): Na primeira sessão o Sr. A, diz: “Não sei por que eu estava com medo da análise” e durante os dois primeiros anos de análise Ogden sentia que não sabia o que o Sr. A havia vindo procurar na análise e lembrou-se de uma história ocorrida durante sua residência onde integrantes da banca examinadora traziam pacientes a fim de avaliar os residentes e os programas da residência.

Não havia uma interioridade na análise. Ogden percebeu que a fala do Sr. A era marcada por pausas breves, quase imperceptíveis como se preparando para não ser surpreendido e comunicou isso ao paciente.

Depois das férias de três semanas do Sr. A e durante a qual havia tido aulas de meditação e pensamento budista o paciente comunicou que havia

[...] experimentado uma conexão com algo maior do que a mim mesmo de um modo que nunca tinha sentido antes [...] Não me surpreendi absolutamente quando ele me disse que tinha decidido seguir a meditação budista e, então, aquela seria nossa última sessão [...] Prossegui. Parece-me que tenho uma responsabilidade, tanto com você (Sr. A1), a pessoa com quem estou falando, quanto com você (Sr. A 2), a pessoa que originalmente me procurou, a pessoa que, sem o saber, estava me pedindo ajuda para **encarar a música (encarar os fatos da realidade)**.

Sou responsável por ambos aspectos de você, a despeito do fato, de que no momento um deles está mudo e eu preciso falar por aquele aspecto de você. (OGDEN, 2010, p. 35)

Na sessão seguinte (p 36) o Sr. A fala das férias e diz: “São meus horários e não seria certo ocupá-los com outra pessoa.” Na sequência o Sr. A fala:

Quando sai daqui ontem, foi como se tivessem tirado um peso...não, não é isso...eu senti que voltaria a mim mesmo, e voltar a mim mesmo não é uma coisa inteiramente boa, como você sabe. É um lugar que tem sido insuportável para mim. Foi bom ouvir sua voz enquanto você falava ontem – eu prestei mais atenção no som da sua voz, era o som do que você estava dizendo. Não era só o som da sua voz, era o som do seu pensamento. Quando percebi que sua voz não tinha mudado, soube que você não tinha dado o meu lugar para outro. Não importa se você preencheu ou não os horários – eu sei que você sabe disso. Havia um sentimento de profunda afeição e gratidão na voz do Sr. A enquanto falava, algo que eu nunca tinha ouvido anteriormente – e eu não tenho dúvida de que ele sabia que eu também sabia disso (OGDEN, 2010, p. 36, grifo nosso).

Ogden consegue entrar no interior da pedra, ou seja, no espaço escuro.

Retomando a ideia da comunicação corpo/mente, compreendo esta vivência na dimensão de que quando a mente de Ogden fala através de seu corpo, há um eclipse do corpo do Sr. A para que sua mente traduza os signos estéticos de primeiridade (música do som) e realize a Verdade da relação formando uma unidade que será a reconstrução da Preocupação Materna Primária na relação analítica.

Ogden que estava na superfície de seu analisando consegue *penetrar no interior* dele. Da mesma forma a mente da mãe fala para o corpo (do bebê) cuja mente entende e interpreta. Este estado triádico constrói a vivência onírica através do clima de admiração,

estética e emocional (poético). Na linguagem de Peirce, o signo enquanto interpretante lógico, com caráter econômico, regride e recupera o interpretante emocional, base da primeiridade, estabelecendo a colunicação corpo↔mente.

Mente - Oi, de onde saíste?
Corpo - O que... Você outra vez? Eu sou Corpo;
pode me chamar Soma, si você quiser. Quem é você?
Mente - Chama-me Psique... Psique-Soma.
Mente – Devemos ser parentes
Corpo – Nunca – se depender de mim.
Mente – Ora, deixa disto. Não é tão ruim assim, é?

.....
W.R. Bion, A aurora do Esquecimento (1996, p. 6)

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo. Tradução Davi Pessoa. *In*: AGAMBEN, G. **Nudez**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 21-33.

BION, W. R. Cesura. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 123-136, 1981.

BION, W. R. **Conferências brasileiras**. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

BION, W.R. Evidência. Trad. Paulo Cesar Sandler. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 129-141, 1985.

BION, W. R. **Uma memória do futuro**: a aurora do esquecimento. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

COLUCCI, A.M. et al. Investigação das condições para a instalação da preocupação materna primária: incidência na população e estudo longitudinal dos bebês observados. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*, Rio de Janeiro, v.100, n. 1, p. 7-14, 2006.

COLUCCI, A. M.; et al. **Paralelismo das teorias psicanalíticas**. 2011. Trabalho apresentado à SBPSP, 2011.

COLUCCI, A. M.; SILVEIRA, L. F. B. **Os conceitos de limites e de fronteira na Psicanálise**. 2011. Trabalho apresentado ao 23º Congresso Brasileiro de Psicanálise, Ribeirão Preto, 7 a 10 de setembro de 2011.

COLUCCI, A. M.; WOILER, E. Estudo e investigação de traços arcaicos em desenhos: novos métodos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 173-190, 2014.

FREUD, S. Inhibición, sintoma y angustia. In: FREUD, S. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1979. v. 20, p. 71-164.

FREUD, S. Análise terminável e não terminável. In: FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1937. v. 23, p. 211-254.

LISPECTOR, C. Entrevista de Clarice Lispector a João Salgueiro, Affonso Romano de Sant'Anna e Marina Colasanti para o Museu da Imagem e do Som (Rio), em 20 de outubro de 1976. In: LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** Edição crítica Benedito Nunes. São Paulo: Scipione Cultural, 1997. p. 300-307.

LISPECTOR, C. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

OGDEN, T. H. **Esta arte da psicanálise**: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos. Porto Alegre: Artmed, 2010.

REVISTA BRAVO. Saramago por Saramago. **Revista Bravo**, São Paulo, 2013, p. 01-08.

SANT'ANNA, A. R. O ritual epifânico do texto. In: LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.** Edição crítica Benedito Nunes. São Paulo: Scipione Cultural, 1997. p. 249-259.

TELLES, L. F. **Histórias de mistério**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

Capítulo 7

PSICÓLOGO NA REABILITAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PSICOLÓGICA

Sandriely Tenório Feitosa de Assis

Charles Henrique Andrade de Oliveira

PSICÓLOGO NA REABILITAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PSICOLÓGICA

Sandriely Tenório Feitosa de Assis

*Discente do Curso de Bacharelado em Psicologia pela Universidade de Pernambuco – UPE
campus Garanhuns. e-mail: sandriely.assis@upe.br*

Charles Henrique Andrade de Oliveira

*Mestre em Saúde Mental pela Universidade de Pernambuco – UPE campus Garanhuns;
Especialização em Psicologia Clínica nas Instituições pela FAFIRE; Psicólogo clínico
atuante em Centro Especializado em Reabilitação – CER- IV e Clínica InterArco – Terapias
Integradas*

RESUMO: O presente artigo apresenta reflexões teóricas sobre a prática psicológica na reabilitação, apontando as contribuições da Psicologia e as limitações tanto da práxis quanto da busca de materiais científicos. Tem-se por objetivo compreender o papel da psicóloga e do psicólogo na reabilitação, refletindo sobre a prática desenvolvida neste campo e analisando a literatura científica. Utilizou-se a revisão sistemática como caminho metodológico, no qual, por meio da fase de exploração na Biblioteca Virtual de Saúde - Psicologia (BVS-Psi), obteve-se 697 resultados a partir da testagem com o uso de descritores: “Psicologia e Pessoa com deficiência” e “Atuação do psicólogo na reabilitação”. Desses resultados, foram utilizados para a próxima fase um total de 18 documentos. Após essa fase, parte-se para a etapa de refinamento: nesta fase se faz a leitura dos títulos, resumos, palavras-chave e descritores com a finalidade de analisar se reflete a Psicologia na reabilitação e se aponta a prática psicológica e/ou multiprofissional. Na etapa de descrição, faz-se necessário conhecer as informações contidas nos documentos, como a procedência institucional, área de conhecimento, ano de publicação, artigo ou periódico e localização geográfica. Como considerações finais, tem-se a discussão sobre a relevância deste artigo para a comunidade acadêmica e profissional devido a sua importância para a prática na reabilitação, sobretudo para o psicólogo e a psicóloga. Sejam estes recém formados ou não. Portanto, nota-se a contribuição para a escassa literatura sobre o tema e possibilita abertura para a inserção no campo de cuidado, além de ampliar espaços para o desenvolvimento de pesquisas e projetos de extensão. Dessa forma, pode-se perceber a construção da ponte do conhecimento para a sociedade e academia científica.

Palavras-chave: Psicologia. Reabilitação. Prática.

ABSTRACT: This article presents theoretical reflections on psychological practice in rehabilitation, pointing out the contributions of Psychology and the limitations of both

praxis and the search for scientific materials. The aim is to understand the role of psychologists and psychologists in rehabilitation, reflecting on the practice developed in this field and analyzing the scientific literature. The systematic review was used as a methodological path, in which, through the exploration phase in the Virtual Health Library – Psychology (BVS-Psi), 697 results were obtained from the testing using descriptors: “Psychology and Disabled person” and “The role of the psychologist in rehabilitation”. From these results, a total of 18 documents were used for the next phase. After this phase, it goes to the refinement stage: in this phase, titles, abstracts, keywords and descriptors are read in order to analyze whether it reflects Psychology in rehabilitation and whether it points to psychological and/or multidisciplinary practice. In the description step, it is necessary to know the information contained in the documents, such as institutional origin, area of knowledge, year of publication, article or journal and geographic location. As final considerations, there is a discussion about the relevance of this article for the academic and professional Community due to its importance for the practice of rehabilitation, especially for psychologists and psychologists. Whether these are newly graduates or not. Therefore, the contribution to the scarce literature on the subject is noted and allows for an opening for insertion in the field of care, in addition to expanding spaces for the development of research and extension projects. In this way, it is possible to see the construction of the bridge of knowledge to Society and scientific academy.

Keywords: Psychology. Rehabilitation. Practice.

INTRODUÇÃO

A Rede de Cuidados à pessoa com deficiência foi criada através da consolidação de portarias no Sistema Único de Saúde para integrar práticas de atenção à saúde. Dessa forma, tem-se a Portaria nº 793, de 24 abril de 2012, que prevê a abertura, a expansão e a integração de dispositivos de atenção à saúde da pessoa com deficiência em suas diversas caracterizações. No ano de 2013 o Ministério da Saúde publicou a Portaria nº 1.303, de 28 junho de 2013 que consolida requisitos mínimos para a ambientação da rede especializada de cuidados à pessoa com deficiência (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012; 2013). Tem-se também a Portaria de Consolidação nº 3/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, Anexo VI (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017), prevê que os CERs devem ser organizados a partir de três modalidades.

O Centro Especializado em Reabilitação (CER IV) realiza atendimentos à população por meio da divisão de setores de reabilitação, como auditiva, física, visual e intelectual. A reabilitação engloba aspectos de acessibilidade para as pessoas com deficiência a fim de torná-las capazes de participar da vida social, educacional, mercado de trabalho e melhoria da funcionalidade individual (OMS, 2012).

O tema proposto neste artigo foi citado por diversos autores como Araújo (2007) que aborda a discussão sobre aspectos importantes do trabalho da psicologia no campo da reabilitação. Venturini *et. al.* (2003) apresenta sobre o termo reabilitar e habilitar na saúde mental, questionando a prática do psicólogo na reabilitação. Seminério (1984) discute o papel do psicólogo na reabilitação, apontando as problemáticas da inserção das pessoas com cronicidade no mercado de trabalho.

Atualmente, Luiz, Dal Prá e Azevedo (2014) discorrem sobre a experiência de realizar uma intervenção para familiares, amigos e colaboradores de uma instituição que atende as pessoas com deficiência. Tada *et. al.* (2012) evidenciam sobre o desenvolvimento de uma intervenção com cinco pessoas com deficiências em situação asilar. Cilleros e Gómez (2016) apresentam a necessidade de formação dos profissionais da reabilitação e saúde.

Portanto, este artigo tem o objetivo de refletir a atuação do psicólogo na reabilitação. Faz-se importante realizar uma revisão sistemática para entender as limitações e possibilidades do trabalho de psicólogas e psicólogos e realizar uma pesquisa que mostre a assistência psicológica nestes serviços de saúde e possibilitar uma abertura para novas pesquisas, pois se percebe a escassa literatura. A seguir são apresentadas a fundamentação teórica, o método, destacando-se os procedimentos utilizados; a análise dos dados e, finalmente, as considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Existe uma distinção entre os processos habilitar/habilitação e reabilitação/reabilitar. De acordo com o Ministério da Saúde (2020), o termo habilitar refere-se a tornar hábil, no sentido de destreza ou autorização legal. Já o prefixo “re” advém do latim, que significa voltar atrás ou tornar ao que era. Propomos a reflexão sobre se há possibilidade de voltar ao que se era, pois percebemos que os processos de cuidado, ainda estão ligados à lógica de saúde/doença. Entretanto, a reabilitação no serviço de saúde lança-se como um desafio para a prática de acolhimento, cuidado e escuta pelo fato de habilitar o sujeito à nova realidade biopsicossocial (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

O CER e as Oficinas Ortopédicas são estabelecimentos voltados para ofertar serviços às pessoas com deficiência, pessoas com dores crônicas com casos de acidentes,

cirurgias, dentre outros. Segundo o Ministério da Saúde (2020, p.13), os serviços devem estar:

“[...] articulados entre si no Componente da Atenção Especializada em Reabilitação Auditiva, Física, Intelectual, Visual, Ostomia e em Múltiplas Deficiências, bem como, com os demais componentes da Rede de Atenção à Saúde”.

O trabalho no CER se dá através da articulação de uma equipe multiprofissional formada, em sua maioria, por médicos, fonoaudiólogos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, entre outros. Os serviços são: acolhimento, atendimentos individuais e grupais, visando atender de acordo com as necessidades dos pacientes, construir Projetos Terapêuticos Singulares, diagnosticar e avaliar, participar de reuniões e estudos científicos e de caso periodicamente, articular rede de apoio aos pacientes e seus familiares, entre outros serviços (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

É desafiante desenvolver o trabalho em equipe para melhor atender as necessidades dos pacientes e proporcionar a reabilitação, pois percebe-se a dificuldade de promover e habilitar os sujeitos a ter uma nova realidade biopsicossocial se notamos as limitações políticas, econômicas e sociais em colaborar nas construções e cumprimento dos direitos a acesso das pessoas com deficiência e outros pacientes que necessitam dos serviços de reabilitação. Outra reflexão diz respeito às segmentações existentes nas áreas de conhecimento e de saberes entre as equipes, apontando a desarmonia na comunicação e no trabalho. É preciso que a equipe integre os saberes e coopere no processo de proposições de novas práticas que tenham em vista o sujeito atendido (PITIÁ, 2013).

A Psicologia Clínica lança olhar para os atravessamentos sociais, históricos, culturais e políticos dos sujeitos, entendendo a importância da escuta, acolhimento e compreensão das demandas que os pacientes apresentam. Segundo Brasil (2009) propõe a noção de clínica ampliada, ou seja, uma clínica que busca integrar várias abordagens para possibilitar o manejo da complexidade do trabalho multiprofissional visando a não restrição de saúde-doença, mas um trabalho em saúde voltado a discussão sobre a fragmentação existente para que, dessa forma, possa ofertar serviços que escolham não só o diagnóstico, e sim, todos os contextos do paciente.

Diante disso, percebe-se, portanto, que a clínica ampliada fornece instrumentos importantes para a articulação com a equipe para pensar no acompanhamento dos usuários dos serviços “[...] tendo em vista o processo da desinstitucionalização do tratamento, cujo resgate da cidadania é de suma importância na atenção psicossocial e

descentraliza a noção do tratamento centrado no aspecto medicamentoso” (PITIÁ, 2013, p.78).

METODOLOGIA DA PESQUISA

Este artigo apresenta uma revisão sistemática reunindo documentos que tratam da contribuição da psicologia na rede de cuidados à pessoa com deficiência. Parte-se de uma perspectiva qualitativa de pesquisa, segundo Godoy (1995, p. 21), é:

“um fenômeno [que] pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. [...] Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. Partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode, no entanto, ser conduzido através de diferentes caminhos.

A estratégia metodológica adotada neste artigo foi a revisão sistemática, de acordo com Conforto, Amaral e Silva (2011, p. 1), “[...] é um método científico para busca e análise de artigos de uma determinada área da ciência.”. Segundo Oliveira *et. al.* (2015) a metassíntese pode ser caracterizada como um estudo metodológico que interpreta os resultados de pesquisas já realizadas sobre um dado conteúdo e/ou área (s) do (s) conhecimento (s) com o foco em um mesmo objeto de interesse. Esta estratégia torna abrangente o entendimento dos resultados, possibilitando interpretações amplas e a sistematização de fases como a exploração, refinamento, cruzamento, descrição e análise.

Esta estratégia metodológica utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado objeto de pesquisa e possui o objetivo de disponibilizar um resumo integrado das informações já produzidas (SAMPAIO; MANCINI, 2007). Estes mesmos autores afirmam que estudos sistemáticos de metanálise possuem a característica sobre a eficácia da evidência e estudos experimentais, entretanto, demonstrando sua importância para a pesquisa e a clínica. Neste artigo apresenta uma síntese de estudos que favorecessem a compreensão da atuação da psicóloga e do psicólogo na rede de atenção à pessoa com deficiência.

Após a definição do objeto de estudo e do percurso metodológico, adota-se as fases de exploração, refinamento e descrição. Dessa forma, a seguir apresentam-se os procedimentos utilizados na fase de exploração.

ANÁLISE DE DADOS

Exploração

A fase de exploração é compreendida como o primeiro acesso aos documentos. É uma etapa para explorar as produções já feitas pelo tema proposto neste artigo, visando coletar dados significativos. Ou seja, de acordo com Oliveira *et. al.* (2015) a fase de exploração diz respeito ao momento no qual o pesquisador acessa as fontes em busca dos documentos, utilizando ferramentas, como palavras-chave e descritores.

Para compor esta fase, foram utilizados os seguintes descritores: "Psicologia e Pessoa com deficiência" e "Atuação do psicólogo na reabilitação". Estes descritores foram selecionados por meio de uma testagem prévia para que se pudesse localizar os documentos no repositório. A base de dados usada foi a Biblioteca Virtual de Saúde - Psicologia (BVS-Psi), pois é um repositório que reúne artigos da área da saúde e psicologia, mostrando-se confiável e relevante para a pesquisa, contribuindo com conhecimentos para a sociedade, pesquisa e ensino. Nesta fase foram encontrados um total de 680 artigos, ilustrado a seguir:

Tabela 1 – Fase de exploração

Descritores	BVS-Psi
"Psicologia e Pessoa com deficiência"	666
"Atuação do psicólogo na reabilitação"	14

Fonte: BVS-Psi

Para compor esta tabela, foi trazido o resultado da pesquisa com o descritor "Psicologia e Pessoa com deficiência", um total de 666 documentos, e o descritor "Atuação do psicólogo na reabilitação" com o total de 14 materiais.

Refinamento

Esta fase faz-se necessário filtrar os resultados encontrados da busca ampla realizada na fase anterior, delimitando os artigos e periódicos de acordo com os procedimentos desejáveis para a pesquisa. Segundo Oliveira *et. al.* (2015), entende-se a fase do refinamento como o momento do tratamento dos dados, ou seja, a etapa em que se examina o conteúdo dos documentos catalogados, averigua de forma gradual e

criterosa a composição de uma amostra que se torne relevante, reduzindo a quantidade do volume e a qualidade dos documentos.

A partir da fase de exploração foi possível verificar os dados relevantes e que fazem jus a produção pretendida neste artigo. Dessa forma, foram lidos título, resumo e palavras-chave, verificando os artigos que tratam sobre o assunto proposto nesta pesquisa. Como critérios de inclusão, levou-se em consideração: se o resumo apresenta informações sobre a inserção do psicólogo e/ou da psicóloga na rede de cuidados à pessoa com deficiência; a presença dos descritores utilizados; artigos em português, inglês e espanhol. Os critérios de exclusão foram não aderir artigos que não apresentassem a atuação psicológica na reabilitação; a inserção da psicóloga e/ou do psicólogo na rede de cuidados à pessoa com deficiência; artigos que falavam de outros conteúdos e artigos não carregados no site.

A proposta desta fase é filtrar, por isso, fez-se necessário a leitura dos 680 documentos encontrados na etapa de exploração, selecionando aqueles que estavam de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. Dessa forma, restaram um total de 16 artigos. Abaixo tem a tabela 2 ilustrando o refinamento:

Tabela 2 – Fase de refinamento

Descritores	BVS-Psi
"Psicologia e Pessoa com deficiência"	15
"Atuação do psicólogo na reabilitação"	1

Fonte: BVS-Psi

Descrição

Nesta fase se busca conhecer as informações dos dados obtidos. De acordo com Oliveira *et. al.* (2015) esta fase objetiva conhecer a amostra por meio de informações que identificam o documento, como a área de conhecimento, procedência institucional, localização geográfica, revista ou periódico e ano de publicação. Nesta etapa exige um registro para os documentos, portanto, foi importante reunir artigos e periódicos numa planilha eletrônica, a qual detalha os descritores utilizados, quantidade do volume de documentos, título, autores, resumo e referência dos materiais.

Dessa forma, a seguir na tabela 3 apresenta-se o detalhamento das informações dos documentos, a fim de que haja melhor compreensão e visualização do conteúdo. Além de sintetizar e organizar as publicações.

Tabela 3 – Fase de descrição

Título		Localização	Ano de publicação	Área de conhecimento	Procedência institucional	Revista ou Periódico
Grupo de mães ouvintes de filhos surdos: relato de uma experiência de estágio	QUEVEDO, R. F.; DAMBRÓS, S.; SASSI, R..	Caxias do Sul / Brasil	2017	Psicologia	Revista Psicol. Estud. (Online).	Periódico
Potências e limites no cotidiano da formação acadêmica no cuidado à saúde da pessoa surda	BERNADO, L. A.; <i>ET AL.</i>	Santa Catarina - RS	2021	Saúde	Revista B. de Enfermagem	Revista
Apoio social de famílias de crianças traqueostomizadas	LEMOS, H. J. M.; MENDES-CASTILLO, A. M. C..	Campinas - SP	2019	Saúde	Revista Brasileira de Enfermagem	Revista

A reabilitação e reinserção social do doente mental em Cataluña, Espanha	CUADRA, M. A. R..	Ribeirão Preto -SP	2010	Psicologia	Periódicos Eletrônicos em Psicologia	Periódico
Intervenção com os pais e cuidadores enquanto estratégia de atendimento a pessoas com necessidades especiais	MARQUES, G. M. V.; <i>Et. AL.</i>	Rio de Janeiro - RJ	2018	Saúde	Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro	Revista
Possibilidades de inserção da psicologia no trabalho com os cuidadores de crianças com deficiência	MONTEIRO, A. C. L.; LOPES, C. P.; ARAÚJO, C. S. H..	São João del-Rei	2016	Psicologia	Periódicos Eletrônicos em Psicologia	Periódico
Escala de estágios de mudança de comportam	KUCHAR, J..	Bauru - SP	2017	Saúde	Universidade de São Paulo – Faculdade de	Periódico

ento em candidatos e usuários de aparelhos de amplificaçã o sonora individual (AASI)					Odontologi a de Bauru	
Intervençã o com famílias de pessoas com deficiência intelectual: análise da produção científica	ROOKE, M. I.; ALMEIDA, B. R.; MEJÍA, C. F..	Fortaleza - CE	2017	Psicologia	Universida de Federal de Juiz de Fora	Revista
Análisis cualitativo de tópicos vinculados a la calidad de vida em personas com discapacid ad	CILLEROS, M. V. M.; GÓMEZ, M. C. S..	Salamanca - Espanha	2016	Saúde	Universida de de Salamanca	Periódico
Intervençã o psicossocia l por meio de oficina de	DE LUIZ, G. M.; DAL PRÁ, R. M.; AZEVEDO, R. C..	São Paulo - SP	2014	Psicologia	Universida de Federal de Mato Grosso	Revista

dinâmica de grupo em uma instituição: relato de experiência						
Psicologia, sexualidade e deficiência: novas perspectivas em direitos humanos	GESSER, M.; NUERNBERG, A. H..	Florianópolis - SC	2014	Psicologia	Psicologia, ciência e profissão	Periódico
Intervenção psicológica com pessoas com deficiência em situação asilar	TADA, I. N. C.; <i>Et. AL.</i>	Rondônia	2012	Psicologia	Psicologia, ciência e profissão	Periódico
Preparação psicológica de pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos	COSTA JUNIOR, A. L.; <i>Et. AL.</i>	Campinas	2012	Psicologia	Estudos de Psicologia	Periódico

Implementación de un taller educativo para familiares de personas con accidente cerebro	VILLARRO EL, E. V.; <i>Et. Al.</i>	Chile	2007	Saúde	Revista Chilena de Terapia Ocupacional	Revista
O papel do serviço-escola de psicologia no atendimento ao deficiente visual	VILLELA, E. M. B..	Campinas	2008	Psicologia	Universidade Presbiteriana Mackenzie	Periódico
Atuação da psicologia inserida no programa de fonoterapia intensiva: um relato de experiência	MARTINS, J. G.; DUTKA, J. C. R.; TABAQUIM, M. L. M..	Londrina - SC	2019	Psicologia	Estudos Interdisciplinares em Psicologia	Periódico

Fonte: BVS-Psi

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises realizadas e dos resultados encontrados, pode-se verificar que o número baixo de publicações reforça a necessidade de mais estudos voltados para a

área, legitimando o papel da Psicologia como ciência, com trabalhos de investigação empíricas, metodologias consistentes, ampliando e divulgando trabalhos de intervenções eficientes, como troca de conhecimentos e experiências em diferentes setores (MACHADO; GURGEL; REPPOLD, 2017).

O papel do profissional de psicologia é muito importante, não apenas nas intervenções nos processos de reabilitação, mas como a atuação em uma equipe multiprofissional, esta surge na prática do cuidado integral em resposta à diversidade, à complexidade e ao dinamismo da vida contemporânea (RIOS; SOUSA; CAPUTO, 2019).

A compreensão da interdisciplinaridade, no entanto, não possui uma única concepção. Ela incorpora uma grande diversidade de configurações quando se considera suas distintas finalidades: como troca de saberes entre campos disciplinares distintos, como campo teórico para questionar a fragmentação disciplinar do saber nas instituições, como forma alternativa ao desenvolvimento de pesquisa e tecnologia, ou como ferramenta à formação de profissionais com visão ampla a fim de desenvolver atuação em equipe (RIOS; SOUSA; CAPUTO, 2019, p. 03).

Podemos afirmar que a diversidade de trabalhos científicos que se debrucem ao cuidado integral com pessoas com algum tipo de deficiência, em diferentes setores, em especial o setor de psicologia, abrangem as perspectivas de um trabalho em equipe não com a justaposição de saberes, e sim uma atuação mútua na diversidade de vários olhares com um objetivo comum: o cuidado integral do sujeito (RIOS; SOUSA; CAPUTO, 2019).

Os centros especializados em reabilitação partem, tradicionalmente, de uma visão biomédica que orienta as intervenções terapêuticas, permanecendo engessadas em atuações presas a diagnósticos e/ou protocolos e procedimentos, ignorando as demandas de conscientização e sensibilização do indivíduo que se encontra nessa situação da saúde e/ou doença. A visão do sujeito implicado nesse corpo marcado, tem em si uma constituição simbólica, vivenciados por diferentes processos de subjetivação (ESTEVES *et al.*, 2016). O profissional de psicologia pode e deve ser o membro da equipe a ampliar o olhar dos outros profissionais para esse processo.

Aumentar estudos que envolvam os processos de trabalho, pesquisa e compartilhamento de experiências, são importantes no que tange às possibilidades de modos de atuação no âmbito da reabilitação. Portanto, o psicólogo pode facilitar a comunicação entre as partes envolvidas em uma equipe multiprofissional, alertando para os processos de subjetivação envolvidos. E também incentivar o maior protagonismo para os usuários e/ou familiares e a troca de saberes entre profissionais diferentes, aumentando as atuações integradas, o que implica uma visão ampliada das intervenções,

repensando as ações em um cuidado integral, assim como revisão de procedimentos e protocolos adotados (ARAÚJO, 2007).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. C. C. F. **Psicologia da reabilitação: pesquisa aplicada à intervenção hospitalar**. Revista SBPH, v. 10, n. 2, Rio de Janeiro, dez., 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Clínica Ampliada e Compartilhada**. Secretaria de Atenção à Saúde, Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS, Brasília – DF, 68 p., 2009.

CILLEROS, M. V. M.; GÓMEZ, M. C. S. **Análisis cualitativo de tópicos vinculados a la calidad de vida en personas con discapacidad**. Ciênc. saúde coletiva, v.21, n.8, p. 2365-2374, ago. 2016. graf. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2016.v21n8/2365-2374/>>. Acesso em: 14 de novembro de 2021.

CONFORTO, E. C.; AMARAL, D. C.; SILVA, S. L. **Roteiro para revisão sistemática: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos**. 8º Congresso Brasileiro de gestão de desenvolvimento de produto, Porto Alegre, 12 p. 2011.

ESTEVES, C. O., ET. AL.. (2016) **A rede de cuidados à saúde da pessoa com deficiência: um caminhar para além do instituído**. In Feuerwerker, L. C., Bertussi, D. C. e Merhy, E. E. (orgs.) *Avaliação compartilhada do cuidado em saúde: surpreendendo o instituído nas redes* - 1. ed. - Rio de Janeiro: Hexis. Políticas e cuidados em saúde; Vol. 02)

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

LUIZ, G. M.; DAL PRÁ, R. M.; AZEVEDO, R. C. **Intervenção psicossocial por meio de oficina de dinâmica de grupo em uma instituição: relato de experiência**. Psicol. rev., v.23, n.2, p. 245-260, nov. 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/22770/16502>>. Acesso em: 14 de novembro de 2021.

MACHADO, F. A.; GURGEL, L. G.; REPPOLD, C.T. **Intervenções em Psicologia Positiva na reabilitação de adultos e idosos: revisão da literatura**. Estudos de Psicologia. Campinas, 34(1), 119-130, Jan - Mar (2017) <https://doi.org/10.1590/1982-02752017000100012>

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria nº 793, de 24 de abril de 2012**. Gabinete do Ministro. 2012. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt0793_24_04_2012.html>. Acesso em: 27 de outubro de 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria nº 1.303, de 28 junho de 2013**. Gabinete do Ministro. 2013. Disponível em:

<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt1303_28_06_2013.html>.
Acesso em: 27 de outubro de 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria de Consolidação nº3/GM/MS, de 28 de setembro de 2017**, Anexo VI. Gabinete do Ministro. 2017. Disponível em
<https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prc0003_03_10_2017.html#ANEXO1ANEXOVI>. Acesso em: 06 de setembro de 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência no âmbito do SUS – **Instrutivo de Reabilitação Auditiva, Física, Intelectual e Visual. Centros Especializados em Reabilitação e Oficinas Ortopédicas**, p.1-124, versão 3.0, Brasil, agosto, 2020. Disponível em:
<<https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2020/August/10/Instrutivo-de-Reabilitacao-Rede-PCD-10-08-2020.pdf>>. Acesso em: 04 de setembro de 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre a deficiência / World Health Organization, The World Bank**, tradução Lexicus Serviços Lingüísticos, São Paulo, SEDPCD, 2012. Disponível em:
<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020_por.pdf> . Acesso em: 05 de setembro de 2021.

OLIVEIRA, A. A. S. *et. al.* **Metassíntese: Apontamentos para sistematização de revisões amplas e crítica interna à produção científica**. Investigação Qualitativa em Saúde, Maceió - AL, Atas CIAIQ, v. 1, p. 147-152, 2015.

PITIÁ, A. C. A. Acompanhamento Terapêutico e ação interdisciplinar na atenção psicossocial. Ribeirão Preto – SP, **Psicologia e Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 73-81, 2013.

RIOS, D. R. S.; SOUSA, D. A. B.; CAPUTO, M. C. **Diálogos interprofissionais e interdisciplinares na prática extensionista: o caminho para a inserção do conceito ampliado de saúde na formação acadêmica**. Interface (Botucatu). 2019; 23: e180080
<https://doi.org/10.1590/Interface.180080>

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, C. M. **Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica**. Revista Brasileira de Fisioterapia, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/rbfis/a/79nG9Vk3syHhnSgY7VsB6jG/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 17 de dezembro de 2021.

SEMINÉRIO, F. L P. **Atuação do psicólogo em reabilitação**. Arq. bras. psic., v. 36, n. 3, p. 156-161, Rio de Janeiro, jul./set., 1984.

TADA, Iracema Neno Cecilio; *et. al.* **Intervenção Psicológica com pessoas com deficiência em situação asilar**. Psicol. ciênc. prof., v. 32, n. 3, p.744-753, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/SpsXXKS3MypyzCHgrx8MnKM/?format=pdf&lang=pt>> . Acesso em: 15 de novembro de 2021.

VENTURINI, E.; *et. al.* **Habilitar-se em saúde mental: observações críticas ao conceito de reabilitação**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 55, n. 1, p. 56-63, 2003.

Capítulo 8

PSYCHONETRICS: MODELAGEM DE EQUAÇÕES ESTRUTURAIS COMPLEMENTADA POR ANÁLISE DE REDES

Alessandro Vieira dos Reis

Sacha Epskamp

PSYCHONETRICS: MODELAGEM DE EQUAÇÕES ESTRUTURAIS COMPLEMENTADA POR ANÁLISE DE REDES

Alessandro Vieira dos Reis

Bacharel em Psicologia pela UFSC. Psicometrista e cientista de dados.

E-mail: alessandrovr@gmail.com

Prof. Dr. Sacha Epskamp

Pesquisador em Psicometria na Universidade de Amsterdã.

E-mail: mail@sachaepskamp.com

RESUMO: A Análise de Redes vem se firmando como abordagem em Psicometria ao trazer consigo um entendimento sobre o fenômeno psicológico independente de variáveis latentes, bem como novos métodos analíticos. Dentre esses, destaca-se a Modelagem de Equações Estruturais complementada por modelos de redes. Contudo, apesar das vantagens que vem demonstrando, tal método ainda é pouco difundido na comunidade de Psicometria. Diante disso, este capítulo tem por objetivo introduzir ao leitor o pacote de R chamado Psychonetrics, que realiza Modelagem de Equações Estruturais enriquecida com Análise de Redes. Para cumprir esse objetivo foi realizada uma pesquisa documental sobre o pacote Psychonetrics, e uma pesquisa bibliográfica em cinco bases de dados (CAPES, BVS, APA, Semantic Scholar e Google Scholar). Constam como resultados: a) um tutorial de uso do Psychonetrics; b) uma revisão de como o pacote vem sendo utilizado em pesquisas; c) considerações sobre como a Análise de Redes pode complementar a Modelagem de Equações Estruturais.

PALAVRAS-CHAVE: Psicometria; Análise de Redes; Modelagem de Equações Estruturais; Psychonetrics.

ABSTRACT: Network Analysis has established itself as an approach in Psychometry, bringing with it an understanding of the psychological phenomenon independent of latent variables, as well as new analytical methods. Among these, the Structural Equation Modeling complemented by network models stands out. However, despite the advantages it has shown, this method is still not widespread among psychometrists. Therefore, this chapter aims to introduce the reader to the R package called Psychonetrics, developed for Structural Equation Modeling enriched with Network Analysis. To accomplish this objective, a documental research on the Psychonetrics package was carried out, and a bibliographical research in five databases (CAPES, BVS, APA, Semantic Scholar and Google Scholar). The results include: a) a tutorial on the use of Psychonetrics; b) a review of how the package has been used in research in Psychology; c) considerations on how Network Analysis can complement Structural Equation Modeling.

KEYWORDS: Psychometry; Network Analysis; Structural Equation Modeling; Psychonetrics.

INTRODUÇÃO

A Psicometria envolve a teoria e os métodos de medição do fenômeno psicológico (ANUNCIAÇÃO, 2018), dedicando-se à criação e a adaptação de instrumentos para mensurar variadas propriedades do comportamento humano (PRIMI, 2018). Para tal, depende do uso de modelos estatísticos para estabelecer relações entre comportamentos observáveis e “construtos psicológicos”, isto é, fatores via de regra não-observáveis diretamente, tais como atitudes, estados emocionais, habilidades intelectuais, sintomas, etc (BORSBOOM; MOLENAAR, 2015). Para o psicometrista é central explorar quantitativamente como esses dois grupos de variáveis se relacionam, de modo que essa questão pode ser vista como definidora de diferentes abordagens existentes no campo da Psicometria. Dentre tais abordagens, observa-se a Análise de Redes, que oferece uma resposta peculiar à questão da relação entre variáveis observáveis e não-observáveis no fenômeno psicológico. Trata-se do entendimento sendo o qual o fenômeno psicológico não é uma expressão de variáveis latentes, mas resultado de interações entre variáveis observáveis (BORSBOOM et al, 2021). Em outras palavras, uma Análise de Redes em Psicometria entende, por exemplo, que a natureza de uma patologia como a depressão pode ser entendida como resultante da interação de sintomas e outros eventos (CRAMER et al, 2010); e que a forma intrincada como o emaranhado de sintomas de Transtorno do Estresse Pós-Traumático se retroalimentam pode explicar a evolução da patologia (ISVORANU; EPSKAMP, CHEUNG, 2021)..

Outra característica definidora da Análise de Redes encontra-se no uso de Mecânica Estatística na criação de modelos analíticos (CRUZ, REIS, CARLOTTO, 2021). Modelagem essa possibilitada por recursos tecnológicos como a linguagem R e o software JASP (REIS, 2021). Dentre os modelos inaugurados pela Análise de Rede encontra-se, por exemplo, a Análise Gráfica Exploratória, disponível no pacote de R chamado “EGANet” (GOLINO; EPSKAMP et al, 2017a). Esta equivale à Análise Fatorial Exploratória da Psicometria tradicional, mas feita com modelos de redes fundamentados em Mecânica Estatística.

A Análise de Redes encontra-se pouco difundida na comunidade de psicometristas brasileiros. E seus métodos analíticos demandam conhecimento intermediário na linguagem de programação R. Tais competências pouco exploradas pela comunidade Psicometria no Brasil são fundamentais para a atualização técnico-científica de

psicometristas. Diante de tal problemática, este capítulo tem por objetivo introduzir a Análise de Redes por meio do estudo do pacote *Psychonetrics*, que integra a Modelagem de Equações Estruturais (MEE) à Análise de Redes. Para cumprir tal objetivo foram adotados os seguintes procedimentos adotados: uma pesquisa documental de fontes primárias dos criadores do *Psychonetrics*, visando a compreensão do pacote; e uma pesquisa bibliográfica em busca de artigos científicos que tenham empregado o *Psychonetrics*, a fim de delimitar como tem se dado seu uso em Psicometria.

Espera-se, com este capítulo, contribuir com a formação em Psicometria do leitor e incentivar a inovação técnico-científica em Psicologia. O capítulo foi estruturado da seguinte maneira: na seção 1, fala-se da Análise de Redes em Psicometria, delimitando sua origem e focando no pacote *Psychonetrics*; a seção 2 expõe os procedimentos metodológicos adotados; a seção 3 apresenta os resultados da pesquisa documental e da pesquisa bibliográfica, e os discute à luz das referências teóricas; o capítulo conclui-se com as Considerações Finais na seção 4.

Este capítulo restringe-se a apresentar o pacote *Psychonetrics*, não fazendo parte do escopo do capítulo um tutorial completo sobre programação em R.

1 - ANÁLISE DE REDES EM PSICOMETRIA

A Análise de Redes propõem as “redes psicológicas” como modelo explicativo para o fenômeno psicológico (EPSKAMP; BORSBOOM, FRIED, 2017). Tais redes são formadas por interações entre variáveis observáveis e podem identificar construtos psicológicos, ou mesmo oferecer uma versão alternativa a eles (MARSMAN et al, 2018). A abordagem surgiu a partir de um *insight* teórico de van der Maas, Dolan e Grasman (2006), que considerou que psicopatologias como a depressão poderiam ser entendidas como propriedades emergentes de redes de sintomas em interação (CRUZ, REIS, CARLOTTO, 2021). Assim, pela perspectiva das redes psicológicas, o que origina e desenvolve patologias, por exemplo, seria a interação dos sintomas entre si e com outros eventos observáveis, e não variáveis latentes ou construtos psicológicos inobserváveis.

Segundo Giuntoli e Vidotto (2020), a Análise de Redes tem por vantagem ser mais baseada em dados coletados de variáveis observáveis, e menos baseada em teorias. Em outras palavras, em Análise de Redes a busca da compreensão do fenômeno psicológico

parte mais de dados empíricos, e modelagem matemática sobre eles, do que de especulações metapsicológicas.

1.1 - MÉTODOS ANALÍTICOS E PROGRAMAÇÃO

Os métodos analíticos em Análise de Rede começam a surgir a partir da segunda metade da década de 2010, com “a evolução da informática e a disponibilização de novos recursos em programas estatísticos” (LEME et al., 2020, p. 44). Tais métodos encontram-se disponibilizados por seus autores sobretudo na linguagem R de programação, estando disponíveis gratuitamente no repositório da comunidade. A linguagem R foi criada em 1991, no departamento de Estatística da Universidade de Auckland, tendo sua primeira versão pública em 1993 (THE R FOUNDATION, 2019). Tem por propósito atuar na análise de dados, oferecendo ainda recursos de criação de gráficos e interfaces para facilitar a codificação, tais como o ambiente integrado de desenvolvimento RStudio (RSTUDIO, 2019).

A linguagem R conta com uma comunidade numerosa de desenvolvedores e usuários que colaboram para a constante evolução do projeto em um ecossistema pautado pela filosofia *Open Science* (REIS, 2021). Pesquisadores que inventam novas funções de R disponibilizam “pacotes”, que consistem em conjuntos de funções criadas em contexto de pesquisa para resolução de problemas especializados. Todos os pacotes podem ser adquiridos gratuitamente no CRAN, sigla de *Comprehensive R Archive Network* (THE R FOUNDATION, 2019).

1.2 - O PACOTE *PSYCHONETRICS*

Reis (2021) aponta a existência de um setor do CRAN dedicado à Psicometria, que contém os pacotes relacionados à Análise de Redes (MAIR, 2021). Dentre esses pacotes, encontra-se o *Psychonetrics*. O desenvolvimento do pacote *Psychonetrics* começou em fevereiro de 2019, e a primeira versão foi lançada em junho daquele ano no CRAN. Uma segunda versão foi lançada no dia 25 de outubro de 2021. A versão 1.0 do pacote encontra-se, durante a redação deste capítulo, em desenvolvimento e deve ser lançada em 2022.

O conceito de um pacote R que combina MEE com modelagem de redes foi concebido pela primeira vez no trabalho de Epskamp et al. (2017b), que foi publicado juntamente com o agora obsoleto pacote R *lvnet* (EPSKAMP, 2019b), e o trabalho de Kan

et al. (2019). Em ambos os trabalhos, além do *lvnet*, foi utilizado o pacote R *OpenMx* (BOKER et al., 2014) para estimação dos parâmetros. O pacote *Psychonetrics* (EPSKAMP, 2020b) foi originalmente desenvolvido como uma implementação e extensão completa desses métodos - substituindo o pacote *lvnet* e sem depender do *OpenMx* para estimativa de parâmetros - e posteriormente estendido para incluir mais estruturas de modelagem do que originalmente disponíveis em *lvnet* ou outros pacotes SEM, como modelos para dados longitudinais, modelagem de rede meta-analítica e o modelo Ising.

O pacote depende fortemente da função-base R “*nlminb*” para estimativa de parâmetros; e do pacote “*Rcpp*” (EDDELBUETTEL; FRANÇOIS, 2011) para aceleração computacional. Além disso, embora não seja utilizado diretamente no pacote, o código-fonte aberto do pacote “*lavaan*” (ROSSEEL, 2012) foi fundamental no desenvolvimento do pacote *Psychonetrics*.

1.2.1 - MODELAGEM DE EQUAÇÕES ESTRUTURAIS

Segundo Thakkar (2020, p. 11), a MEE tem por objetivo “ajudar o pesquisador a realizar uma análise exploratória em profundidade e com a necessária eficiência estatística”³. Ainda segundo Thakkar, ela proporciona “investigar os construtos que emergem de conjuntos de variáveis, e as relações entre esses construtos”⁴. A MEE consiste em

“uma técnica de modelagem estatística multivariada de caráter geral, que é amplamente utilizada nas Ciências Humanas e Sociais. Pode ser vista como uma combinação de análise fatorial e regressão (ou a ampliação dessas para a análise de trajetórias ou caminhos)” (NEVES, 2018, p. 7).

Os modelos estatísticos resultantes da MEE descrevem, na forma de diagramas, as relações entre variáveis observáveis e construtos teóricos, de modo a que a estrutura de covariância entre as variáveis observáveis seja satisfatoriamente explicada pelos construtos. Dessa forma, esses modelos “provêm uma oportunidade única de investigar

³ No original em inglês: “*help the researcher for an in-depth explanatory analysis with a required statistical efficiency*”

⁴ No original em inglês: “*investigating the constructs emerging out of sets of variables and the relationships among these constructs*”.

múltiplas hipóteses enquanto simultaneamente provê controle de erros”⁵. (SHAYGAN et al, 2021, p. 3). Matematicamente, essas relações são obtidas por coeficientes de regressão ou coeficientes de trajetória entre variáveis observadas e/ou latentes.

1.2.2 - VANTAGENS DO PSYCHONETRICS

No que diz respeito à MEE e à Análise de Redes, Epskamp aponta que cada abordagem tem seus pontos fracos e pontos fortes (EPSKAMP, 2020a). Por exemplo, o autor comenta como a MEE tem por vantagens um melhor tratamento das medidas de erros, possuir índices de ajuste, teste de significância de parâmetros, modelos para multi-grupo, bom tratamento de *missing data*, etc; mas possui por desvantagem uma limitada busca exploratória. Já a Análise de Rede possibilita uma forte busca exploratória por estruturas, mas é carente de índices de ajuste, tem um pobre tratamento de *missing data*, uma limitada comparação entre grupos, etc.

Visando integrar os pontos fortes de cada abordagem, eliminando os pontos fracos, Epskamp desenvolveu o *Psychonetrics* de modo a combinar ambas em uma solução superior. O pacote se mostra especialmente útil para explorar as variáveis da rede mesmo na ausência de uma compreensão teórica prévia sobre ela. O que possibilita, por exemplo, realizar uma análise pré-teórica dos itens de um teste. O uso do *Psychonetrics* possibilita não apenas uma busca exploratória pré-teórica em uma rede, mas também a execução de testes confirmatórios, comparando resultados de diferentes modelos.

Outra vantagem do *Psychonetrics* consiste em trazer o tratamento de erros de medida das variáveis latentes a MEE para o domínio das redes, superando assim os resultados obtidos pelo pacote *Lavaan*, que considera as variáveis latentes sem esses índices.

2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa realizada para este capítulo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, estando mais interessada tanto em descrições quanto em interpretações (PINTO; CAMPOS; SIQUEIRA, 2018). De natureza aplicada, a pesquisa buscou apresentar

⁵ No original em inglês: “provided a unique opportunity to investigate multiple hypotheses while simultaneously controlling for error”.

um instrumento metodológico, isto é, o pacote *Psychonetrics*, para incentivar seu uso no público interessado em Psicometria (GIL, 2002). Portanto, tendo um objetivo descritivo-explicativo (MARCONI; LAKATOS, 2017). Pelas características da pesquisa e seus objetivos, foram adotados dois procedimentos metodológicos: a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica. Ainda segundo Marconi e Lakatos (2017), o primeiro procedimento consiste na busca de documentos publicados de fonte primária e de naturezas variadas; e o segundo, por publicações acadêmicas, tais como artigos científicos.

A pesquisa documental se deu via sistema de busca do Google e teve por objetivo identificar fontes primárias que citassem o pacote *Psychonetrics*. A pesquisa bibliográfica fez uso de cinco bases de dados para identificar artigos publicados em periódicos com *peer review*: CAPES, APA, BVS, Google Scholar e Semantic Scholar. Ambas as pesquisas se deram entre 7 e 8 de janeiro de 2022 fazendo uso do mesmo algoritmo: “*network analysis*” + *psychonetrics* + “*R package*”.

3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 - DOCUMENTOS E PUBLICAÇÕES IDENTIFICADOS

A pesquisa documental levantou como materiais:

- a documentação técnica do *Psychonetrics* disponível no CRAN (EPSKAMP, 2018b);
- o site oficial do pacote *Psychonetrics* (EPSKAMP, 2020b);
- o site do autor do pacote, Prof. Sacha Epskamp (EPSKAMP, 2018a);
- o canal no YouTube onde o Prof. Sacha Epskamp publicou vídeos sobre o *Psychonetrics* (EPSKAMP, 2020a);
- a conta do pesquisador no GitHub com amostras de código (EPSKAMP, 2018b).

Já a pesquisa bibliográfica levantou 15 publicações, conforme o Quadro 1:

Quadro 1 - Resultados da pesquisa bibliográfica.

Base de dados	Número de artigos
Google Scholar	17
CAPES	6

Semantic Scholar	4
BVS	1
APA	0
Total de artigos não repetidos.	15

Fonte: o autor.

Todos os materiais foram coletados e estudados para fundamentação deste capítulo, sendo os resultados apresentados e discutidos nas seções a seguir.

3.2 - COMO FUNCIONA O PSYCHONETRICS

Segundo Epskamp (2020a), a rotina de uso do *Psychonetrics* conta com seis passos:

- 1. Carregar o pacote** - E, caso necessário, demais pacotes necessários para a análise em questão. Via de regra, o pacote *dplyr*, desenvolvido para manipulação de bases de dados como objetos, é carregado;
- 2. Criar um modelo para estimar a rede** - Esse passo tem por pré-requisito o conhecimento teórico a respeito dos modelos de redes existentes. Por exemplo, o modelo gráfico gaussiano para diferentes tipos de dados é tratado por Epskamp et al (2018) e o modelo de Ising na Psicometria é descrito em Epskamp (2018c).

Existem três níveis para os modelos no pacote *Psychonetrics*:

- Família de distribuição – atualmente apenas a distribuição Ising (modelo Ising()) e a distribuição Gaussiana (todos os outros modelos);
- Famílias de modelos – Estes são os principais modelos que usam uma família de distribuição e especificam o modelo usando matrizes de variância-covariância marginal. Exemplos são *varcov* (simplesmente uma matriz de covariância de variância única), *lvm* (modelo de variável latente, simplesmente o modelo SEM), *dlvm1* (modelo dinâmico de variável latente lag-1), etc. Isso permite especificar que a modelagem de qualquer uma das matrizes de variância-covariância como algum outro modelo (principalmente um GGM, decomposição de Cholesky, matriz de precisão ou matriz de correlação);

● Embalagens de conveniência – Cada família de modelos possui algumas embalagens de conveniência que facilitam seu uso. Por exemplo, a função `ggm(...)` é simplesmente um wrapper que define `varcov(..., omega = "ggm")`. Após selecionar, por razões teóricas, o tipo de modelo desejado a criação do modelo se dá pela execução de uma função que assume os seguintes argumentos:

- Modelo selecionado - Como visto, há vários modelos disponíveis em funções do pacote (Ising model; matriz de variância-covariância; modelo de variáveis latentes; modelo multinível de variáveis latentes; modelo de variáveis latentes para séries temporais; modelo de variáveis latentes para dados transversais; etc);
- Estimadores - Alternativas: *maximum likelihood, full-information maximum likelihood, unweighted least squares, diagonally weighted least squares, weighted least squares*;
- Detalhes estatísticos sobre a base de dados - Este argumento é opcional, sendo empregados quando estatísticas de resumo são usadas como entrada. São eles: *Covs* (uma amostra de matriz de variância-covariância), *Means* (um vetor com amostras de médias), *Nobs* (número de observações feitas em *Covs* e/ou *Means*), etc;
- Multigrupo - É possível usar um modelo multigrupo, especificando os nomes deles;
- Missing - Especifica como os dados faltantes devem ser tratados.

OBS: O *Psychonetrics* ainda possui técnicas de busca automatizada por modelos. Isto é, possibilita a estimação de redes psicológicas sem uma configuração precisa do passo 2, com todos os argumentos citados. As principais técnicas de exploração automatizada em busca de modelos são:

- *prune* (elimina parâmetros irrelevantes e reajusta o modelo);
- *stepup* (adiciona parâmetros com alto ajuste até o critério BIC ser cumprido);
- *modelsearch* (adiciona ou elimina parâmetros baseado em significância dos mesmos até o critério BIC ser otimizado).

3. Executar o modelo;

4. **Inspecionar o resultado** - Recursos disponíveis: gráfico resultante; documento de markdown; *Print*: resumo dos resultados; *Fit*: medidas de ajuste; *MLs*: principais índices de modificação; *Parameters*: estimadores de parâmetros; *getmatrix*: obtém um dos modelos de matrizes; *getVCOV*: Obtém a matriz com o parâmetro variância-covariância);
5. **Mudar o modelo** (se necessário) - O pacote permite corrigir o modelo com funções como: *fixar*: corrige um parâmetro para um valor; *freepar*: estabelece um parâmetro livre para estimar; *parequal*: estabelece restrições de igualdade; *groupfree*: estabelece um parâmetro igual dentre grupos; etc);
6. **Comparar modelos** (se desejado) - Para fins de teste confirmatório, o pacote permite comparar dois ou mais modelos por meio de seus índices. Isso possibilita a avaliação seletiva de modelos sobre os dados.

Os seis passos do uso do *Psychonetrics* podem assumir um elevado número de funções e parâmetros, satisfatoriamente detalhados na documentação técnica do pacote no CRAN (EPSKAMP, 2018b). A seleção das funções e parâmetros depende de cada análise particular.

O Quadro 2 apresenta um exemplo de código em R utilizando o *Psychonetrics* para tratar a base de dados “Star Wars”, que acompanha o pacote:

Quadro 2 - Exemplo de código.

Etapa da rotina	Linhas de código
1 - Carregar os pacotes necessários	# Aciona o pacote Psychonetrics e o dplyr library("psychonetrics") library("dplyr")
2 - Criar um modelo para estimar a rede	# Preparação dos dados data("StarWars") obsvars <- c("Q1", "Q2", "Q3", "Q4", "Q5", "Q6", "Q7", "Q8", "Q9", "Q10") # Estimar um Gaussian Graph Model com a base de dados Star Wars ggm1 <- ggm(StarWars, vars = obsvars)
3 - Executar o modelo	# Executa o modelo selecionado ggm1 <- ggm1 %>% runmodel
4 - Inspecionar o modelo	# Checar parâmetros ggm1 %>% parameters # Checar índices de modificação ggm1 %>% MLs # Checar todos os índices de ajuste ggm1 %>% fit
5 - Mudar o modelo	# Extirpar vértices não-significantes

	<pre>ggm1 <- ggm1 %>% prune(adjust = "fdr", alpha = 0.01)</pre>
Retorno ao passo 4	<pre># Obter a rede: net1 <- getmatrix(ggm1, "omega") # Gerar o gráfico da rede: qgraph(net1, layout = "spring", theme = "colorblind", labels = obsvars)</pre>
6 - Comparar modelos	Não se aplica a esta análise. Mas em outra seria possível, por exemplo, assumir a rede formada pelo modelo <i>ggm1</i> como “modelo 1” e ajustar uma estrutura obtida usando <i>ggmModSelect</i> ou <i>modelsearch</i> em um conjunto de dados como “modelo 2”. Para comparar os resultados, o código teria a seguinte sintaxe: <pre># Compara índices do modelo 1 com os do modelo 2 compare(modelo1, modelo2)</pre>

Fonte: o autor, baseado em Epskamp (2020b).

O Quadro 2 apresenta apenas um exemplo. As funções do *Psychonetrics* devem ser selecionadas conforme as necessidades de cada análise. E ainda, toda análise faz uso obrigatório dos passos de 1 a 4, mas não necessariamente dos passos 5 e 6.

3.3 - USOS DO PSYCHONETRICS

A pesquisa bibliográfica identificou 15 pesquisas que fizeram uso do pacote *Psychonetrics*. Conforme o Quadro 3:

Quadro 3 - Usos do *Psychonetrics*.

Artigo	Uso do <i>Psychonetrics</i>
(Kan et al, 2020).	Reanálise de bases de dados sobre a Escala Weschler de Inteligência. Objetivou-se comparar modelos estatísticos para determinação de fatores de inteligência.
(Epskamp, 2020c).	Considerações sobre o funcionamento do <i>Psychonetrics</i> para dados longitudinais e de séries temporais.
(Lai e Huang, 2020).	Investiga fatores que determinam a aceitação do uso de máscaras durante a pandemia de COVID-19.
(Betz et al, 2020).	Busca compreender a evolução clínica da psicose baseando-se em eventos recentes do histórico do paciente, de modo a estabelecer uma rede psicológica de sintomas.

(Schumacher et al, 2020).	Analisa como sintomas relacionados a traumas em refugiados formam redes psicológicas que explicam a evolução do quadro clínico.
(Kaiser et al, 2021).	Identifica “sintomas-ponte” entre Ansiedade e Depressão. Isto é, que sintomas de Ansiedade, uma vez agravados, instauram Depressão, ou vice-versa.
(Epskamp, Isvoranu e Cheung, 2021).	Expõe um modelo avançado de análise de redes, o meta-analytic Gaussian network aggregation, a partir de uma base de dados sobre transtorno do estresse pós-traumático em militares.
(Isvoranu, Epskamp e Cheung, 2021).	Meta-análise de pesquisas sobre Análise de Redes aplicada a Transtorno do Estresse Pós-Traumático. O pacote <i>Psychonetrics</i> é comparado a outros.
(Isvoranu e Epskamp, 2021).	Tutorial que descreve como selecionar modelos de estimação ao usar o pacote <i>Psychonetrics</i> .
(Jordan, Wiener e Salem, 2021).	Revisão de literatura sobre Análise de Redes na área Clínica. Tece análises dos seguintes pacotes de R para esse fim: graphicalVAR, mlVAR, gimme, SparseTSCGM, mgm e <i>psychonetrics</i> ; além do módulo de MEE do Mplus.
(Golino et al, 2021).	Investiga construtos psicológicos que podem explicar a capacidade de concentração e de empatia em crianças.
(Johal e Remthulla, 2021).	Compara diferentes pacotes de R na tarefa de usar dados ordinais em Análise de Redes.
(Speyer et al, 2021).	Investiga como as mudanças afetivas no desenvolvimento infantil estão conectadas a fatores sócio-econômicos.
(Burger et al, 2021).	Expõe como reportar dados transversais em Análises de Redes.
(Black, Panayiotou, Humphrey, 2021).	Investiga construtos psicológicos que explicariam o bem-estar e a saúde mental.

Fonte: o autor.

Conforme exposto no Quadro 3, pesquisas envolvendo diversas temáticas já foram realizadas com o *Psychonetrics*: de estudos sobre inteligência à bem-estar mental, passando por diferentes transtornos como Ansiedade, Depressão, Esquizofrenia e Estresse Pós-Traumático. Além da variedade temática, observa-se também que diferentes tipos de dados foram empregados nas pesquisas: dados transversais, séries temporais, dados longitudinais, dados ordinais, etc.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Análise de Redes em Psicometria encontra-se em expansão, que depende da contínua evolução de seus modelos analíticos, bem como de seu instrumental. Em especial, de pacotes de R, como o *Psychonetrics*. A atualização dos psicometristas no que

diz respeito à Análise de Redes, bem como de outras abordagens e técnicas em Psicometria, depende portanto do domínio de programação de computadores suficiente para uso do R. O que demonstra a necessidade de competências em desenvolvimento de software na formação de pesquisadores em Psicologia. O presente capítulo procurou incentivar esse aprendizado oferecendo uma introdução e tutorial sobre o pacote *Psychonetrics*.

Diante disso, o capítulo cumpriu seu objetivo de pesquisa, uma vez que ofereceu uma breve introdução à Análise de Redes por meio do estudo do pacote *Psychonetrics*. A história, funcionamento e usos do pacote foram descritos, de modo a orientar os estudos de psicometristas que já possuam algum conhecimento em R. Enquanto autocrítica metodológica, o capítulo poderia ter oferecido uma introdução à linguagem R, bem como mais exemplos de códigos para análise no *Psychonetrics*. Ações que foram descartadas por questão de espaço.

Constam como sugestões para estudos futuros: a) acompanhamento da evolução do pacote *Psychonetrics*, bem como de seus usos na pesquisa psicométrica; b) análises confirmatórias de testes psicométricos por meio de comparações de múltiplos modelos, incluindo o *Psychonetrics*; c) um estudo de caso comparando resultados de MEE em dois modos: com e sem o incremento proporcionado pela Análise de Redes.

REFERÊNCIAS

- ANUNCIAÇÃO, L. An Overview of the History and Methodological Aspects of Psychometrics. **Journal for ReAttach Therapy and Developmental Diversities**, v. 1, p. 44, 2018.
- BETZ, Linda T.; PENZEL, Nora; KAMBEITZ-ILANKOVIC, Lana; et al. General psychopathology links burden of recent life events and psychotic symptoms in a network approach. **npj Schizophrenia**, v. 6, n. 1, p. 1–8, 2020. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41537-020-00129-w>>. Acesso em: 10 Jan. 2022.
- BLACK, L.; PANAYIOTOU, M., HUMPREY, The special relationship of internalizing symptoms and wellbeing: A cross-validation study considering indicator-level associations beyond the dual-factor model of mental health. <https://doi.org/10.31234/osf.io/stajk>. Publicado em 12 Jun. 2020. Acesso em 9 Jan. 2022.
- BOKER, S. et al. Package “OpenMx.” 2022. Disponível em: <<https://cran.r-project.org/web/packages/OpenMx/OpenMx.pdf>>. Acesso em: 17 Jan. 2022.
- BORSBOOM, D.; MOLENAAR, D. Psychometrics. **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**, p. 418–422, 2015.

- BORSBOOM, Denny; DESERNO, Marie K.; RHEMTULLA, Mijke; et al. Network analysis of multivariate data in psychological science. **Nature Reviews Methods Primers**, v. 1, n. 1, 2021.
- BURGER, J. et al. Reporting Standards for Psychological Network Analyses in Cross-sectional Data. <https://doi.org/10.31234/osf.io/4y9nz>. 2020, November 28.
- CRAMER, A. O. J.; WALDORP, Lourens J.; VAN DER MAAS, Han L. J.; et al. Comorbidity: A network perspective. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 33, n. 2-3, p. 137–150, 2010.
- CRUZ, R. REIS, A.; CARLOTTO, P. Psicometria em Rede: Cérebro, Comportamento e Computadores. In: **Psicologia: Reflexões, Métodos e Processos**. Rio de Janeiro: Editora EPublicar, 2021, p. 230. Disponível em: <<https://editorapublicar.com.br/psicologia-reflexoes-metodos-e-processos-integrados-em-sociedade-cidade-espaco-e-tempo-meio-ambiente-gestao-preservacao-e-desenvolvimento-sustentavel-volume-3->>. Acesso em: 10 Jan. 2022.
- EDDELBUETTEL, D.; FRANÇOIS, R. Rcpp: SeamlessRandC++Integration. **Journal of Statistical Software**, v. 40, n. 8, 2011.
- EPSKAMP, S.; RHEMTULLA, M. ; BORSBOOM, D.. Generalized Network Psychometrics: Combining Network and Latent Variable Models. *Psychometrika*, v. 82, n. 4, p. 904–927, 2017a.
- EPSKAMP, S.; BORSBOOM, D.; FRIED, E. Estimating psychological networks and their accuracy: A tutorial paper. **Behavior Research Methods**, v. 50, n. 1, p. 195–212, 2017b. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.3758/s13428-017-0862-1>>.
- EPSKAMP, S. <http://sachaepskamp.com/>. Sacha Epskamp. Disponível em: <<http://sachaepskamp.com/>>. Acesso em: 10 Jan. 2022. 2018a.
- EPSKAMP, S. **Psychonetrics**. GitHub. Disponível em: <<https://github.com/SachaEpskamp/psychonetrics>>. Acesso em: 10 Jan. 2022. 2018b.
- EPSKAMP, S. The Ising Model in Psychometrics. In: *Handbook of Psychometrics*. New York: Wiley, 2018c. Disponível em: <<http://sachaepskamp.com/dissertation/Chapter8.pdf>>. Acesso em: 15 Jan. 2022.
- EPSKAMP, S. Psychometric network models from time-series and panel data. <https://doi.org/10.31234/osf.io/8ha93>. 25 Jun. 2019a
- EPSKAMP, S. **Llwnet: Latent Variable Network Modeling**. R-Packages. Disponível em: <<https://cran.r-project.org/package=lvnet>>. 2019b. Acesso em: 17 Jan. 2022.
- EPSKAMP, S. **Introducing psychonetrics, an R package for structural equation modelling and network psychometrics**. www.youtube.com. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VGImQ2M3-A>>. Acesso em: 10 Jan. 2022. 2020a.
- EPSKAMP, S. psychonetrics – An R package for confirmatory network modeling. *Psychonetrics.org*. Disponível em: <<http://psychonetrics.org/>>. Acesso em: 10 Jan. 2022. 2020b.
- EPSKAMP, S. Psychometric network models from time-series and panel data. **Psychometrika**, v. 85, n. 1, p. 206–231, 2020c.
- EPSKAMP, S.; ISVORANU, A.; CHEUNG, M. Meta-analytic Gaussian Network Aggregation. **Psychometrika**, 2021.
- EPSKAMP, S. WALDORP, L.; MÖTTUS, R; et al. The Gaussian Graphical Model in Cross-Sectional and Time-Series Data. **Multivariate Behavioral Research**, v. 53, n. 4, p. 453–480, 2018.

- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002, 175 p.
- GIUNTOLI, L.; VIDOTTO, G. Exploring Diener's Multidimensional Conceptualization of Well-Being Through Network Psychometrics. **Psychological Reports**, p. 003329412091686, 2020.
- GOLINO, H.; EPSKAMP, S.. Exploratory graph analysis: A new approach for estimating the number of dimensions in psychological research. **PLOS ONE**, v. 12, n. 6, p. e0174035, 2017.
- GOLINO, H.; LILLARD, A.S.; BECKER, I.; et al. Investigating the Structure of the Children's Concentration and Empathy Scale Using Exploratory Graph Analysis. **Psychological Test Adaptation and Development**, p. 1–15, 2021.
- ISVORANU, Adela-Maria ; EPSKAMP, Sacha. Which estimation method should we choose in network psychometrics? Deriving guidelines for applied researchers. *Psychological Methods*, 2021.
- ISVORANU, A.; EPSKAMP, S.; CHEUNG, M. Network models of posttraumatic stress disorder: A meta-analysis. **Journal of Abnormal Psychology**, v. 130, n. 8, p. 841–861, 2021.
- JOHAL, S.; RHEMTULLA, M. **Comparing Estimation Methods for Psychometric Networks with Ordinal Data**. <https://doi.org/10.31234/osf.io/ej2gn>. 7 Mai, 2021.
- JORDAN, D.; WINER, E.; SALEM, T. The current status of temporal network analysis for clinical science: Considerations as the paradigm shifts? **Journal of Clinical Psychology**, v. 76, n. 9, p. 1591–1612, 2020.
- KAN, K.; VAN DER MAAS, H.; LEVINE, S. Extending psychometric network analysis: Empirical evidence against g in favor of mutualism? **Intelligence**, v. 73, p. 52–62, 2019.
- KAN, K.; DE JONGE, H.; VAN DER MAAS, H.; et al. How to Compare Psychometric Factor and Network Models. **Journal of Intelligence**, v. 8, n. 4, p. 35, 2020.
- KAISER, T.; HERZOG, P.; VODERHOLZER, U.; et al. Unraveling the comorbidity of depression and anxiety in a large inpatient sample: Network analysis to examine bridge symptoms. **Depression and Anxiety**, 2021.
- LAI, Y.; HUANG, F. A Study on the Intention to Use the Online Face Mask Ordering System - An Application of Network Psychometrics. 2020 IEEE **2nd Eurasia Conference on Biomedical Engineering, Healthcare and Sustainability (ECBIOS)**, 2020.
- LEME, D. ALVES, E.; LEMOS, V.; et al. Network Analysis: A Multivariate Statistical Approach for Health Science Research. **Geriatrics, Gerontology and Aging**, v. 14, n. 1, p. 43–51, 2020.
- MAIR, Patrick. CRAN Task View: Psychometric Models and Methods. **cran.r-project.org**, 2021. Disponível em: <<https://cran.r-project.org/web/views/Psychometrics.html>>. Acesso em: 10 Jan. 2022.
- MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MARSMAN, M.; BORSBOOM, D.; KRUIS, J.; et al. An Introduction to Network Psychometrics: Relating Ising Network Models to Item Response Theory Models. **Multivariate Behavioral Research**, v. 53, n. 1, p. 15–35, 2017.
- NEVES, J. A. **Modelo de equações estruturais: uma introdução aplicada**. 1. ed. Brasília: ENAP, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.enap.gov.br/handle/1/3334>>. Acesso em: 10 Jan. 2022.

- PINTO, I.F.; CAMPOS, C.J.; SIQUEIRA, C. Investigação Qualitativa. **Acta Portuguesa de Nutrição**. Ano 14. N.1. Lisboa: 2018.
- PRIMI, R. Avaliação Psicológica no Século XXI: de Onde Viemos e para Onde Vamos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. spe, p. 87–97, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pcp/v38nspe/1982-3703-pcp-38-nspe1-0087.pdf>>. Acesso em: 25 Apr. 2021.
- REIS, A. Análise de dados em Psicologia: Um roteiro para aprendizagem de R e Python. In: SILVEIRA, Resiane (Org.). **Abordagens em Psicologia: Saúde Mental Cotidiana**. Formiga: Uniesmero, 2021, p. 141. Disponível em: <https://zenodo.org/record/5648422?fbclid=IwAR3xMX7SFIDgGQNSNTC--equQedNl77uhjSTQwClzssIVGz8lIbJDVxwWMw#.YYV_zG3MLre>. Acesso em: 10 Jan. 2022.
- SCHUMACHER, Lea; BURGER, Julian; ZOELLNER, Fionna; et al. Using clinical expertise and empirical data in constructing networks of trauma symptoms in refugee youth. **European Journal of Psychotraumatology**, v. 12, n. 1, 2021.
- ROSSEEL, Y. Lavaan: AnRPackage for Structural Equation Modeling. **Journal of Statistical Software**, v. 48, n. 2, 2012. Disponível em: <<https://users.ugent.be/~yrosseel/lavaan/lavaanIntroduction.pdf>>.
- RSTUDIO. **RStudio**. Disponível em: <<https://www.rstudio.com/>>. Acesso em: 10 Jan. 2022.
- SHAYGAN, M.; BOSTANIAN, P.; ZARMEHR, M.; et al. Understanding the relationship between parenting style and chronic pain in adolescents: a structural equation modelling approach. **BMC Psychology**, v. 9, n. 1, 2021.
- SPEYER, J; HALL, H.; USHAKOVA, A.; LUCIANO, M; MURRAY, A. L.; AUYEUNG, B. . **Dynamic Change in Socio-Emotional Development during Childhood and Adolescence**. <https://doi.org/10.31234/osf.io/wn6pb> 25 Fev. 2021.
- THAKKAR, Jitesh J. Introduction to Structural Equation Modelling. **Structural Equation Modelling**, p. 1–11, 2020.
- THE R FOUNDATION. R: **The R Project for Statistical Computing**. R-project.org. Disponível em: <<https://www.r-project.org/>>. Acesso em: 10 Jan. 2022.
- VAN DER MAAS, Han L. J.; DOLAN, Conor V.; GRASMAN, Raoul P. P. P.; et al. A dynamical model of general intelligence: The positive manifold of intelligence by mutualism. **Psychological Review**, v. 113, n. 4, p. 842–861, 2006.

Currículos dos Autores

Alessandro Vieira dos Reis

Bacharel em Psicologia pela UFSC. Psicometrista e cientista de dados. E-mail: alessandrovr@gmail.com

Alfredo Menotti Colucci

Alfredo Menotti Colucci, Psiquiatra, Psicanalista, Membro Efetivo e Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Charles Henrique Andrade de Oliveira

Mestre em Saúde Mental pela UPE campus Garanhuns; Especialização em Psicologia Clínica nas Instituições pela FAFIRE; Psicólogo clínico atuante em Centro Especializado em Reabilitação – CER- IV e Clínica InterArco – Terapias Integradas. E-mail: charles.andrade@fundacaoterra.org.br

Deise Bastos de Araújo

Mestre e Doutoranda em Ciências da Educação do Programa de Pós-graduação da Faculdade Interamericana de Ciências Sociais (FICS), membro pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Movimentos Sociais, Diversidade e Educação do Campo e da Cidade (GEPEMDECC / UESB). Professora de Educação Física da Educação Básica no município de Bom Jesus da Lapa-BA. E-mail: deisetkd@hotmail.com

Ederaldo José Lopes

Doutorado em Psicobiologia - USP. Pós-Doutorado em Filosofia da Mente e Ciências Cognitivas UFSCar. Docente Titular- UFU, Uberlândia, MG, Brasil.

Ellen Maria Oliveira de Sá

Acadêmica de Enfermagem. Bolsista no ambulatório de enfermagem em estomatoterapia da URCA, Integrante do grupo de pesquisa Clínica, Cuidado e Gestão em Saúde (URCA). ellen.sa@urca.br

Ingrid da Silva Rodrigues

Graduanda em Educação Física (UNIVERSIDADE PITÁGORAS UNOPAR). E-mail: silvaingrid8642@gmail.com

João Ricard Pereira da Silva

Doutor em Antropologia pela UFPE; Mestre em Psicologia Clínica pela UNICAP; Professor adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE) campus Garanhuns. E-mail: joaoricard@yahoo.com.br

Ludimila Eduarda Hreczynski da Silva

Professora da Educação Básica, Especialista em Educação Infantil, Letramento e Atendimento Educacional Especializado, ludimilamga@gmail.com

Marseilly Carvalho Oliveira Rocha

Mestrado em Psicologia da Saúde/Processos Cognitivos - UFU. Psicóloga Jurídica/Prisional no Presídio de Uberlândia I. Docente nos cursos de Psicologia e Direito - Uberlândia, MG.

Nilton S. Formiga

Doutorado em Psicologia Social UFPB. Pós-doutorado Psicologia UFRJ. Docente/Pesquisador Ecossistema Ânima/Universidade Potiguar.

Poliana Hreczynski Ribeiro

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE) na Universidade Estadual de Maringá (UEM), pollyannahre@hotmail.com

Sacha Epskamp

Pesquisador em Psicometria na Universidade de Amsterdã. E-mail: mail@sachaepskamp.com

Sandriely Tenório Feitosa de Assis

Discente do Curso de Bacharelado em Psicologia pela Universidade de Pernambuco – UPE campus Garanhuns. E-mail: sandriely.assis@upe.br

ISBN 978-659971252-4



EDITORIA
UNION